



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
LETRAS ENSINO DE LÍNGUA E LITERATURA  
MESTRADO**

**VALTEIR TPÊKRU XERENTE**

**OS SUBSTANTIVOS EM AKWĚ MRMĚZE: UMA PROPOSTA LEXICOGRÁFICA NA  
PERSPECTIVA DA IDENTIDADE XERENTE**

**ARAGUAÍNA-TO  
2019**

**VALTEIR TPÊKRU XERENTE**

**OS SUBSTANTIVOS EM AKWĒ MRMĒZE: UMA PROPOSTA LEXICOGRÁFICA NA  
PERSPECTIVA DA IDENTIDADE XERENTE**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura – PPGL, da Universidade Federal do Tocantins – UFT, Campus Universitário de Araguaína, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Orientador: Profº Dr. Francisco Edviges  
Albuquerque

**ARAGUAÍNA-TO  
2019**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

X6s Xerente, Valteir Tpêkru .

Os substantivos em Akwê Mrmêze: uma proposta Lexicográfica na perspectiva da identidade Xerente. / Valteir Tpêkru Xerente. – Araguaína, TO, 2019.

133 f.

Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) em Letras Ensino de Língua e Literatura, 2019.

Orientador: Francisco Edviges Albuquerque

1. Educação Escolar Indígena. 2. Povo Xerente. 3. Substantivos simples e compostos. 4. Indígena. I. Título

**CDD 469**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

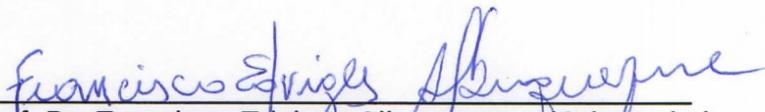
VALTEIR TPÊKRU XERENTE

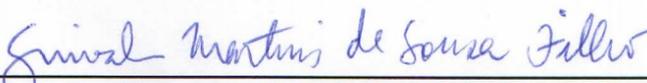
**OS SUBSTANTIVOS EM AKWĒ MRMĒZE: UMA PROPOSTA  
LEXICOGRÁFICA NA PERSPECTIVA DA IDENTIDADE XERENTE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura, Mestrado em Ensino de Língua e Literatura, da Universidade Federal do Tocantins, Campus Universitário de Araguaína, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre sob orientação do Prof. Dr. Francisco Edviges Albuquerque.

Aprovada em: \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Francisco Edviges Albuquerque (Orientador)

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Sinval Martins de Sousa Filho (UFG)

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Eliane Cristina Testa (UFT)

Dedico esta dissertação às minhas origens,  
à minha cultura, à convivência com o minha  
comunidade, e principalmente, à dignidade  
do povo Xerente (Akwẽ).

## AGRADECIMENTOS

Agradeço eternamente ao Waptokwazawre, Deus, por ter me guiado nessa caminhada.

À minha esposa Patrícia Brudi Xerente e aos meus filhos Keila Wakrtadi Xerente, Kênia Smĩkadi Xerente e Davi Srãpte Xerente que tanto sofreram com minha ausência durante o meu estudo deste trabalho na UFT durante dois anos de curso.

Ao povo Akwẽ Xerente que me apoiou e contribuiu diretamente na realização desse trabalho durante a minha pesquisa.

Ao meu Pai, Paulo Srêmtôwẽ Xerente, vice cacique que me deu total apoio e incentivo.

Aos meus Avós, Porfírio Wakuke Xerente e Albertina Mhõdi Xerente, os quais, com seus generosos conselhos e imensa sabedoria, concederam-me inúmeras informações.

Aos professores indígenas da Escola Estadual Indígena Waikarnãse, Arlindo Wdêkruwẽ Xerente, Maria Helena Wakrãrê Xerente, Helena Krukwanẽ Xerente, Manoel Sirnãrê Xerente, Rairam Wasde Xerente que foram muito importante as suas contribuições.

Aos professores da aldeia Porteira Nrõzawi, Antônio Samuru Xerente, Nelson Saporuze Xerente, Rosalina Sibakadi Xerente que contribuíram bastante nesse trabalho.

Ao diretor Davi Samuru Xerente e ao Coordenador Pedagógico Valci Sinã pela imensa contribuição na efetivação do meu trabalho.

Ao Silvino Sirnãwẽ Xerente, o Secretário da Escola Centro de Ensino Médio Indígena Xerente Warã pela prontidão em nos atender.

Ao meu orientador professor Dr. Francisco Edviges Albuquerque pela sensibilidade ao tema proposto para a pesquisa e pela oportunidade concedida a mim, por ser o terceiro indígena a ingressar no curso de mestrado.

Ao colega de pós graduação Paulo Hernandes Gonsalves da Silva, por ter me ajudado bastante na orientação do meu trabalho.

Aos professores Dr.Sinval Martins de Sousa Filho, Dra. Eliane Cristina Testa pelas considerações consistentes e observações feitas na qualificação.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação (PPGL/UFT) com quem tive a oportunidade de cursar algumas disciplinas, professor Dr. Márcio Araujo de Melo, Dra. Maria José de Pinho, Dra. Karylleila dos Santos Andrade e Dra. Luiza Helena Oliveira da Silva.

À minha amiga Raquel Palmeira de Oliveira e seu esposo parente Adriano Dias Gomes Karajá que me acolheram e me ajudaram nos meus primeiros momentos em Araguaína, minha eterna gratidão.

À SEDUC-TO, na pessoa do professor parente Waxiy Maluá Karajá, Gerente da Diversidade de Educação Escolar Indígena do Tocantins pelas informações concedidas.

À Ex-secretária de Estado da Educação do Estado do Tocantins, professora Wanessa Zavarese Sechim, pela concessão da minha licença de aperfeiçoamento para os estudos.

Aos colegas alunos do LALI- Laboratórios de Línguas Indígenas por todo apoio nos estudos.

À minha família pais, irmãos e irmãs que se preocuparam bastante com meus estudos longe da aldeia e me apoiaram incansavelmente.

Aos meus tios, tias, primos e primas que se preocuparam comigo e me deram apoio de incentivos com suas palavras de motivação.

Aos colegas de Curso de Letras de Pós-Graduação que tiveram respeito e carinho pela minha pessoa, que momento algum me tratou como indiferente. Obrigado pelo carinho e atenção.

## RESUMO

Esta dissertação apresenta um estudo sobre os substantivos em Xerente (Akwẽ Mrmẽze), abordando uma proposta léxicográfica numa perspectiva da identidade Xerente. Assim, teve como objetivo geral de relacionar e analisar os substantivos em Xerente (Akwẽ Mrmẽze), com a finalidade de contribuir com a educação escolar indígena, como material didático para professores das escolas akwẽ. A problemática de pesquisa visa a compreender as contribuições que os estudos linguísticos podem agregar à língua Akwẽ, especificamente quanto ao uso dos substantivos, além da investigação e documentação da língua Xerente e sua tradução para língua portuguesa. No que refere à metodologia, apresenta uma pesquisa etnográfica, com revisão bibliográfica, em que houve a descrição dos substantivos simples e compostos, bem como o seu processo de construção, com base em autores como Nimuendaju (1942), Guimarães (2002), Braggio (2015), Sousa Filho (2007) e Albuquerque (2013). Os resultados obtidos apresentam exemplos em língua materna de situações específicas da língua akwẽ: os nomes simples e compostos, bem como os nomes xerente de acordo com os clãs (divisão social do povo). Pode-se afirmar que esta dissertação pode contribuir significativamente para a formação de professor akwẽ, a partir do momento que passará a ser material de consulta, face à existência de um número reduzido de material linguístico (e menos ainda pedagógico) sobre a gramática na língua desse povo.

**Palavras-chave:** Educação Escolar Indígena. Povo Xerente. Substantivos simples e compostos. Indígena

## ABSTRACT

This dissertation presents a study about the nouns in Xerente (Akwẽ Mrmẽze), approaching a lexicographic proposal from a perspective of Xerente identity. Thus, its general objective was to relate and analyze the nouns in Xerente (Akwẽ Mrmẽze), with the purpose of contributing to indigenous school education, as didactic material for teachers of akwẽ schools. The research problem aims to understand the contributions that linguistic studies can add to the Akwẽ language, specifically regarding the use of nouns, in addition to the investigation and documentation of the Xerente language and its translation into Portuguese. Regarding the methodology, given the characteristics of the research, we opted for a study that could contribute to indigenous school education, and therefore, there is an ethnographic research and literature review, in which there was a description of nouns. simple and compound, as well as its construction process, based on authors such as Nimuendaju (1942), Guimarães (2002), Braggio (2015), Sousa Filho (2007) and Albuquerque (2013). The results show examples in mother tongue of specific situations of the akwẽ language: simple and compound names, as well as sherent names according to clans (social division of the people). It can be said that this dissertation contributes significantly to the formation of teacher akwẽ, from the moment that it will be consultative material, due to the existence of a small number of linguistic (and even less pedagogical) material about the grammar in the language of that teacher people.

**Keywords:** Indigenous School Education. Xerente people. Simple and compound nouns. Indigenous

## ROMWASKU KTURÊ

Tâkâhã hêsuka krâikrta wamhã romnîzem kuĩkre rehã wat wasku tô akwê mrmêzem nã, wanĩm romkmãdã tô kbure wasiwamsi smĩsi kuĩkre snã wat krsakra mnõ pibumã romnĩsizem krturê kãtõ ponkwanẽ ĩsnãkrta nẽhã. Are kbure wanĩm romkmãdã tô aimõ romnĩsizem kuĩkreze kuitab snã wat krsakram psê mnõ pibumã wasimrmêzem nã, wasimãzusze tô aimõ rowahtuzem nrõwa mba hã rowahtukwai nõrĩ tâkãhã romnîzem rehã hêsuka krâikrta nã wat waihã pibumã. Tãkãhã romnĩsizem mnõ ĩkwaimba ktabi wat kuĩkre pibumã tuiti, are kbure ro tô nõkwa têkwanĩ wamsi za kawaihuk, tanẽ pari mãtõ tokto ro tmã sikupsbinmrã pês, damrmêzem wamhã tê waihku pês saktẽ snã, romnĩsizem kuĩkre mnõ wasimrmêzem nã kãtõ dure ĩkwaimba ktãwankõ mrmêzem tmẽ krsi kmã spikrai mnõ pibumã. Are dure kmã wanĩpize tô akwê nĩm rowahtuzem nrõwa mba rowahdu wat kuintu pibumã, dawanã hã tô romnĩsizem mnõ kuĩkre snã. Wanĩm romkmãdkã nãhã rowahtuze aimõ rowahtukwai nõrĩ dawanã tê waihku kwa tô tahã nõrĩ: Nimuendaju (1942), Guimarães (2002), Braggio (2015), Sousa Filho (2007) kãtõ Albuquerque (2013). Tãkãhã romkmãdã aimõ ĩtkmã krãinĩstu hêsuka romnîzem rehã tetõ wam wasku pês, romnĩsizem siwaptom nãhã kãtõ wanĩsizem rehã. Tanẽnmẽ kãhã hêsuka krãikda ĩtkmã krãinĩstu pari dawanã snã tô rowahtukwai nõraimã zahã psê ktabdi tahawi zatõ aimõ wasimrmêzem sĩpko nãhã tê samãr waihku psêkw.

**Damrmẽ Nnãkrtaze:** Rowahtu Waihkuze wawaimba hã. Akwê Xerente. romnĩsizem krturê kuĩkre kãtõ romnĩsizem siwaptom kuĩkre.

**LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 – Os clãs com ilustração de Valci Sinã.....	22
Figura 2 – Localização das aldeias Xerente dadas por Curt Nimuendaju.....	32
Figura 3 – Mapa com a localização do povo Xerente.....	42

**LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 – Dados da Educação Escolar Indígena no Estado do Tocantins.....	43
Quadro 2 – Escolas nas aldeias do povo Xerente.....	45
Quadro 3 – Substantivos simples.....	53
Quadro 4 – Substantivos compostos.....	55
Quadro 5 – Antropônimos separados por clãs.....	58

## LISTA DE SIGLAS

CEEI – Comitê de Educação Escolar Indígena  
CGAEI – Coordenação Geral de Apoio às Escolas Indígenas  
FUNAI – Fundação Nacional do Índio  
LALI – Laboratório de Línguas Indígenas  
LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação  
MEC – Ministério da Educação e Cultura  
PPGL – Programa de Pós-graduação em Letras  
RCNEI – Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas  
SEDUC – Secretaria de Educação do Estado do Tocantins  
SEPLAN – Secretaria de Planejamento do Estado do Tocantins.  
SIL – Summer Institute of Linguistics  
SPI – Serviço de Proteção ao Índio  
SVO – Sujeito + Verbo + Objeto  
UFG – Universidade Federal do Goiás  
UFT – Universidade Federal do Tocantins

## SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	14
CAPÍTULO I – ASPECTOS SOCIOHISTÓRICOS DO POVO XERENTE.....	19
1.1 História de contato do povo Akwẽ Xerente.....	19
1.2 População e localização do povo Akwẽ Xerente.....	20
1.3 Organização social do Xerente.....	21
1.4 Formato da aldeia Xerente de antigamente.....	22
1.5 Pintura corporal do Povo Akwẽ Xerente.....	23
1.6 Festas tradicionais do povo Xerente.....	24
1.7 Nomeação feminina.....	25
1.8 Nomeação masculina.....	25
1.9 Corrida de tora de buriti.....	27
1.10 Origem da mulher.....	28
1.11 Casamento tradicional do povo Akwẽ Xerente.....	29
1.12 Aspectos sociolinguísticos.....	30
CAPÍTULO II – PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS.....	33
2.1 Os estudiosos/teóricos do povo Xerente.....	33
2.2 A metodologia da pesquisa.....	38
2.2.1 Características da pesquisa: o foco na etnografia e no pesquisador.....	39
2.2.2 Percurso metodológico: foco nos registros em diário de campo.....	39
CAPÍTULO III - OS SUBSTANTIVOS SIMPLES E COMPOSTOS NA LÍNGUA XERENTE.....	42
3.1 A educação escolar indígena e a formação de professores: perspectivas sociolinguísticas .....	42
3.2 A gramática brasileira e os empréstimos linguísticos.....	50
3.3 A língua Akwẽ Xerente: breves considerações fonológicas, morfológicas e lexicográficas.....	52
3.4 Os substantivos na língua Xerente.....	56
3.4.1. Substantivos simples em Xerente.....	57
3.4.2 Substantivos compostos em Xerente.....	58

3.4.3 Antropônimos Xerente separados por clãs.....	61
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	70
Referências.....	72
Apêndice A – Glossário.....	79

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho é resultado da pesquisa intitulada “Os substantivos em Akwẽ Mrmẽze: uma proposta lexicográfica na perspectiva da identidade Xerente”, desenvolvida com o povo de mesmo nome localizados no estado do Tocantins. Os Xerente fazem parte da família linguística Jê e do Tronco Linguístico Macro-Jê, segundo Rodrigues (1986). Essa dissertação foi apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras: Ensino de Língua e Literatura – PPGL, da Universidade Federal do Tocantins – UFT, Campus Universitário de Araguaína, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, sob a orientação do professor Doutor Francisco Edviges Albuquerque.

O povo Xerente, autodenominados Akwẽ, forma juntamente com os Xavante (autodenominados Awẽ), de Mato Grosso, o ramo central das sociedades de língua Jê. Quanto ao território Xerente, que é composto pelas Terras Indígenas Xerente e Funil, fica localizado no cerrado tocantinense, na margem leste do rio Tocantins, 70 km ao norte de Palmas (capital). Historicamente, vale a evidência de que a cidade de Tocantínia, localizada entre as duas terras, tem sido espaço de tensões entre a população local não-indígena e os Xerente (AZANHA; LADEIRA, 1996).

Evidencie-se, de acordo com Braggio (2000), que existem alguns relatos orais indígenas que levantam a hipótese de que os Akwẽ teriam em tempos imemoriais ocupado áreas próximas ao mar. Entretanto, a historiografia oficial assinala que os primeiros contatos entre os Akwẽ e segmentos não-indígenas remontam ao século XVII, com a chegada de missões jesuítas e colonizadores (bandeiras e entradas) ao centro-oeste brasileiro.

Ainda na perspectiva histórica, no século XVIII, conforme Luz (1999) com a descoberta de minas de ouro, intensificou-se a colonização dos territórios indígenas localizados na então chamada Capitania de Goiás. Entre 1750 e 1790 registrou-se a construção dos primeiros aldeamentos indígenas financiados pela Coroa. Visavam a abertura do território através da atração e pacificação dos diversos povos indígenas ali localizados. Parte dos Akwẽ (Xavante, Xerente, Acroá, Xacriabá), além dos Javaé e Karajá, entre outros, viveram temporariamente em alguns desses aldeamentos (Duro, Formiga e Pedro III, também conhecido como do Carretão), para em seguida rebelarem-se e se refugiar em regiões menos povoadas, ao norte da Capitania. E como

se vê, a intromissão do não-indígena há muito tem trazido consequências à etnia Xerente.

Na mesma perspectiva, desde a fundação do Estado do Tocantins, em 1989, o território Xerente é foco das atenções regionais (e nacionais) devido a sua localização estratégica. Encontra-se atualmente rodeado de projetos de desenvolvimento incentivados pelos governos federal e estadual, em parceria com a iniciativa privada. Desta forma, torna-se relevante, frente ao contato de Xerente e não-indígenas, inclusive pela intervenção de obras (desenvolvimentismo) na região, que a educação para os povos indígenas seja uma educação com propósitos de manutenção linguística (WEWERING, 2012).

Esta dissertação teve o objetivo principal de realizar estudo sobre uma proposta lexicográfica dos substantivos em Xerente (Akwẽ Mrmẽze). Abordamos especificamente os substantivos simples e compostos. Este trabalho fornece ao leitor informações sobre o uso dos substantivos simples e compostos em língua materna Akwẽ Mrmẽze.

A abordagem teórica baseou-se em autores como Mattos (1973), Mattos (1981), Krieger e Krieger (1994), Braggio (2005), Souza Filho (2007); Mesquita (2009). A pesquisa linguística contribuiu, assim, com a educação escolar bilíngue do Povo Akwẽ-Xerente. Conforme os dados da FUNAI de Tocantínia (2018), o povo (Akwẽ) Xerente possui uma população aproximada de 4.115 pessoas distribuídas em 82 aldeias. A área Indígena Xerente é regulamentada pelo decreto nº 71.107, de 14 de setembro de 1972, é de 183.245,90 hectares. Porém existe também a reserva da Terra Indígena do Funil, regulamentada através da portaria 644/E, de 13/11/79, que estabeleceu 15.703 hectares demarcados ao de 1991.

O povo Xerente se autodenomina Akwẽ (indivíduo resistente, forte, gente, pessoa), que se subdividem em duas metades: *dohi tdêkwa* e *ĩsake tdêkwa* e seis clãs conhecidos pelo Povo Akwẽ internamente pelos clãs defronte, conforme sua origem. A reciprocidade prevalece entre os clãs defronte como por exemplos Kuzã Wahirê Kbazi ĩsake Krito e Krãiprehi propriamente conhecidos pelos Akwẽ. As pinturas corporais são diferentes em cada um dos partidos, prevalecendo o círculo, na metade *Dohi*, e o listra que identifica os clãs da metade *Ĩsake*. O material utilizado para a pintura durante as festas e comemorações Akwẽ-Xerente são o 'jenipapo' (*wdêkrã*), o 'pau-de-leite' (*arẽmsku*), o 'urucum' (*bã*) e o 'carvão' (*wdêpro*). Em relação à nomeação, cada um dos

partidos Akwẽ-Xerente possui determinados ‘nomes próprios’ (*danĩsize mnõ*) – passados a cada nova geração, os quais são responsáveis pela organização sociocultural Akwẽ-Xerente.

Vale observar que a própria composição dos nomes próprios Akwẽ geralmente se refere a elementos da natureza, como nomes de plantas e de animais (ou de suas partes) e / ou, ainda, a determinadas habilidades e características destes seres naturais. Alguns exemplos são, *Sdupudi* (*sdupu* ‘pica-pau’ + *-di*: Nominalizador = “nome próprio feminino Xerente”) e *Hêspomẽkwa* (*hêspo* ‘banana’ + *-mẽkwa*: Nominalizador = “nome próprio masculino”).

Assim, cada nome próprio possui um ‘cântico de nomeação’ (*danõkrê danisize wam hã*), uma espécie de “registro de identidade” do nome recebido. A escolha dos nomes e a permissão ou não de sua utilização são determinados pelos clãs. Os nomes estão, ainda, relacionados às “formas de respeito” e às formas de tratamento em Akwẽ. Essas formas são utilizadas antes dos nomes próprios ou, ainda, os substituem em alguns contextos de uso como, por exemplo, ‘*ĩnõrê*’ (forma de respeito ao irmão mais novo de homem), e ‘*ĩkumre*’ (forma de respeito ao irmão mais velho de homem).

Os principais ‘rituais comunitários’ (*akwẽ sipsêze*) Akwẽ-Xerente são a festa de nomeação masculina (*kwatbremĩ nĩsize mnõ*) e feminina (*baktõ nĩsize mnõ*), a ‘corrida de tora’ (*kuĩwdê nã dawra*) e o ‘batizo do milho’ (*nãnmãzu*). Elementos naturais importantes são o ‘coco’ (*nrõ*), a ‘mandioca’ (*kupa*), o ‘milho’ (*nãnmã*), o ‘buriti’ (*pizu wdê*).

O *pizu wdê* (‘buriti’), por exemplo, além de ser alimento dos Akwẽ, é utilizado na construção de suas ‘casas’ (*kri*), usado como ‘remédio tradicional’ (*akwẽ sikunmõze*), nos ‘artesanatos’ (*akwẽ nĩm romkmãkwamãrĩ*) e é, também, elemento essencial na ‘corrida de tora’ (*kuĩwdê nã dawra*). Todas as toras utilizadas na “corrida” são ornamentadas a partir de dois desenhos: do ‘jabuti’ (“*Stêromkwa*”) e da ‘sucuri’ (“*Htãmhã*”). Esta corrida é realizada, por exemplo, na ‘festa de nomeação’ (*danõkrê dasĩpsê wam hã*) dos meninos, evento no qual o *Padi* (“Tamanduá”), um ser da mitologia Akwẽ (c.f. NIMUENDAJÚ, 1942), se apresenta para a comunidade.

Apesar do contato forte e interferência pela sociedade neo-brasileira os Akwẽ ainda registem com seus costumes crenças, hábitos e tradições milenares e sua língua materna as pescarias, as caçadas, as cantorias e o conhecimento tradicionais não citados.

Nesta perspectiva, esta dissertação apresenta o objetivo geral de relacionar analisar os substantivos em Xerente (Akwẽ Mrmẽze), com a finalidade lexicográfica, bem como de contribuir com educação escolar indígena, como material didático para professores das escolas akwẽ. Sendo os principais objetivos específicos:

- a) Contribuir com os estudos linguísticos para a língua Akwẽ, como fonte de pesquisa sobre as línguas do Troco Macro-jê, além de investigar e documentar a língua Xerente fornecendo a tradução para língua portuguesa;
- b) Registrar a grafia dos substantivos simples e compostos em Xerente Akwẽ Mrmẽze, sistematizando os substantivos na língua akwẽ, numa perspectiva de glossário;
- c) Apresentar aspectos sociolinguísticos do povo, bem como da importância da formação de professores para a educação escolar indígena promotora de manutenção da língua materna.

Desta forma, a presente dissertação foi dividida em três capítulos: O primeiro diz respeito aos aspectos sóciohistóricos, culturais e linguísticos do povo Xerente (Akwẽ), uma vez que é preciso conhecer a comunidade para poder entender a relação entre a língua majoritária envolvente e a língua materna desse povo; O segundo capítulo apresenta bases teóricas e metodológicas, com ênfase em estudos dos Xerente (Akwẽ), ao longo das últimas décadas, bem como apresenta o caminho e a metodologia percorrida para que se alcançasse o objetivo proposto; Por fim, o terceiro capítulo dados sobre a educação escolar Xerente, a formação de professores e os aspectos lexicográficos que envolvem os substantivos simples e compostos na língua materna.

Um motivo de grande importância para a realização deste estudo lexicográfico com substantivos em Xerente Akwẽ Mrmẽze é que a maioria dos professores indígena Akwẽ Xerente ainda escreve do seu jeito, ou seja, do seu entender. Outro motivo para a realização deste projeto é a existência de um número reduzido de material linguístico (e menos ainda pedagógico) sobre a gramática na língua Akwẽ.

No Brasil, há poucos estudos de lexicografia e de lexicologia de línguas indígenas resultando na produção de dicionários, como os de Weiss (1998), Silva (2003) e Alves (2004). O que encontramos, em grande parte sobre a língua Akwẽ, são alguns artigos, teses e dissertações sobre a fonologia e a morfossintaxe dessa língua. A situação de outras línguas do tronco linguístico Macro-Jê é a mesma.

Dessa forma, um estudo do léxico dos substantivos em Xerente Akwẽ Mrmẽze contribuiria para a divulgação dos diversos tipos de conhecimentos expressos através do Akwẽ, bem como complementaria os estudos que vêm sendo realizados até o presente, uma vez que léxico e identidade se coadunam, se completam e são marcas de uma cultura.

Vale esclarecer que esta pesquisa tem fim lexicográfico, especificamente numa perspectiva de glossário, apresentando a formação dos substantivos simples e compostos, por meio de listas com alguns exemplos, compreendendo-se que, segundo Biderman (2001), o léxico é o patrimônio social porque resulta das experiências vivenciadas e aglomeradas pelas sociedades e culturas diacronicamente, inclusive confirmando como ocorre o processo de recriação e mudança do processo linguístico ao longo dos tempos, permitindo a expansão, a redução ou, até mesmo, a incorporação vocabular de uma língua para outra.

O idioma Xerente (idioma co-oficial ao lado do Português, no município de Tocantínia/TO, pela lei municipal Nº 04/2012, de 13 de abril de 2012), é falado por cerca de quatro mil índios Xerente que habitam as 64 aldeias em duas áreas indígenas contíguas (Área Indígena Xerente e Área Indígena do Funil), com um total de 183.245,902 hectares, no município de Tocantínia, Estado do Tocantins.

## **CAPÍTULO I**

### **ASPECTOS SOCIOHISTÓRICOS DO POVO AKWĒ XERENTE**

Neste capítulo, abordaremos questões referentes ao povo indígena Xerente. Apresentaremos dados sobre sua história de contato com os não indígenas, mais precisamente com os fazendeiros, posseiros e com a população das cidades vizinhas. São apresentadas, também, informações sobre como eles suplantaram a situação inicial de escravidão, as invasões de suas terras e os massacres por parte dos criadores de gado da região. Além disso, destacamos questões socioculturais, e sociolinguísticas do povo Xerente com destaque para as situações atuais de todas as aldeias. Para isso, baseamo-nos em estudos de Nimuendajú (1942), Braggio (2000), Guimarães (1996), Sousa Filho (2007) dentre outros.

#### **1.1 História de contato do povo AkwĒ Xerente**

De acordo com Braggio (2000) existem alguns relatos orais dos velhos wawĕ indígenas que levantam a hipótese de que os akwĕ teriam em tempos imemoriais ocupados áreas próximas ao mar. Entretanto, a historiografia oficial assinala que os primeiros contatos entre os akwĕ e segmentos não indígenas remontam ao século XVII, com a chegada de missões jesuítas colonizadores (bandeiras e entradas) ao centro oeste-brasileiro.

Entre 1750 e 1790 registrou-se a construção dos primeiros aldeamentos indígenas financiados pela Coroa. Visavam a abertura do território através da atração e pacificação dos diversos povos indígenas ali localizados. Parte dos Akwĕ (Xavante, Xerente, Acroá, Xacriabá), além dos Javaé e Karajá, entre outros, viveram temporariamente em alguns desses aldeamentos (Duro, Formiga e Pedro III, também conhecido como do Carretão), e após rebelarem, refugiaram-se em regiões menos povoadas, ao norte da Capitania.

Conforme Luz (1999) os estudos feitos pelos pesquisadores afirmam que no século XVIII, com a descoberta de minas de ouro, intensificou-se a colonização dos territórios indígenas localizados na então chamada Capitania de Goiás.

## 1.2 População e localização do povo Akwẽ Xerente

O Povo Akwẽ Xerente, que, segundo Rodrigues (1986) pertence ao Tronco Macro-Jê e à Família Linguística Jê. O Povo Xerente se autodenomina Akwẽ (indivíduo resistente, forte, gente, pessoa), que se subdividem em duas metades: *dohi tdêkwa* e *ĩsake tdêkwa* e seis clãs conhecidos pelo Povo Akwẽ internamente pelos clãs defronte, conforme sua origem.

O Povo Akwẽ Xerente ocupa as áreas indígenas denominadas T.I. Xerente (delimitada pelo Decreto 71.107 de 14/09/72, demarcada pelo Decreto 76.999 de 8/01/76 e homologada pelo Decreto 97.838, de 16/06/89, com extensão de 167.542,105 hectares) e a T.I. Funil (delimitada pela Portaria 1.187/E/82 de 24/02/82 e homologada pelo Decreto 269 de 29/10/91, com extensão de 15.703,797 hectares), totalizando 183.245,902 hectares. Segundo dados da FUNAI de Tocantínia 2018, atualmente a população Xerente é de 4.115 indivíduos, distribuídos em 82 aldeias e nas cidades de Tocantínia.

As aldeias localizam-se ao longo dos cursos de água, entre uma paisagem de cerrado e mata de galeria. As aldeias grandes são: Porteira (450), Salto (465), Funil (303), Rio do Sono (104) e Brejo Comprido (136), mas a maioria contava com contingentes em torno de 50 pessoas, havendo assentamentos bem menores, todos reconhecidos pelo status de aldeia. Consideramos aldeia um grupo social politicamente autônomo, com seu cacique, sendo reconhecida como tal pelos demais e pelos órgãos públicos. Essas aldeias localizam-se em terras que também servem de vias de acesso entre municípios do Estado, o que faz com que haja uma forte pressão por parte das autoridades dos municípios para que os Xerente aceitem a pavimentação das estradas que cortam seu território. Segundo Nimuendaju (1939), os Akwẽ, um ramo dos Jê Central, reuniam os Xerente, Xavante e Xacriabá.

As primeiras notícias sobre os Xerente não fazem uma distinção clara entre estes e os Xavante. Para o autor, os dois grupos tinham essencialmente a mesma língua e costumes, distinguindo-se no sentido político e espacial. Houve uma cisão entre os dois grupos, em 1850, quando os Xavante dirigiram-se definitivamente para oeste, atravessando o rio Araguaia, enquanto os Xerente permaneceram em ambas as margens do rio Tocantins. A partir então de 1859, as citações distinguem claramente os

Xerente dos Xavante. Essas primeiras notícias sobre os Xerente-Xavante referem-se a sua resistência aos garimpeiros que vieram do sul, atingindo seu território tradicional - a mesopotâmia Araguaia-Tocantins e seu lado oriental.

Em 1845, o missionário Rafael de Taggia estabelece uma escola entre os Xerente, dirigida pelo frei capuchinho Antonio de Ganges, que permaneceu na região de 1851 a 1899 e, em 1851, é fundada Piabanha, hoje Tocantínia, com o registro de 2.139 índios. Em Samuru Xerente (2012) encontramos referências ao processo de redução populacional dos Xerente, decorrente da expansão da frente colonizadora nacional, que demonstra o caráter impactante do processo de conquista de território e dominação social. Em 1900, os Xerente somavam 1.360; em 1929, 800, chegando a 1957 com 350 pessoas.

Segundo Guimarães (1996), a etnografia sobre os Xerente foi feita em três momentos separados entre si por um intervalo de vinte anos em média. O primeiro estudo etnográfico sobre essa sociedade é de autoria do etnólogo alemão Curt Nimuendaju, cujos manuscritos, resultado de trabalho de campo realizado em 1930 e 1937, foram traduzidos para o inglês por Lowie (1941), para impressão em 1942. O segundo estudo é do antropólogo inglês David Maybury-Lewis, que antes de estudar os Xavante, outro grupo Akwe, esteve entre os Xerente em 1955 e 1963, voltando posteriormente em 1984. O terceiro momento tem sua pesquisa de campo entre os anos de 1983 e 1987, realizada sobre pintura corporal, tomada enquanto linguagem simbólica da organização social dos Xerente.

### **1.3 Organização social dos Xerente**

Os Xerente, assim como os demais integrantes da família Jê, desenvolveram uma organização social complexa que obedece a um sistema de clãs patrilineares e constitui-se numa sociedade com princípio da dualidade, isto é, tem como critério ordenador a antítese ou a oposição mediada. Conforme Tpêkru (2011), os Xerente se organizam em duas metades: Wahirê e Doí e os clãs patrilineares se distribuem vinculados a essas duas metades.

De acordo com a cultura akwê, o pertencimento a um desses clãs é determinado por linha paterna, os filhos pertencem ao mesmo clã do pai. O indivíduo, portanto, já nasce fazendo parte de um clã e será diferenciado pelo nome que terá e pelos adornos e pinturas corporais que poderá usar.

#### 1.4 Formato da aldeia Xerente de Antigamente

Na história contada pelos nossos “wawê” (velhos), conforme Tpêkru (2011), as aldeias eram organizadas em formatos de ferradura ou meia lua, a partir de metades e clãs. A aldeia tinha por sua vez a forma de uma meia lua e ferradura, com a parte aberta da meia lua voltada para o por do sol e o fundo da aldeia voltado para o nascer do sol, de onde também saía o caminho da fonte. Essa característica da aldeia tradicional facilitava o relacionamento de parentes e clãs próximos. A metade “ĩsupto tdêkwa” (dono dos círculos) se localizava ao norte e, ao sul a outra metade, “ĩsake tdêkwa” (dono das listras), ambos com seus respectivos clãs.

De acordo com Waikazate nossas casas ficavam com portas de frente para o pátio, “Warã,” da aldeia. O Warã antigamente era um centro de ensinamento onde os mais velhos considerados como mestre doutores representante de cada metade dos clãs, transmitiam tudo a respeito dos nossos conhecimentos tradicionais do mundo akwê para futuras gerações dos mais jovens. Antigamente as práticas educativas tradicionais do Povo akwê são institucionalizadas através do warã. Mesmo que o warã é um espaço de educativo, também é considerada uma espécie de fórum onde são decididas as questões que envolvem os interesses do povo akwê. Essas práticas de ensino no warã ocorriam continuamente e de uma forma sistematizada. Atualmente essas práticas de ensino não acontecem mais no nosso meio. Elas ocorrem somente quando acontecem as festa de dasĩpê, ou seja, quando se realiza festa tradicional da cultura akwê. Durante a realização do dasĩpê os conhecimentos tradicionais são atualizados e reafirmados para o presente os ensinamentos dos jovens, o respeito, as regras e as normas próprias do Povo Akwê Xerente (TPÊKRU, 2011).

A concepção de educação dos anciãos Akwê - Xerente é diferente dos entendimentos dos professores indígenas da atualidade. Os anciãos receberam uma educação tradicional, que valoriza os mitos, os costumes, as crenças, os rituais, a história, a cultura do seu povo, em que a forma de ensinar se dava através das narrativas dos mitos, dos discursos e da repetição. Esta educação tradicional indígena Xerente, consistia numa espécie de “obrigação” dos mais velhos, sendo usual que os homens ensinassem os jovens do sexo masculino e as mulheres ensinassem as jovens do sexo feminino (SAMURU XERENTE, 2012).

Segundo descreve o mesmo autor, as mulheres aprendiam em casa com as avós, tias-avós, tias, mães e outras. O ensinamento concedido às jovens-meninas era

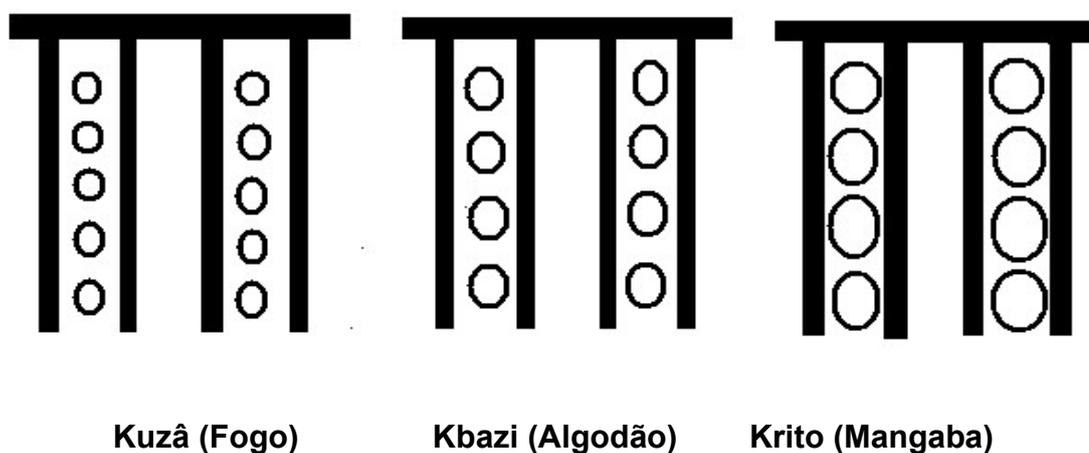
voltado para os afazeres da casa, a busca de lenha e água, preparo de alimentos, confecção de utensílios em palha (principalmente da palha do buriti), coleta de ervas para o preparo de remédios. Os ensinamentos dado aos jovens-meninos era mais voltado para a caça, pesca e coleta de materiais para confecção de utensílios, dentre outros.

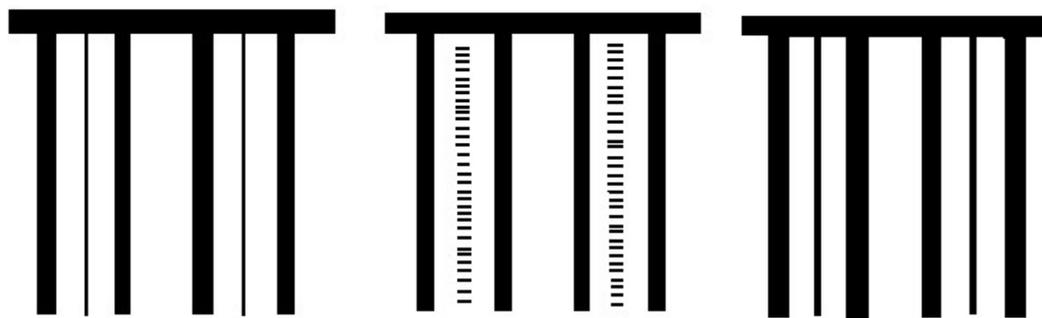
### 1.5 Pintura corporal do Povo Akwẽ Xerente

No Povo Akwẽ Xerente existem seis clãs, com seis pinturas diferentes, respectivamente quais sejam: “kuzâp tdêkwa, kbazi tdêkwa, krito tdêkwa, ãzake tdêkwa, wahirê tdêkwa e krãiprehi tdêkwa”. Essas são divididas em duas metades: “Dohi tdêkwa” e “Ãsake tdêkwa”.

O “dohi tdêkwa” quer dizer dono de círculos, que são: “kuzâp tdêkwa” significando dono de fogo que se pinta de círculo menor, “kbazi tdêkwa” sendo o dono de algodão, ora se pintando de círculo médio e “krito tdêkwa” que é o dono de mangaba, que se pinta de círculo grande. “Ãsake tdêkwa” quer dizer dono de listras que são “wahirê tdêkwa” significa o dono de talo de buriti, “ãzake tdêkwa” dono de algo que tem listra e “krãiprehi tdêkwa”, que, quer dizer pessoa que tem cabeça vermelha, ou seja, cabelo vermelho. Para o Povo Akwẽ Xerente a pintura corporal significa identidade, através da pintura corporal, também os akwẽ se respeita onde chamamos de “wasisdanãrkwa” (o nosso consultor) que é clãs parceiros relativos. Os parceiros relativos são: “kuzâ” com o “wahirê”, “ãzake” com “kbazi” e “krito” com “krãiprehi”.

**Figura 1- Os clãs com ilustração de Valci Sinã**





**Wahirê (Talo de buriti)  
vermelha)**

**Ìzake (Listra)**

**Kräiprehi (Cabeça**

Fonte: Sinã (2011)

A partir dessas pinturas também os akwẽ xerente é chamadas de dualista, pois todas as coisas que são feitas no meio do Povo Akwẽ Xerente são feita de dois, ou seja, dual, como por exemplo, o discurso de casamento ele é feito de dupla, uma da parte do noivo e outra da parte da noiva, isso também com pintura diferente, ou seja, clãs parceiros relativos “wasisdanãrkwa/dasisdanãrkwa”. Portanto, essas são as regras da cultura do Povo Akwẽ Xerente, consoante a Samuro Xerente (2012).

### **1.6 Festas tradicionais do povo Xerente**

De acordo com as histórias contadas pelos nossos antepassados, vamos deixar registrado um pouco do conhecimento sobre a festa tradicional do povo Xerente. Antigamente, para se realizar a festa tradicional, primeiramente acontecia uma reunião entre os anciãos da aldeia e, ali, eles combinavam tudo sobre o que iria acontecer durante a realização da festa. Também, era escolhido o local onde se realizaria a festa.

Depois da escolha do local, também era escolhido os mensageiros e eles são enfeitados pelos clãs parceiros da aldeia. Esse mensageiro fica responsável em convidar pessoas de outras aldeias diferentes. Após o convite do povo, com a chegada de várias pessoas de aldeias diferentes, começa a festa cultural.

Durante a festa, todos os dias aconteciam as “daprba” (danças tradicionais), os danõkrê (cânticos) e “kũiwê nã dawra” (a corrida de tora de buriti) que são chamadas “kũiwê krtõrê” (tora de buriti pequeno). Essa corrida é realizada de manhã e a tarde.

Quem prepara a tora de buriti são somente os “danõhuĩkwa” (mensageiros), que são os que podem trabalhar nesse preparo.

### 1.7 Nomeação feminina

Os nomes das meninas são dados de acordo com os clãs. Cada clã tem os nomes e quem escolhe os nomes são os “wawẽ” (velhos). Nas nomeações das “aikde” (crianças), elas são pintadas e são colocados enfeites pelos clãs que são parceiros muito respeitados por este outro clã. Por exemplo: os clãs de “kuzâp tdêkwa” são pintados pelo “wahirê tdêkwa”, e os clãs de “kbazi tdêkwa” são pintados pelo “ĩsake tdêkwa”, e os clãs “krito tdêkwa” são pintados por “krãiprehi tdêkwa”.

Nas nomeações, os tios das meninas pegam nas mãos delas e saem com elas para fora da roda da festa. Isso acontece nos pátios e termina nas casas dos parentes das meninas. Os tios são maternos e os nomes que são dados nas nomeações são iguais aos registros dos cartórios. Com isso, as meninas passam a ser reconhecidas e chamadas pelo nome que foram dados pelos velhos, nas festas.

As nomeações das meninas são encerradas com os nomes “Wakedi” e “Brupahi”. O nome ‘Wakedi’ pode ser nome masculino e também feminino e não tem tradução. ‘Brupahi’ é nome feminino. Esse nome vem do pássaro “andorinha”.

### 1.8 Nomeação masculina

Para a introdução da festa de nomeação dos meninos costuma-se sair os nomes “Waikwadi” e “Brupahi”. O nome ‘Waikwadi’ vem do peixe “pacu” e ‘Brupahi’, do nome “andorinha”. Ambos os nomes, são “abertura” para todos os outros nomes.

Também durante o período de festa, os mensageiros responsáveis preparam “kũiwde nã dawra” (a corrida de tora de buriti) para adornar a festa do Povo Akwẽ Xerente. Na nomeação dos meninos, também se costuma fazer preparação dos “danõkrê” (cânticos), em espaço reservado fora da aldeia, com acesso restrito para as mulheres. Os cânticos da mata ficam na responsabilidade dos anciãos ou pajé, onde são conduzidas por eles as letras das sete músicas e, além disso, eles escolhem pessoa de outra metade em duas turmas, uns canta um lado, depois o outro responde repetindo a música.

A maioria dos jovens akwê Xerente não consegue cantar igualmente dos mais velhos, pois o ritmo e a melodia das cantigas são difíceis, sendo que é reconhecido e conhecido por todos os Xerente, embora alguns tenham mais habilidade para o canto. Cantam postados em círculos, deslocando-se para um lado esquerdo e para o lado direito, marcando o ritmo com a batida de um bastão “kupsdi” preparado ali mesmo. Para finalizar o ritual do “kbuhuĩkwa”, ou seja, os cânticos da mata os ancião da ordem a todos ali presente se dividir por metade: dohi tdêkwa e ĩsake tdêkwa. Também são escolhidos “dakmãhrâkwa” nomeadores, duas mulheres e um homem do clã ĩsake tdêkwa e duas mulheres e um homem do clã dohi tdêkwa “dazazêikwa” confirmadores. Todos eles são enfeitados por seu dasisdanãrkwa clãs correspondentes. Continuando o ritual o ancião faz a divisão por metade em forma de fileira, e assim inicia-se a pintura com carvão nas pernas e no rosto pelo chamado de wasisdanãkwa ou dasisdanãkwa, clã parceiro ou correspondente.

Seguindo a realização das pinturas chegam o momento mais importante do dia antes da saída da mata, o romkrêptkã discurso tradicional dos mais velhos do Povo Akwê. Esses discursos se tratam diretamente do conselho aos jovens para que eles possam ter um mínimo de respeito e ser obediente dos seus clãs parceiro, ou seja, do “wasisdanãrkwa/dasisdanãrkwa”. Após todos anciãos das duas metades terminarem os discursos iniciam-se a saída dos homens deixando a mata, todos eles com bastão na mão cada um caminhando devagarzinho com seu corpo curvado, em duas filas, cada metade de um lado. Chegando ao centro da aldeia, ou seja, no pátio eles ficam em duas filas uma de frente para a outra imitando um confronto todos com bastão fazendo sons de gemido, assim eles se cruzam sem poder tocar no bastão do outro, segundo os mais velhos se caso acontecer um toque entre o companheiro a pessoa esta em risco de morrer a qualquer momento. Esse movimento de cruzamento entre eles são repetidos em três vezes. Finalizando o momento de cruzamento eles se dividem novamente em duas fileiras, onde logo em seguida são chamados os nomeadores entre as filas um grupo defrente o outro, sempre sob orientação de um ancião. Tudo pronto, e começa a nomeação masculina, a abertura de nomes não se pode iniciar de qualquer forma: tem estar de acordo com a metade dos clãs, como por exemplo: dohi tdêkwa os que se pintam de círculos na abertura costume sair o Srêmtôwê, Kumnãse e Prase e se for do ĩsake tdêkwa os que se pintam de listras costume sair o nome Pnĩkudâ, Wawêkrurê e Romtêpre.

Após esses nomes é que pode sair todo tipo de nomes. Retomando ainda sobre a nomeação antes que se inicia a abertura dos nomes os nomeadores se posicionam em seus devidos lugares, os “dakmährâkwai nōrĩ” nomeadores ficam do lado onde o sol nasce ou nascente e os “dazazêĩkwai nōrĩ” ficam ao lado onde o sol se põe ou oeste. Em seguida o ancião leva o nome do clã dele e anunciam ao dakmährâkwa e eles repetem o nome em voz alta e o outro grupo dos dazazêĩkwa responde confirmando. Como por exemplo: O “wawê hĩ Srêmtôwê kizanõ” (apresentando), - os “dakmährâkwai nōrĩ” (oficiais nominadores, Srêmtôwê kizanõ mâtô mō) – “os dazazêĩkwai nōrĩ” (confirmadores de nomes) ahê, ahê mēkwa. Ao finalizar, os mais velhos solicitam os mensageiros que recolha todos os materiais usados no ritual do batismo, como por exemplo, o bastão provisório e colares feitos de cipó. Todos os materiais usados são jogados fora onde as crianças não podem ter acesso. A festa ainda não terminou de vez, pois a noite há brincadeiras com cantos e as danças ao som do maracá. No outro dia de manhã acontece a corrida de tora grande ĩsitro: Htâmhã e Stêromkwa. Em seguida acontece a dança do padi (tamanduá) finalizando assim, o Dasĩpê com a partilha de comida trocando com seus dasisdanãkwa clãs correspondente, uma grande confraternização. De acordo com os “wawê” mais velhos contam que a saída da mata para aldeia acontece somente na parte da tarde mais ou menos quatorze horas em diante, dizem que não pode ser também muito tarde.

### 1.9 Corrida de tora de buriti

Antigamente, a festa Xerente costumava acontecer em um mês e, durante a festa, todos os dias de manhã e a tarde, era realizada a *corrida de tora menor*, que chamamos de “ĩkrtôre” ou “ĩknõ” (“tora de buriti pequena”). Mas, atualmente, a festa indígena Xerente não acontece igualmente acontecia antes, porque a população indígena Xerente diminuiu, principalmente, os anciões.

Portanto, a festa indígena Xerente de hoje costuma acontecer em no máximo duas semanas. Na competição da corrida de tora entram os dois sexos: masculino e feminino. A preparação de “kũiwdê” (tora de buriti) é feita pelos “danõhuĩkwa” (mensageiro). Essas pessoas ficam responsáveis pela preparação da tora, tanto para os homens, como para as mulheres.

O peso da tora de buriti das mulheres é menor do que o dos homens, pesando de 45 quilos a 50 quilos. Já a dos homens pesa mais ou menos de 70 a 120 quilos.

A competição da tora de buriti é formada em duas equipes: masculina e feminina. De cada competição sai um vencedor, significando para os Xerente, o campeão. Para finalizar a festa tradicional indígena Xerente, o mensageiro prepara outro tipo de tora, que chamamos de “Ísitro” (tora grande), “Htâmhã” e “Stêromkwa”. O Htâmhã representa a equipe da pintura “triângulo”, que é pintura de sucuri grande e a outra pintura também é de sucuri, mas do sucuri médio. A finalização da festa tradicional Xerente sempre é finalizada com a corrida de tora grande. O encerramento acontece de manhã, depois da corrida da equipe “Htâmhã” e “Stêromkwa”.

### **1.10 Origem da mulher**

Os nossos anciãos, “wawẽ”, contam que no começo da formação do povo akwẽ existiam apenas dois únicos seres habitando o planeta terra: era Bdã que significa sol, Wairê que é a lua e somente eles andavam por aqui. Criaram o céu, a terra e também os homens. Segundo a história no começo existiram somente os homens, onde de acordo com a história os homens faziam relação sexual entre eles e engravidava, mas não conseguiam dar luz e assim morriam na hora do parto. Bdã e Wairê viram isso que não era bom, acharam que faltava uma coisa além daqueles homens. Então o Bdã resolveu colocar uma mulher muito bonita bem caracterizada pintada e enfeitada, numa fonte em cima de uma árvore onde a sombra da mulher apareceu no fundo da água. Quando os homens chegaram à fonte para banhar primeiramente viram a sombra da mulher, eles pensaram que fosse ao fundo da água, e assim os homens começaram a mergulhar para pegar ela. Muitos homens que estavam lá mergulharam sem parar e todos ficaram com muito frio sem conseguir nada, nenhum deles que estavam na fonte olhou para cima sendo que a mulher estava em cima da árvore. Enquanto todos os homens que estavam atenciosos na sombra da mulher no fundo da água, chegou uma onça parda e logo olhou para cima e viu que era uma mulher, não pensou duas vezes logo foi em cima e derrubou a mulher da árvore. A onça agarrou a mulher e fez a relação sexual e quando os outros homens viram isso todos foram em cima da mulher, ninguém esperou a onça parda terminar a relação. Assim todos os homens ejacularam em toda parte do corpo da mulher de qualquer jeito, a mulher não resistiu e faleceu depois disso cada um deles tirou um pedaço do corpo da mulher e enrolaram com folha alguns deles amarraram bem leve e os outros amarraram bem apertados. Em seguida eles voltaram para casa deles levando consigo o pedaço do corpo da mulher para

guardar nas casas onde moram. Nos outro dia eles combinaram para saída da caçada na mata em busca de animais e ao mesmo tempo ficar um bom tempo fora da aldeia. E assim, todos ficaram mais ou menos dois meses sem alguém ir para casa. Até que um dia a noite um dos anciãos se lembrou da aldeia e indicou um “danõhuĩkwa” mensageiro para que fosse a aldeia visitar as casas. De manhã bem cedo o mensageiro foi à aldeia quando estava chegando por perto ele ouviu o barulho de pessoa. Chegando à aldeia viu muita gente mulheres, crianças e elas perguntando por marido delas. Essa transformação de gente surgiu do pedaço do corpo da mulher que cada um deixou guardado na casa. Segundo os wawẽ contam que o pedaço do corpo que foi amarrado bem leve que surgiu a mulher com corpo bonita sem apresentar qualquer tipo de deficiência e aquele pedaço que ficou bem amarrado apertado é que surgiram as deficiências no corpo. Essa é história dos nossos antepassados sobre a origem da mulher.

### **1.11 Casamento tradicional do povo Akwẽ Xerente**

Antigamente o casamento akwẽ acontecia da seguinte forma, quando uma menina nascia o homem, ou seja, rapaz de outra metade dos clãs pedia em casamento aos pais delas. Se os pais e o tio da menina aceitar o pedido do rapaz a partir deste dia ele é responsável das despesas durante da fase do crescimento da moça. A cerimônia de casamento da menina acontece depois de ser adulta e quem realiza o ritual de casamento é o tio de amarração onde ela foi amarrada no pescoço com cordinha assim que nasceu.

Quando se aproxima o dia do casamento, o tio da noiva começa a se organizar saindo para caçar em busca de caça do mato como, por exemplo: paca, veado, anta entre outros. Depois de tudo pronto é realizada o casamento. O ritual é breve a esposa do tio de amarração é quem faz a pintura e enfeite no corpo da menina conforme da metade do clã que pertence. Em seguida o tio da noiva amarra os dois tornozelos dela com uma pequena corda e também colocado no pescoço um colar com dois dentes de capivara, simbolizando a virgindade. Enfeitados e pintados à noiva é levado pelo tio acompanhado com seus familiares dirigem-se à casa do noivo que está à espera da noiva sentado na esteira. Ao chegar a noiva entrega para o noivo a cuia de alimentos preparados pela esposa do tio. Separadamente também são entrega da família da noiva mais alimentos para a família do noivo. Em seguida o ancião da parte da noiva,

ou seja, o clã da metade dela inicia o discurso, pedindo a favor da noiva, o amor e o respeito tanto como do noivo, quanto da família do rapaz e ao finalizar o discurso da noiva o outro ancião responde dizendo a mesma coisa também a favor do noivo. Quando terminam os discursos, o tio vai e pega a noiva no braço levando de volta na casa dela para a despedida de solteira. É o ritual de choro, é muito emocionante. A família do rapaz também faz a despedida do noivo, com o ritual de choro. De acordo com a realidade cultural do Povo Akwẽ casar certo é casar com clã diferente, ou seja, com pintura corporal diferente. Na organização do Povo Akwẽ existe seis clãs são elas: kuzâ, kbazi e krito isso é a metade dos círculos e já a outra metade são: wahirê, ãsake e krãiprehi pintura de listra. Portanto na cultura do Povo Akwẽ não se pode casar kuzâ com kuzâ e nem wahirê com wahirê, pois isso gera desrespeito e desvalorização da cultura.

### **1.12 Aspectos sociolinguísticos**

No Brasil, são ainda recentes pesquisas sobre o contato das línguas indígenas com a língua portuguesa. Alguns estudos têm se intensificado, fornecendo uma visão da situação sociolingüística dos povos indígenas brasileiros. Entre essas pesquisas encontram-se os trabalhos de Albuquerque (2012), Braggio (2003), Guimaraães (1996) e Souza Filho (2007).

A situação sociolingüística de uma comunidade fornece elementos sobre sua situação sociocultural. Conhecendo essa situação, tem-se uma visão mais clara sobre uma dada língua, se está mantendo-se viva e dinâmica ou se está morrendo, sendo perdida.

Entre os estudos realizados sobre a língua e o povo xerente convém citar um dos primeiros trabalhos com enfoque linguístico sobre a língua xerente: o trabalho de Mattos (1973) sobre a fonologia da língua e depois em 1994, Krieger & Krieger, Dicionário escolar Xerente-Português, Português-Xerente. Esse estudo possibilitou o estabelecimento de uma ortografia da língua, a qual é usada pelos xerente, até hoje na alfabetização e em traduções.

Muitos outros aspectos verificados em trabalhos anteriores sobre o Xerente representaram um passo a mais no sentido de conhecer e preservar a língua e a cultura deste povo. Mas mesmo com essas pesquisas que foram realizadas pelos linguísticos ainda há preocupação principalmente quando se trata da ortografia na parte

da gramática, pois, até no momento a maioria dos estudantes, ou seja, professores xerente estão escrevendo a língua materna akwẽ do seu jeito, ninguém está se preocupando com a escrita padrão. Essas falhas ainda acontecem no nosso meio porque muitos de nós não interessamos em estudar na área de linguagem sendo que a escrita da língua xerente iniciou no ano de 1958 pelo pastor Rinaldo de Mattos. Se todos pensássemos que a escrita da nossa língua é importantíssima já tínhamos uns akwẽ mestre ou doutor na área de linguístico.

Atualmente temos maior número de akwẽ graduada em várias áreas: biólogo, direito, enfermeiro, geógrafo, historiador, jornalismo, licenciatura intercultural em ciência da cultura, ciência da natureza, ciência da linguagem, pedagoga, serviço social e um mestre em direitos humanos. Conforme tinha mencionado texto acima não temos nenhum akwẽ xerente especificamente formado na área de linguístico, isso nos mostra que a nossa língua materna é menos importante, ou seja, menos valorizada na parte das classificações da gramática e na estrutura da escrita. Diante dessas observações feitas por mim em relação ao ensino de língua e a escrita da língua materna nas escolas indígena xerente, tive interesse em estudar uma parte da gramática na qual escolhi o léxico dos substantivos simples e substantivos compostos em xerente.

Esse estudo é um dos primeiros akwẽ xerente falante nativo que está realizando pesquisa na área de linguístico. A partir dessa pesquisa muitos akwẽ vão refletir que estudar a nossa língua materna vale a pena a contribuir e podem assegurar a manutenção do uso da língua no dia a dia. A relevância desta pesquisa está na possibilidade e no desejo de contribuir com o povo akwẽ xerente e com nossas escolas e professores no sentido de construirmos projetos pedagógicos próprios. Sabemos que estudar uma língua indígena não é uma tarefa fácil, principalmente quando é pela primeira vez e além disso quando a pessoa não estiver com uma formação adequada na área de linguístico se torna mais difícil ainda (FARIAS, 1990).

A educação escolar surge entre o povo Akwẽ nos anos de 1945, introduzida e conduzida pelo Serviço de Proteção aos Índios, e dentro de uma concepção integracionista. As aulas eram em português, as ações não eram contínuas e os professores não recebiam nenhuma formação docente para trabalhar com crianças indígenas. Essas ações educativas desenvolvidas pelo SPI não tiveram êxito, no que se refere à aquisição da leitura e da escrita pelos Xerente.

Nesta perspectiva, este capítulo introdutório com características do povo Xerente, será melhor referenciado no capítulo II, que segue, considerando-se a preocupação com as bases teóricas e metodológicas que estruturaram esta dissertação, com enfoque nos grandes autores e nos caminhos percorridos para a sua consecução.

## CAPÍTULO II

### PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

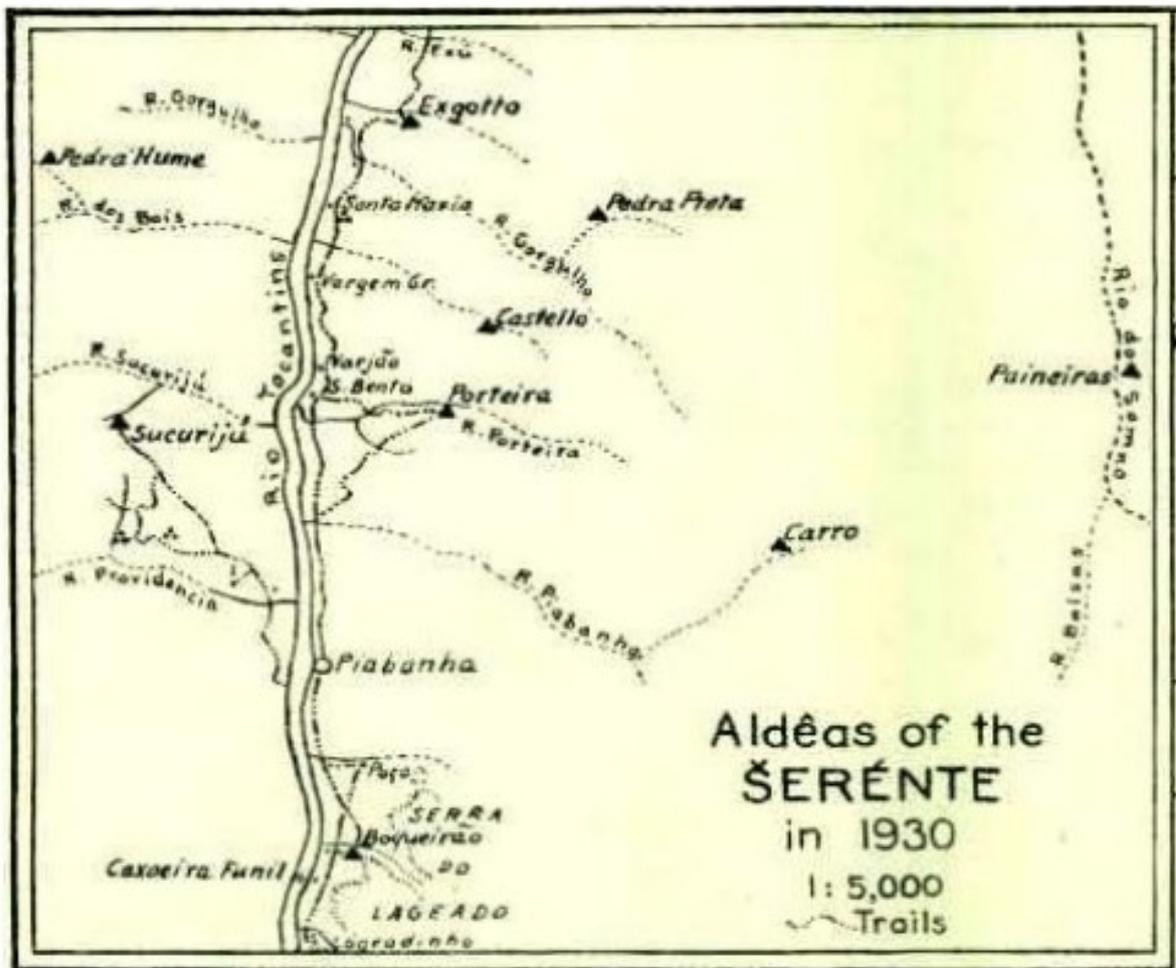
#### 2.1 Os estudiosos/teóricos do povo Xerente

Segundo Tarallo (1999), a preocupação com os aspectos socioculturais e linguísticos do povo tradicionais, como é o caso dos Xerente (akwẽ), passa por muitos estudiosos e teorias. E isto ocorre porque ao se falar em investigação de línguas indígenas é muito difícil não pensarmos nos fatores sociais da comunidade estudada, e por isso, a sociolinguística proporciona um tipo de pesquisa que relaciona esses fatores e por isso é bastante empregada às investigações de línguas indígenas. No Brasil há cerca de 180 línguas indígenas distribuídas em várias comunidades por todo o território nacional. Segundo Aryon Rodrigues (2002), “(...) os índios no Brasil não são um povo: são muitos povos diferentes de nós e diferentes entre si (...)”, e por isso, a relevância de se fazer estudo pelo viés da sociolinguística, assim como fizeram Nimuendaju (1942), Guimarães (2002), Braggio (2015), Albuquerque (2013) e Sousa Filho (2007), e que nesta seção específica merecem o destaque.

Iniciando por Curt Nimuendaju (1930), observa-se que quando esteve entre os Xerente desde 1930, contabilizou nove aldeias com suas respectivas localizações. Observando a figura 2, localiza-se na margem direita do rio Tocantins as seguintes aldeias: Esgoto (1) e Pedra Preta (2) ao norte do ribeirão Gorgulho; Castelo (3) nas margens do ribeirão Pendanga; Porteira (4) situada no médio curso do ribeirão homônimo; Carro (5) erguida junto a afluentes do ribeirão Piabanha; Boqueirão (6) situada junto à cachoeira do Funil; e a aldeia das Paineiras (7), localizada na margem direita do rio do Sono. Já na margem esquerda do rio Tocantins, foram encontradas apenas duas aldeias Pedra Hume (1), estabelecida nas proximidades do ribeirão dos Bois e a aldeia do Sucuriju (2) (NIMUENDAJU, 1942).

Os moradores não-indígenas que se estabeleceram nas proximidades de Piabanhas iniciaram a ocupação das cercanias com a criação de gado (GALLAIS, 1942). As ocupações das terras dos Xerente pelos rebanhos dos invasores foram acontecendo de tal forma intensiva, que Nimuendaju, em 1930, observou que o gado havia tomado os campos de caça dos indígenas e também prejudicavam suas roças (NIMUENDAJU, 1942). Apreende-se, por conseguinte, que Nimuendaju teve a preocupação de relatar fatos históricos do povo.

Figura 2: Localização das aldeias Xerente dadas por Curt Nimuendaju



Fonte: Nimuendaju (1942)

Por sua vez, Susana Grilo Guimarães, em sua obra “A Aquisição da Escrita e Diversidade Cultural - A Prática dos Professores Xerente”, passa a demonstrar a preocupação com o processo educacional dessas comunidades indígenas. Guimarães (2002) relata experiências de ensino e aprendizagem com os povos akwê, em um momento tão duro e cheio de incertezas como a segunda metade da década de 1970. Tem-se os seus registros, as vivências dos professores Xerente nas escolas indígenas, e foi como professora nas aldeias Xerente que, por meio dos diálogos na perspectiva sociolingüística, ela contribuiu para a construção de alternativas educacionais onde os professores indígenas e suas comunidades puderam materializar o processo de alfabetização, e muitas vezes com recursos próprios e professores indígenas voluntários, atribuindo novos significados e novos valores.

Ainda para Guimarães (2002), sobre a história dos Akwê Xerente e a educação escolar indígena no contexto das diversas fases da política indigenista, e de situar o trabalho sobre o ponto de vista teórico metodológico, a autora configura-se como

grande interventora da educação desse povo. O seu estudo demonstrou o contexto dos usos da língua Xerente e o papel da escola em face das relações assimétricas e colonizadoras com a sociedade não indígena.

Guimarães (2002) observou as práticas dos professores Xerente nas salas de aula, que adquire no processo de ensino e aprendizagem uma dimensão absolutamente dialética, onde se manifestam práticas e significados novos, contrários à concepção assimilacionista, uma vez que os professores indígenas conseguem elaborar uma pedagogia própria e referenciada na pedagogia da comunidade.

Outra estudiosa de destaque é a Profesora Sílvia Braggio (2015), que em seus trabalhos com o povo Xerente, pode apresentar uma versão da variedade étnica do Xerente Akwẽ. A língua Xerente pode ser classificada basicamente como aglutinante, do tipo SOV: sujeito + objeto + verbo, diferentemente do Português que é uma língua classificada basicamente como flexional e do tipo SVO: sujeito + verbo + objeto.

Braggio (2015) define ainda que o Xerente possui posposições e não preposições como na língua portuguesa, e melhor situa esses detalhes conforme a seguir:

Apresenta fonemas e padrões silábicos que nem sempre correspondem aos do português. O gênero e a pluralização não são marcados no Nome. Há qualificadores e quantificadores para a pluralização no Nome. A pluralização é marcada no pronome pessoal e no pronome possessivo nos sintagmas nominais e verbais. Há palavras inalienáveis, ou seja, palavras que somente se apresentam com seus possuidores (termos de parentesco e partes do corpo que também marcam animais e plantas). Os verbos são não flexionados. Tempo, modo e aspecto são marcados por quantitativos ou qualificativos. Há vários classificadores para caracterizar os Nomes (BRAGGIO, 2015, p. 123).

Outro aspecto relevante tem-se no fato de que no Akwẽ ocorre uma maneira muito distinta de classificação daquilo que se faz em língua portuguesa. Para Braggio (2015), existem classificadores para plantas, animais e coisas que se encaixam em outras classificações. E logo, as crianças ao chegarem à escola, já possuem uma categorização e classificação de tudo que há em seu mundo, consoante o que se observa:

Como vimos uma 'palavra' só pode ser escrita com seu classificador. Na escola, ao aprender a L2, a criança Akwẽ se vê às voltas com novas formas de classificação: a ocidental, sacramentada nas gramáticas e livros didáticos. Para tornar mais complexo esse cenário, como os Xerente Akwẽ apresentam em sua língua os inalienáveis e os alienáveis, coisas que necessitam necessariamente de um possuidor, coisas que podem ser possuídas e coisas que não podem ser

possuídas, como elementos da natureza: sol, lua, estrelas, rios etc., as crianças enfrentam uma tarefa árdua. Elas não podem possuir, por exemplo, o que pertence a um animal ou planta, nem podem possuir algo que foi gerado, nascido de uma planta ou animal. Consequentemente, os pronomes possessivos do Português devem ser ensinados com muito cuidado na escola (BRAGGIO, 2015, p. 137).

Destaque também aos tratados apresentados pelo professor Francisco Ediviges Albuquerque sobre os indígenas do norte do Brasil. Desta forma, em seu artigo intitulado “Índios do Tocantins: aspectos históricos e culturais”, o autor apresenta o povo Xerente como possuidor de um sistema sociocultural bastante complexo. Tais sistemas organizam-se através de um dualismo estrutural que se manifesta por uma multiplicidade de metades nos planos sociais. No caso Xerente, isto encontra expressão nos complexos rituais, grupos cerimoniais masculinos, grupos de nomeação, classes de idade, dentre outras organizações sempre a partir de relações de parentesco (ALBUQUERQUE, 2013).

Assim, ao longo dos anos de contato com a sociedade majoritária, os Xerente vêm tentando manter-se enquanto povo minoritário, enfrentando conflitos tanto de ordem social quanto linguística, religiosa e cultural. Destaque que os conflitos na interação e as estratégias discursivas utilizadas no processo comunicativo estão ligados às dimensões sociais do falante. Para Albuquerque (2013), as estruturas linguísticas utilizadas pelos falantes caracterizam-nos em determinado grupo social, revelando nossas crenças com valores culturais e sociais determinados pelo grupo, e daí a importância dos estudos sociolinguísticos.

E por último, um relevante pesquisador sobre o povo Xerente é o professor Sinval Sousa Filho (2007), que no contato com esse povo tradicional, teve a preocupação de poder falar desse mundo Xerente para os próprios indígenas, para a academia e para um número expressivo de pessoas. E falar do mundo desse povo é falar do Akwẽ-Xerente.

Para Sousa Filho (2007), as palavras são como crianças, quando mais cuidamos delas, mais exigem de nós. Exigem respeito com os seres humanos que as falam. O estudioso utiliza-se da teoria bakhtiana em que a língua é a consciência real e prática do ser social. Para ele, esse ser assume crescente consciência de suas necessidades históricas também através do crescente reconhecimento da determinação histórica e social de sua voz. Esse reconhecimento é fruto de diálogos.

Sousa Filho (2007) evidencia que o seu trabalho de documentação, descrição e análise da língua Xerente se constituiu como um pequeno recorte da comunidade a quem pertence o ser Akwẽ. Para o autor, assim, preocupa-nos sobremaneira o que dizer dessa língua e o como dizer. Falamos de eventos de fala dos Akwẽ-Xerente e escolhemos como forma para falar desses eventos o quadro teórico da abordagem tipológico-funcional, o qual, procura sistematizar as estruturas que expressam a mesma função em diversas línguas, ou seja, vê, entre outros aspectos, as similaridades de classes prototípicas e seus usos em diversas línguas estudadas. Trabalha a partir do diálogo possível entre visões teóricas aplicadas à línguas diversas. Com isso, entendemos que o resultado de algumas pesquisas pode servir como guia para novas. Também, a aplicação de hipóteses gerais sobre as propriedades da linguagem pode proporcionar uma maior objetividade ao trabalho de campo.

Conseqüentemente, o que temos a dizer da língua Xerente não se restringe ao que ocorre na língua Akwẽ, mas no que essa língua tem em comum com outras línguas do mundo. Claro que partimos de estudos comparativos das línguas que figuram no tronco Macro-Jê e na família Jê, uma vez que a língua Akwẽ não conta com muitos estudos descritivos. Empenhamo-nos em dizer como a gramática da língua Akwẽ é usada no atual momento histórico desse povo, o qual, a “duras penas”, procura manter seu bem maior frente ao mundo globalizado, a identidade Akwẽ. Dessa forma, num primeiro plano, cabe-nos considerar que há muito que dizer da língua e do povo Akwẽ, muito ainda está e ficará por ser dito (SOUSA FILHO, 2007, p.30).

Portanto, Sousa Filho (2007) pode dar sua parcela de contribuição no processo de consolidar a Lingüística como ciência, uma vez que disponibilizou às academias a descrição de uma língua indígena, que se encontra ameaçada de extinção, vive um processo de bilingüismo diglósico com os falantes da língua portuguesa. Por isso, é um autor que permitiu o processo de de afirmação da língua Xerente, em que merecem destaque a documentação da língua e o processo de educação escolar.

De qualquer forma, vale a consideração de Tarallo (1999), que nenhum modelo particular é capaz de tratar, de modo abrangente, os fatos/fenômenos das línguas, principalmente as não-indoeuropéias. E por isso, o estudo que se propôs sobre os substantivos será apresentado no capítulo III, com base nos estudiosos aqui abordados, e para tanto, evidencia-se na subseção que segue os caminhos metodológicos percorridos.

## **2.2 A metodologia da pesquisa**

Com o objetivo geral de apresenta o objetivo geral de relacionar analisar os substantivos em Xerente (Akwẽ Mrmẽze), dada a finalidade de contribuir com a educação escolar indígena, como material didático para professores das escolas akwẽ, evidencia-se nesta seção o método explorado para a pesquisa em questão, de forma que se tenha um estudo significativo, uma vez que os procedimentos metodológicos são trajetórias e caminhos demarcados para apreender o objeto ou fenômeno investigado, a partir de pressupostos em relação aos tipos de pesquisa e as formas de gerar os dados, e posteriormente, analisá-los e descrevê-los.

### **2.2.1 Característica da pesquisa: o foco na etnografia e no pesquisador**

Esta dissertação resulta de uma perspectiva etnográfica. Tem como foco uma investigação observacional, sociolinguística e qualitativa dos aspectos da educação escolar indígena Xerente, mais especificamente do falar Xerente (akwẽ) da aldeias por onde o pesquisador tem feito sua trajetória enquanto indígena, cidadão, pesquisador e educador.

Este pesquisador é nascido na aldeia Porteira no ano de 1982. Residiu pela aldeia Cercadinho na infância, e a partir da adolescência passou a morar na aldeia Karehu, localizada 13km da cidade de Tocantínia/TO, onde constitui família e possui três filhos. O pesquisador é professor da rede estadual desde 2003, quando foi contratado, passando a ser efetivo a partir de 2008. Exerceu além da docência, o cargo de coordenador pedagógico e diretor de escola, tanto nas aldeias xerente quanto na zona urbana. Tem regência na docência atualmente na Escola Estadual Batista Professora Beatriz Rodrigues da Silva.

A característica de ser um indígena pesquisador sobre seu próprio povo e também um professor, onde sua família reside até os dias atuais, propiciou facilidades à implementação da pesquisa e a obtenção dos resultados, principalmente, quantos aos conhecimentos sociolinguísticos, por ser um falante indígena bilíngue da língua Xerente e da Língua Portuguesa, e portanto, conhecedor dos vocábulos apresentados.

Nesta perspectiva, fazer estudo dessa natureza remete às considerações de Mattos (2011), pois para ela os estudos etnográficos se preocupam preponderantemente a padrões e percepções de comportamentos manifestos na rotina diária dos sujeitos estudados. Preocupa-se ainda com os fatos e eventos menos previsíveis ou manifestados particularmente em determinado contexto interativo entre

as pessoas ou grupos. Em pesquisa etnográfica, de maneira holística, observa-se os modos como esses grupos sociais ou pessoas conduzem suas vidas com o objetivo de revelar o significado cotidiano, nos quais as pessoas agem. O objetivo é documentar, monitorar e encontrar o significado da ação.

A preocupação etnográfica e descritiva justifica o desenvolver desta dissertação, acerca da lexicografia dos substantivos em língua Xerente, pois a presente dissertação contribui como um estudo linguístico que agrega conhecimento à educação escolar indígena ao conhecimento da língua Akwẽ, no tocante ao uso dos substantivos simples e compostos. Pois é necessário à luz da Constituição de 1988, que os povos indígenas tenham uma educação escolar bilíngue, intercultural, comunitária e diferenciada (BRASIL, 1988), em que seus conhecimentos sejam preservados e a manutenção linguística um processo possibilitado.

Nesta perspectiva, sobre o uso dos substantivos simples e compostos em língua Akwẽ, a pesquisa foi realizada in loco, junto à referida comunidade, com o objetivo principal de promover a descrição dessas palavras e compreender o processo como ocorre a junção de vocábulos, principalmente no que diz respeito aos substantivos compostos e nomes de pessoas.

É importante destacar, com base em Albuquerque (2013), que ao priorizar os procedimentos etnográficos e da observação participante, vários aspectos linguísticos podem ser apreendidos, uma vez que foi possível investigar o fenômeno dentro da sua realidade escolar Xerente e na própria vivência cotidiana da comunidade, observando-as, mas não interferindo diretamente.

### **2.2.2 Percurso metodológico: foco nos registros em diário de campo**

Durante a pesquisa, as observações ocorreram de forma continuada. Nessa perspectiva, privilegiou-se as interações mais espontâneas e naturais entre os indivíduos da comunidade. As interações analisadas ocorreram na vivência escolar, nos rituais, nas brincadeiras, na caça, na pesa, nas atividades desportivas e até nos diálogos mais rotineiros. As inúmeras anotações sobre os substantivos simples e compostos foram realizadas no diário de campo pelo pesquisador, para melhor compreender o comportamento linguístico das comunidades em estudo.

Nesta perspectiva, observou-se que os nomes (substantivos), além de serem a nomenclatura das coisas, seres e pessoas (BIDERMAN, 2001), também refletem a maneira de viver no dia-a-dia desses indígenas, sua educação escolar, transmissão dos saberes tradicionais pelos mais velhos, seu trabalho e as diferenças entre as atitudes dos Xerente de diversas faixas etárias e nos seus diversos domínios sociais ou clãs.

Considerando que a comunidade Xerente, atualmente, fala sua língua materna e o português, apresenta-se nesta dissertação como objeto de estudo, metodologicamente, somente a descrição morfológica dos substantivos com enfoque em três situações:

- a) Exemplos de nomes compostos: configurada pelo nome composto em língua materna, o seu significado, os elementos que o compõem e sua tradução livre para a língua portuguesa;
- b) Os nomes de pessoas: configurada pela separação entre femininos e masculinos, sendo que os primeiros aparecem juntos (PIKÕI NĪSIZE) e os segundos separados pelos clãs (KUZÂ, KBAZI, KRITO, WAHIRÊ, KROZAKE e KRĀIPREHI);
- c) Os substantivos simples de convivência do pesquisador em sua comunidade.

Metodologicamente, segundo Flick (2004), estes tipos de pesquisa apresentam um forte cunho descritivo, no qual o pesquisador não pretende intervir sobre a situação detectada, mas conhecê-la, tal como ela surge, podendo utilizar vários instrumentos e estratégias metodológicas. Entretanto, tais procedimentos não precisam ser meramente descritivos. Antes, podem ter um alcance analítico profundo, podendo interrogar a situação, confrontando-a com outras já conhecidas e/ou com as teorias existentes.

Considerando-se que a pesquisa encontra-se numa perspectiva bilíngue e intercultural, os dados coletados e analisados a partir do diário de campo, permitiu que muitas informações relevantes voltadas para os eventos de fala poderiam ser apresentadas, principalmente, no que diz respeito à forma como a língua materna e o português se entrecruzam.

Considerando-se a perspectiva da interculturalidade, vale o destaque que para as comunidades indígenas, a educação escolar se constitui em aspectos de sobrevivência

e desencadeia formas para interagir e reagir em defesa de sua identidade e dignidade . Numa prerrogativa conceitual, entende-se que a interculturalidade acontece quando garantimos que a escola seja um espaço de reflexão em que os povos indígenas possam, com as contradições presentes nas relações entre as diferentes sociedades, com a possibilidade de integrar os processos educativos de cada povo, ser administrada segundo os parâmetros específicos das leis que a regem. A relação entre o conhecimento indígena, a educação escolar e a sociedade não indígena, encaminham, portanto, ao fato de que a interculturalidade ocorre quando duas ou mais culturas entram em interação de uma forma horizontal e sinérgica (BERGAMASCHI, 2005).

Em síntese, a análise e descrição dos dados da pesquisa contaram com contínua observação resultante da convivência entre os indígenas, quando este desenvolviam suas atividades rotineiras. Desta forma, conforme Thiollent (2007), não se trata de simples levantamento de dados ou de relatórios a serem arquivados. E com isso, observou-se uma pesquisa sociolinguística, com seu caráter social e científico, destinada ao estudo e à intervenção em situações reais, em apresentação como alternativa à pesquisa convencional, numa melhor fundamentação epistemológica. E por isso, as várias anotações encontram-se fragmentadas nos diversos capítulos desta dissertação. Evidencia-se que no capítulo que segue, teremos um breve retrospecto da formação de professores indígenas do povo Xerente, e em seguida, adentra-se na abordagem da gramática e dos substantivos simples e compostos.

### **CAPÍTULO III**

#### **OS SUBSTANTIVOS SIMPLES E COMPOSTOS NA LÍNGUA XERENTE**

Antes de falarmos dos substantivos, faz-se necessário apresentar uma breve abordagem na formação de professores indígenas, na perspectiva sociolinguística. Esses profissionais têm, segundo Grupioni (1997), o complexo papel de compreender e transitar nas relações entre a sociedade majoritária e a sua sociedade.

São interlocutores privilegiados entre mundos, ou entre muitas culturas, tendo de acessar e compreender conceitos, ideias, categorias que não apenas de sua própria identidade cultural. Desempenham um papel social novo, criando e ressignificando, a todo momento, sua cultura. Nesse processo, o professor indígena desempenha funções sociais específicas segundo o papel da escola para cada sociedade tradicional em um determinado momento de sua história, conforme se observa a seguir.

### **3.1 A educação escolar indígena e a formação de professores: perspectivas sociolinguísticas**

Do século XVI até, praticamente, a metade do século XX, a oferta de programas de educação escolar às comunidades indígenas brasileiras esteve pautada pela catequização e uniformidade forçada dos indígenas à sociedade dominante. As leis anteriores determinavam como dever da União assimilar e incorporar os índios a essa comunidade nacional. Por isso, a instituição escolar entre os grupos indígenas serviu de instrumento de imposição de valores alheios e de negação de identidades e culturas diferenciadas, inclusive quanto à formação de docentes para esses povos (CUNHA, 1992).

Dentre os marcos legais, que começaram a modificar esta realidade, observa-se que em 1973, a Lei 6001 (Estatuto do Índio) garantiu a alfabetização dos indígenas “na língua do grupo a que pertença” (BRASIL, 1973). As diretrizes para a ação conjunta entre órgãos da educação e outros órgãos de proteção desses povos, segundo Grupioni (1997), se fortaleceram com o estatuto, que se perpetua até os dias atuais, pois este dispositivo, em relação à educação escolar indígena, apresentou a expertise de integrar os nativos à comunidade nacional. Note-se que o seu artigo 50 direciona a ação do educador: “A educação do índio será orientada para a integração na comunhão nacional mediante processo de gradativa compreensão dos problemas gerais e valores da sociedade nacional bem como do aproveitamento das suas aptidões individuais” (BRASIL, 1973).

Seguindo o contexto, a promulgação da Constituição de 1988 apresentou-se como um marco na redefinição das relações entre o estado brasileiro e as sociedades indígenas. É de específica relevância o fato da carta magna ter assegurado o direito das sociedades indígenas a uma educação escolar diferenciada, específica, intercultural e bilíngue, o que vem sendo paulatinamente regulamentado através de vários textos legais (BRASIL, 1988).

Conforme Lima (1995), a constituição vem permitindo assegurar não apenas sua sobrevivência física, mas também étnica, resgatando a dívida social que o Brasil acumulou em relação aos habitantes originais do território. Note-se também que o mesmo texto constitucional, em seu artigo 210, assegura às comunidades indígenas o uso de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem, devendo o Estado proteger as manifestações das culturas indígenas.

Com a edição do Decreto nº 26, de 4 de fevereiro de 1991, afastou-se a incumbência exclusiva da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) em conduzir processos de educação escolar junto às sociedades indígenas e atribuiu-se ao Ministério da Educação e do Desporto a coordenação das ações, bem como sua execução aos estados e municípios (BRASIL, 1991). Em seguida, aliado à Portaria Interministerial 559/1991, foram criados, no Ministério da Educação (MEC), a Coordenação Geral de Apoio às Escolas Indígenas (CGAEI) e o Comitê de Educação Escolar Indígena (CEEI), assessor dessa instância, interinstitucional e com representação dos professores indígenas, conforme se observa em MJ/MEC (1991). Para Bergamaschi (2005), o trabalho do MEC pautou-se, desde então, pelo princípio do reconhecimento da diversidade sociocultural e linguística das sociedades indígenas e de sua manutenção, sendo fundamental para esse fim a adequada formação docente.

Por sua vez, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9394/96), a partir de sua promulgação, evidenciou que o “acesso à educação básica obrigatória é direito público subjetivo, podendo” podendo qualquer jovem, adulto ou idoso que é titular desse direito exigí-lo em qualquer momento junto ao poder e o ministério público, dentre estes também o indígena. Assim, esses povos nativos tiveram outras garantias com os artigos 78 e 79 da LDB, pois:

Aplicam-se aos povos indígenas todas as outras garantias estabelecidas na lei, como, por exemplo, a participação em programas de capacitação continuada de professores; acesso aos níveis mais elevados do ensino; atendimento ao educando por meio de programas suplementares de material didático; transporte, alimentação, assistência

à saúde; elaboração de projetos pedagógicos, regimentos, participação em conselhos e instâncias representativas, afirmadas no princípio da gestão democrática do ensino, entre outras (BONIN, (2008, p. 101):

A LDB apresenta-se eficaz também ao estabelecer que sejam reconhecidas a “sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições”, bem como, “a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem” (art. 210 § 2º), “a recuperação de suas memórias históricas, a reafirmação de suas identidades étnicas, valorização de suas línguas e ciências” e o “acesso às informações, conhecimentos técnicos e científicos da sociedade nacional e demais sociedades indígenas e não indígenas” (BRASIL, 1996).

Duas décadas atrás, o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas - RCNEI (BRASIL, 1998) foi criado com o propósito de nortear os caminhos a serem percorridos na construção dos currículos e no planejamento das ações educativas de acordo com cada realidade de cada etnia, e integram o conjunto de documentos que subsidiam a oferta da educação escolar indígena no país.

O RCNEI é um dos mais importantes documentos que orienta a educação escolar indígena. Para Baniwa (2013), configura-se como um longo e detalhado documento em que se apresentam considerações gerais sobre a educação escolar indígena, quer através da fundamentação histórica, jurídica, antropológica e pedagógica que sustenta a proposta de uma escola indígena que seja intercultural, bilíngue e diferenciada, quer através de sugestões de trabalho, por áreas do conhecimento, que permitam a construção de um currículo específico e próximo da realidade vivida por cada comunidade indígena, na perspectiva da integração de seus etnoconhecimentos com conhecimentos universais selecionados.

No que diz respeito ao povo em questão, vale o destaque de que os Xerente e os Xavante falam dialetos de uma mesma língua, que pertence à família Jê. Os Xerente a mantêm com vitalidade. As crianças até cinco anos só falam a língua indígena. Os adultos a utilizam em todos os contextos da vida cotidiana nas aldeias. Quando conversam com não-índios, falam fluentemente o português (GUIMARÃES, 1996). De acordo com Schroeder (2010), eles habitavam as caatingas do médio Tocantins, entre os rios Manuel Alves Grande e Manuel Alves Pequeno, e nos sertões do Duro (Dianópolis). Este povo foi bastante dizimado por doenças trazidas de fora e por conflitos com bandeirantes paulistas. Ainda para Schroeder (2010, p. 15):

Em 2010, os Xerente eram 1360. Em 1999, os Xerente contavam com uma população de quase 1.800 pessoas distribuídas em 33 aldeias.



de Educação (SEDUC), e que no quadro 1, a seguir, apresenta os dados da população indígena Xerente no processo de educação escolar:

**Quadro 1 – Dados da Educação Escolar Indígena no Estado do Tocantins**

Regional	Miracema
Povo	Xerente
Aldeias	68
Unidades Escolares	31
Nº de estudantes (fundamental e médio)	1323
1ª Fase do Ens. Fundamental (1º ao 5º ano).	700
2ª Fase do Ens. Fundamental (6º ao 9º ano).	468
Ensino Médio	188
Professores Indígenas	76
Professores Não-indígenas	13

Fonte: SEDUC-TO (2016)

Quanto às especificidades do povo Xerente, a sua relevância dentro da educação escolar indígena no estado fica visível em vários aspectos ao se analisar os dados do quadro 1, principalmente, pelo fato de possuir uma grande parte da população frequentando a educação escolar indígenas, bem como o destaque de apenas 13 professores do total de 89 não são docentes indígenas, o que fortalece o processo de manutenção linguística.

Outro aspecto diz respeito ao total de setecentos estudantes indígenas estarem regularmente matriculados no ensino fundamental de 1ª fase. Destaque também que os estudantes Xerente têm a oportunidade de estudar em escolas de suas próprias aldeias ou aldeias vizinhas, pois das sessenta e oito comunidades apresentadas no quadro 2, trinta e uma delas possuem escolas, o que aqui se considera um aspecto relevante.

Para a professora Suzana Grilo Guimarães, em sua dissertação de mestrado sobre a educação escolar Xerente (GUIMARÃES, 1996), o processo intercultural é muito relevante, em que se objetiva o reconhecimento e fortalecimento da identidade étnica e, ao mesmo tempo, melhorar as condições de interação com o não-indígena. Na escola indígena, esta articulação ocorre por meio do professor competente no uso das duas línguas, o que faz da cultura indígena o conteúdo de seu discurso, o que

levará a uma prática educativa diferenciada, consoante ao que preceitua D'Ambrósio (2009) sobre a educação intercultural com respeito ao povo tradicional.

De acordo com Pinho e Morais (2014), o século atual encontra-se marcado por intensas mudanças no contexto educacional. Desponta-se uma contemporaneidade com a transitoriedade entre dois paradigmas, o dominante e o emergente. Nesses paradigmas, tantos os educadores quanto os cidadãos em geral buscam novos sentidos e novas práticas para seu fazer docente ou não. Quando se trata da área de formação de docentes, aponta-se para um balanço do ensino como prática social, o que requer transformações no aspecto da inovação e criatividade provocadas na prática docente.

De Paula (2000) retrata, que historicamente a primeira educação formal e prática docente para o povo Xerente foi o processo de implementação do ensino catequético, cujo objetivo segundo os indígenas mais velhos era de amansá-los para o processo de dominação, paralelamente à invasão de terras.

Por outro lado, em momento contemporâneo, a existência de trinta e uma escolas indígenas nas aldeias Xerente, bem como o total de setenta e seis professores, devidamente caracterizados no quadro 2, encaminham para uma adequada discussão da formação continuada destes professores, conforme uma prática educacional diferenciada, bilíngue, intercultural, e também numa concepção humanitária.

**Quadro 2 – Escolas nas aldeias do povo Xerente**

Escolas	1ª fase	2ª fase	Ensino médio	Professor indígena	Professor não-indígena
Escola Indígena Kasuwamri	42	39	-	06	-
Escola I Indígena Akezane	10	-	-	02	-
Escola Indígena Kawe	12	-	-	01	-
Escola Indígena Sakruiwe	58	60	-	05	01
Escola Estadual Indígena Srãpte	7	-	-	01	-
Escola Indígena Suzawre	45	65	19	08	-
Escola Indígena Waipainere	14	-	-	01	-
Escola Indígena Wakomekwa	53	63	13	07	01
Escola Estadual Indígena Warõ	10	12	06	04	-

Escola Indígena Wazase	03	-	-	01	-
Escola Indígena Romtepre	09	-	-	01	-
Escola Estadual Indígena Wareti	19	-	-	01	-
Escola Indígena Waikawra	07	-	-	01	-
Escola Indígena Kumnkawe	12	-	-	01	-
Escola Indígena Skrawe	06	-	-	01	-
Escola Indígena Sõiti	12	-	-	01	-
Escola Indígena Dawapsikwa	14	-	-	01	-
Escola Indígena Smisuite	09	-	-	01	-
Escola Indígena Srêmtõwe	56	-	-	04	-
Escola Indígena Waikarnãse	150	14	-	07	-
Escola Indígena Krasãpate	29	56	30	04	2
Escola Estadual Indígena Srewe	14	-	-	01	-
Escola Indígena Dakburoikwa	04	-	-	01	-
Escola Indígena Sawrepte	13	-	-	01	-
Escola Indígena Wakrero	10	-	-	01	-
Escola Indígena Sina	11	-	-	01	-
Escola Indígena Kwatepo	11	-	-	-	01
Escola Indígena Kupsina	12	-	-	01	-
Escola Indígena Dbatopre	26	-	-	02	-
Escola Indígena Dakma-arse	22	-	-	01	-
CEM Indígena Xerente Warã	-	159	120	08	08
TOTAL	700	468	188	76	13

Fonte: SEDUC (2016)

A grande quantidade de escolas, de estudantes e professores elencados no quadro 2, remete à importância da discussão da concepção da interculturalidade, conforme proposto por Guimarães (1996). Isso se faz urgente em virtude do contato entre indígenas e não-indígenas, onde a hegemonia é da sociedade majoritária, enfraquecendo a língua materna e a cultura do povo. Com pensamento similar, Albuquerque (1999) enfatiza que é necessário um estudo que vise ações voltadas para uma educação escolar indígena, inclusive quanto à formação dos professores, que considere a vida cultural e respeite sua língua materna.

Assim, Moraes (1996), com base num referencial teórico voltado à interculturalidade, que neste caso do povo Xerente, precisa-se fazer valer de novas pautas educacionais e reconhecer um paradigma educacional emergente como sendo construtivista, interacionista, sociocultural e transcendente, conforme estabelece :

As implicações do novo paradigma na formação dos futuros professores para uma sociedade do conhecimento precisam ser cuidadosamente observadas no sentido de possibilitar um novo redimensionamento de seu papel. O modelo de formação dos professores, de acordo com esse novo referencial, pressupõe continuidade, visão de processo, não buscando um produto completamente acabado e pronto, mas um movimento permanente de "vir a ser", assim como o movimento das marés, ondas que se desdobram em ações e que se dobram e se concretizam em processos de reflexão. É um movimento de reflexão na ação e de reflexão sobre a ação (MORAES, 1996 p. 66).

Sobre o refletir das ações em uma educação intercultural que perpassa pela formação de professores, D'Ambrósio (2009) enfatiza que em todas as culturas o conhecimento está subordinado a um contexto natural, social e de valores. Indivíduos e povos criam, ao longo da história, instrumentos teóricos de reflexão e observação. Associados a estes, desenvolvem técnicas e habilidades para explicar, entender, conhecer e aprender, visando ao saber e ao fazer. Assim, teorias e práticas são respostas a questões e situações diversas geradas pela necessidade de sobrevivência e transcendência.

D'Ambrósio (2009) compreende que transdisciplinaridade é a consideração de que não há espaço nem tempo privilegiados que permitam julgar e hierarquizar - como mais corretos ou verdadeiro - complexos de explicações e de convivência com a realidade. E no que diz respeito à educação intercultural, aprende-se no espaço de aprendizagem e de troca de aprendizagens em que se faz presente a diversidade de culturas e a riqueza de conhecimentos, saberes e práticas a elas associadas. E nesta perspectiva, estudiosos esclarecem:

Também devemos considerar o fato de que nos espaços educativos convivem diferentes culturas, promotoras e produtoras de diferentes saberes, que necessariamente imbricam para uma educação intercultural. Essa nova postura irá nos conduzir a atitudes transdisciplinares, ou seja, modos de convivência com as diferenças que nos levará, conseqüentemente, a uma convivência onde a aquisição do conhecimento seja algo natural. Afinal, o aprender a aprender se dá numa via de acesso de múltiplos referenciais, onde se entrecruzam diferentes caminhos, convergindo para diferentes formas de aprendizagem (ALMEIDA, ALBUQUERQUE E PINHO, 2014, p.2).

Destaque também no viés da formação do professor, a perspectiva transdisciplinar que se torna tão relevante à educação escolar indígena, conforme preceitua Suanno (2014), face à pluralidade de temáticas que são absorvidas:

Neste sentido, complementarmente aos conteúdos disciplinares já trabalhados nas universidades, a presente pesquisa me permitiu compreender a relevância do estudo e do diálogo transdisciplinar sobre metatemas, como: mundo, terra, vida, humanidade, arte, história, conhecimento, culturas adolescentes, antropolítica, antropolítica, antropoética, democracia, sustentabilidade, cidadania, consciência, responsabilidade planetária, justiça e responsabilidade social, solidariedade, pluralidade cultural, diversidade, globalização, cultura de paz e não-violência, direitos humanos, pensamento sistêmico, transdisciplinaridade, condição humana, dentre outros (SUANNO, 2014, p.11).

E por isso, com base no estudo de temáticas, em perspectiva interdisciplinar/transdisciplinar, a formação de docentes deve desenvolver a capacidade humana de pensar complexo, assim como, ampliar a percepção e a sensibilidade do sujeito sobre as questões humanas, sociais e ambientais. Segundo Santos (2008), é preciso impulsionar a relação entre teoria e prática, com consciência ampliada, comprometimento, criatividade propositiva, atitude transdisciplinar, na elaboração e efetivação de ações transformadoras do real e do sujeito.

Após a percepção do professor indígena que precisamos formar, segue a dissertação com as questões gramaticais, em suas concepções morfológicas, quanto ao uso dos substantivos na língua Xerente.

### **3.2 Relações entre a língua xerente e a língua portuguesa**

O ambiente social, cultural e sociolinguístico dos povos indígenas brasileiros, em suas mais distantes comunidades e diversificadas línguas tendem a favorecer, naturalmente, a uma interação e integração de práticas sociais, culturais e linguísticas com povos não indígenas. Até porque os empréstimos entre línguas é muito comum numa perspectiva sociolinguística. Esse fato ocorre pela diversidade cultural e linguística do elemento indígena, o que constitui farto material para a produção do conhecimento, de modo empírico e científico (MIRANDA, CARNEIRO e VALE, 2013).

Todas as práticas socioculturais, sejam na saúde, no empirismo, nas danças, na arte, na religiosidade, nos tipos de relacionamentos matrimoniais entre homens e mulheres geraram representações simbólicas e nomes para sua designação. A influência indígena deixou marcas na vida brasileira e nesse processo de nomeação. A

ciência Sociolinguística, segundo Neto (2012), vem registrando a contribuição linguística indígena dada ao português brasileiro, até porque não são recentes trocas entre uma e outra língua ou culturas.

Miranda, Carneiro e Vale (2013) reiteram que o resultado de intercâmbios entre o indígena e o não-indígena tem se tornado corriqueiro na pesquisa sociolinguística. Porém, o espaço escolar, as práticas educativas, as trocas de experiências do ensinar e do aprender as línguas (indígenas e portuguesa) em sua forma integrada e articulada é mais contemporânea e tem ganhado espaço na pesquisa acadêmica.

Para Neves (2008), recentes estudos que esclareçam sobre a história de contato de algumas comunidades com a língua portuguesa devem servir para a descrição gramatical de ambas as línguas e podem resultar em material pedagógico, porque desse contato linguístico decorre uma interação entre línguas indígenas e língua portuguesa, cujo resultado deve ser valorizado para a produção da educação linguística e material didático no ensino do português brasileiro e de línguas indígenas

Reiterando Neves (2008), observa-se a reflexão sobre os elementos da cultura e os aspectos linguísticos na produção do conhecimento regular em sala de aula e, assim, ter a possibilidade de integração entre saberes indígenas e não indígenas, especialmente quantos aos conhecimentos linguístico-gramaticais, o que neste caso será consolidado quanto aos substantivos.

Assim, as perspectivas sociolinguísticas em que estão envolvidos os povos indígenas são bem definidos conforme se observa a seguir:

Essa possibilidade decorre de alguns aspectos que minimamente aqui se pode elencar, mas que são favorecedores para uma integração educativa entre o elemento indígena e o não indígena, como: (a) a condição geográfica do território nacional com tribos e povos alocados de norte a sul do país; (b) a evolução, no Brasil, dos estudos sociolinguísticos sobre as línguas indígenas, cujas pesquisas há algumas décadas têm produzido livros, revistas, artigos, criando-se material bibliográfico sobre a constituição, a tipologia, a historiografia e mesmo os usos variados nas línguas faladas pelas diversas tribos nacionais; (c) a existência (embora ainda iniciante) de uma política educacional para os povos indígenas, com a definição de diretrizes nacionais para o funcionamento de escolas em aldeias e orientações teórico-metodológicas na formação de professores de educação indígena (MIRANDA, CARNEIRO e VALE, 2013, p. 118-119).

A contribuição das línguas indígenas, via contato linguístico, não está tão somente na herança que essas línguas deram ao léxico do Português Brasileiro, mas ainda na contribuição fonético-fonológica, morfológica, semântica e pragmática. Desta forma, os

pressupostos apresentados anteriormente são ratificados por legislação educacional, uma vez que verificamos o registro do Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI) sobre o assunto:

Uma das maneiras utilizadas por falantes de línguas dominantes para manter o seu poder lingüístico é demonstrar desprezo pelas línguas minoritárias: é referir-se a elas como 'gírias', 'dialetos', 'línguas pobres' ou 'línguas imperfeitas'. Isso faz com que os falantes indígenas passem a se envergonhar de suas línguas, passem a ter atitudes negativas em relação a elas, terminando por abandoná-las (BRASIL, 1998, p. 117).

O que é exposto pelo RCNEI é um avanço porque contraria o pensamento colonial, entre a linguística indígena e a língua portuguesa falada no Brasil, que tinha inúmeras resistências de instituições e de educadores, ao privilegiarem a manutenção de políticas voltadas para o ensino e a aprendizagem da língua nacional e valorizavam menos as ações de ensino de línguas dos povos indígenas. A partir da constituição federal de 1988, passa-se a reconhecer o potencial da cultura e da língua dos povos indígenas e de seus usos linguísticos. De qualquer forma, é possível perceber que ainda há um distanciamento de setores que lidam com a educação e a pedagogia em tratar as línguas indígenas como potencial de ensino (ALBUQUERQUE, 2008).

Segundo Albuquerque (2008) é preciso avançar em pesquisa com descrição linguística. Muitos estudos sobre línguas indígenas produzidos por pesquisadores de grandes universidades brasileiras tornam mais conhecidas e mais acessíveis as línguas de muitos povos indígenas do país, mas a descrição gramatical das línguas indígenas ainda é considerada pouco acessível aos estudantes, aos professores, à sala de aula e à própria academia.

Com essa prerrogativa, Maher (2010) estabelece que a relação entre as línguas indígena e portuguesa pode ser objeto de estudo e reflexão na escola. E para a autora, a perspectiva da conciliação entre a língua indígena materna e a língua portuguesa como segunda língua, entretanto, nem sempre escapa a algumas polêmicas e costuma ser assunto recorrente em pesquisas que tratam da situação linguística de povos indígenas brasileiros em contato.

### **3.3 A língua Akwẽ Xerente: breves considerações fonológicas, morfológicas e lexicográficas**

Para Sousa Filho (2007), os estudos lingüísticos propriamente ditos – acerca da língua Xerente – tiveram início em 1965, época da chegada do Pastor Rinaldo Mattos,

lingüista filiado ao SIL (Summer Institute of Linguistics), à aldeia Porteira. O Pastor descreveu a fonologia da língua, estabelecendo a ortografia que vem sendo utilizada na alfabetização dos índios e na tradução da Bíblia. Além disso, também escreveu uma série de trabalhos didáticos na língua Xerente, todos não publicados (MATTOS, 1973).

Em continuidade, a partir de 2003, dois estudos sobre o nome em Xerente, a dissertação de mestrado de Kênia M. F. Siqueira, intitulada “O substantivo Xerente”, defendida em 2003 na Faculdade de Letras da UFG, de Siqueira, 2003) e o estudo “Morfologia do substantivo Xerente”, de Santos (2001), contribuíram com conhecimentos acerca da formação dos casos genitivos do sintagma nominal de forma geral e de alguns processos de derivação flexional dos nomes em Xerente.

Sousa Filho (2007) evidencia que um número considerado de estudos lingüísticos realizados nas aldeias Xerente antes de 2003 ficaram por conta de Braggio, que desde 1988 promovia pesquisas sobre a língua numa perspectiva sociolingüística e trabalhando a educação escolar Xerente. Dentre os vários estudos, destacamos os seguintes, promovidos por Braggio e anos distintos: “Contato entre línguas: subsídios para a educação escolar indígena”, “Sociedades indígenas: a escrita alfabética e o grafismo” e “A instauração da Escrita entre os Xerente: conflitos e resistências”. Também contávamos com o nosso estudo feito em 2000 (Sousa Filho, 2000). Nele tratamos da aquisição da língua portuguesa oral pela criança Xerente e retratamos, entre outros aspectos, a singularidade de um processo de aquisição do português em uma comunidade de fala bilíngue.

Por sua vez, conforme Mesquita (2009), os estudos sobre a fonética e fonologia da língua Xerente (Akwẽ) apresentam muitas possibilidades de análise e descrição, ou seja, não se trata de uma discussão pronta e definitiva, até porque as línguas não o são.

Ao trabalhar com a fonologia da língua Xerente. Souza (2008) apresentou um inventário dos fones da língua e uma proposta para o quadro fonológico. Seu trabalho foi relacionado ao quadro fonológico descrito e apresentada por Krieger & Krieger (1994) para o Dicionário Xerente e a proposta de grafia da língua. Tal descrição parte da análise fonêmica feita por Mattos (1973) e é composta pelos seguintes fonemas consonantais e vocálicos:

- Consoantes: b, d, h, k, m, n, p, f, s, t, w, z;
- Vogais orais: a, i, ε, e, i, o, o, u;

- Vogais nasais: ã, ã, ĩ, õ, ũ.

No tocante à acentuação, Braggio (2005) ainda mostra como o acento em Xerente é demarcativo, e não distintivo, uma vez que é fixo na última sílaba da palavra, simples ou complexa. As considerações sobre as construções silábicas remetem aos tipos de sílabas possíveis na língua, segundo a autora, que são compostas por V, VV, VC, CV, CVC, CVV, CCV, CCVV, CCVC, CCCV e CCCC. Esses estudos também não são conclusivos e muitos dados ainda se encontram em fase de análise.

Vale enfatizar que Sousa Filho (2007) identificou e descreveu sete classes de palavras em Xerente, a saber: nome, verbo, advérbio, pronome, posposição, conjunção e partícula. Os nomes, considerados complexos, juntamente com os verbos, são classes maiores, ou seja, possuem maior acervo na língua, enquanto as demais são menores. Assim, de uma forma mais generalizada podemos acrescentar, conforme o autor, que na base da formação das novas palavras em Xerente, observamos que trata-se de uma língua de característica basicamente aglutinante. Braggio (2005) considera como palavras complexas aquelas que apresentam mais de uma categoria gramatical adicionada ao nome ou ao verbo, ou seja, a maioria na língua Xerente, que é predominantemente aglutinante.

Na perspectiva lexicográfica, evidencia-se que o léxico é o patrimônio social da comunidade por excelência, conforme estabelece Biderman (2001), dada a relevância de uma língua para o seu povo, quando se observa que a língua desses povos vive a condição de língua minoritária frente à língua portuguesa.

Conforme Silva e Albuquerque (2018), é da natureza humana categorizar e nomear os seres e os objetos que a cercam, à medida que o universo do qual é parte integrante e determinante precisa ser conhecido e estruturado. Por isso, conforme estabelecido por Neves (2010), é a partir do ato de nomear que se gera o léxico das línguas naturais, que vai se processando por meio de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência cristalizada em signos linguísticos.

As ciências do léxico, conforme Sapir (1961, p. 51), configuram-se como testemunhas de uma sociedade, devido à sua condição de ser resultante das experiências vividas e acumuladas pelas sociedades e culturas através dos tempos. Logo, é na experiência cotidiana, em meio às vivências socioculturais, que o ser

humano armazena na memória novas palavras em seu acervo lexical individual (SILVA E ALBUQUERQUE, 2018).

Segundo Genouvrier e Peytard (1985), na construção de processos linguísticos, a escola tem dois papéis: o primeiro é promover indivíduos comunicativamente competentes; o segundo, é contribuir para o aumento do léxico individual do estudante. Nota-se na prática, principalmente em línguas minoritárias, que o professor não tem mecanismos para favorecer esse enriquecimento lexical do aluno. Sabe-se, inclusive, que, em ato de fala, nenhum indivíduo utiliza a totalidade de seu léxico.

Quando se fala em léxico no ensino para indígenas, há de se lembrar que o contato linguístico entre comunidades indígenas e não indígenas - muitas vezes com escolas regulares situadas próximo a aldeias - não pode deixar de produzir efeitos na formação educativa de crianças e jovens sobre o conhecimento linguístico e cultural do povo indígena (SILVA E ALBUQUERQUE, 2018). Não apenas porque se queira avigorar a contribuição do elemento indígena à cultura brasileira e ao léxico da língua portuguesa, mas, principalmente, porque o professor deve ser capaz de promover os adequados encaminhamentos, quando se trata de educação escolar bilíngue para povos minoritários (NEVES, 2008).

Ao se abordar o léxico, Mesquita (2009), concatenando com as ideias de Langacker (1977), evidencia que os percursos do empréstimo lexical refletem os caminhos da influência cultural, e desta, forma, quanto maior for a influência de uma cultura sobre outra, maior será a quantidade de empréstimos adotados, consoante ao que aqui se transcreve:

Os empréstimos feitos pelas línguas minoritárias de línguas dominantes em contato, principalmente as indígenas, têm sido vistos como indícios, sinais, da desvitalização do léxico dessas línguas e, conseqüentemente, das estruturas socioculturais e políticas dos povos que as falam (BRAGGIO, 2005, p.2).

A autora levanta também a possibilidade de que a entrada de itens lexicais da língua dominante acabe por provocar uma “aculturação do léxico” das línguas minoritárias. Considerando-se a língua Xerente, Braggio (2005) ressalta que os

empréstimos linguísticos podem ser uma fonte de enriquecimento lexical, verificado historicamente entre as línguas.

Ainda segundo Mesquita (2009), apesar do prestígio e amplo uso do Xerente na linguagem oral, confirmamos uma situação conflitante já levantada por Braggio (2005), em que grande parte da população mais jovem declarou não entender ou ter dificuldades para entender a língua que os mais velhos falam. Logo, pode-se entender como um indício de uma mudança muito rápida na língua, que vem acontecendo de geração a geração e que, segundo Braggio (2005), é um fator apontado como negativo na vitalidade das línguas indígenas. E é justamente entre os mais jovens que temos observado uma utilização de empréstimos mais frequente. De maneira similar, é também entre os jovens que o uso das formas mais próximas à Língua Portuguesa é muito mais intenso.

### 3.4 Os substantivos na língua xerente

A reflexão sobre a estrutura e o funcionamento da língua é importante e deve ter seu lugar na escola, pois permitirá ao estudante, no momento certo, desenvolver sua habilidade intelectual de produzir conhecimento. Assim, conforme Camara Jr. (2001), num conceito semântico, o substantivo é a palavra ao qual damos nomes aos seres em geral, pois nos apoiamos na propriedade comum dos substantivos de nomear os seres.

Esta conceituação também se direciona às línguas indígenas. De acordo com Sousa Filho (2007, p. 84-85), que descreveu o nome a partir de suas características gramaticais (fonológica, morfológica, gramatical e semântica), os nomes em Xerente:

- 1) ocorrem como formas livres;
- 2) recebem prefixos pessoais subjetivos e prefixos relacionais;
- 3) podem ocorrer com o formativo **-nōri** que efetua a marcação do número não- singular nos nomes;
- 4) podem receber eventual marcação de gênero em casos específicos;
- 5) ocorrem com sufixo derivacional **-re**, de diminutivo;
- 6) recebem o marcador enfático **-h** ;
- 7) podem ocorrer como formas derivadas de itens de outras classes de palavras, como verbo, mediante o acréscimo dos sufixos nominalizadores **-z**( e **-kwa**;
- 8) podem ser marcadas pela posposição ergativa **-te ~ -t**, isto é, são marcados pela categoria do caso ergativo;

- 9) exercem funções sintáticas argumentais de núcleo do sujeito ou de um objeto direto ou indireto;
- 10) apresentam valências 1 e 2 nos predicados genitivos em que ocorrem como núcleo;
- 11) podem ocorrer como predicados de orações não-verbais;
- 12) apresentam classificadores nominais, lexicalizados ou não;
- 13) do ponto de vista semântico, representam a nomenclatura referencial da língua Akwe, sendo responsáveis pela referência da CF (Comunidade de Fala) dos Xerente, operando a referência em grande parcela a partir de termos de classe;
- 14) e ocorrem em uma subclasse de nomes que denominamos de nomes de conceitos de propriedades (N-cp).

Ao se falar especificamente dos nomes, valem as considerações de Almeida (1999), pois existem palavras que sempre designam coisa, ser, substância. Toda a palavra que encerra essa ideia denomina-se substantivo. Substantivo é, pois, como o próprio nome está a indicar, toda a palavra que especifica substância, ou seja, coisa que possua existência, ou animada (homem, cachorro, laranjeira) ou inanimada (casa, lápis, pedra), quer real (sol, automóvel), quer imaginária (Júpiter, sereia), quer concreta (casa), quer abstrata (pureza).

É importante destacar que os nomes sempre remetem a identidade do povo que os utilizam, e portanto, nas subseções que seguem serão observadas esses detalhes identitários xerente.

### 3.4.1 Substantivos simples em Xerente

De maneira similar à Língua Portuguesa, também na língua Xerente, os substantivos simples são aqueles que um radical pode ter mais do que uma sílaba. Além disso, sabemos da importância que o aspecto formal tem para a identificação das palavras, tendo em vista ser a forma da palavra com que, primeiramente, o aprendiz se depara.

A relação descrita no quadro 3, que segue, evidenciará melhor alguns substantivos simples do cotidiano Xerente:

**Quadro 3 – Substantivos simples na ortografia Xerente**

bâ – urucum	danse – ombro
bdâ – deus, dia, sol	dantõ - derradeiro, fim, último
dabdu – pescoço	dapa – fígado
bru – roça	dapkẽ - coração
dakrã – cabeça	pku – lagoa ,lago

dba – jovem que não é mais virgem
du – capim
dahâ – casca, pele
hâ – curiango
hdâ - pedra (usada para fazer sangria)
hu – neblina
kâ – água
kbu – mosca
kdâ – anta
kê – mel
kmõ – chifre
knê - pedra
knĩ – lança
krda – arara vermelha
krdi – gafanhoto de asa vermelha
kdo – cigarra (espécie noturno)
krê - periquito
kri – casa
kro – macaco
kru – rato
ku – chifre
ku – guará
mã – ema
mmĩ – lenha
damnã – cauda, rabo
mrã – fome
mrã – floresta, mato
mrõ – fava-de-coceira
danĩ – carne
nrõ – coco

ponê - veado
dapra – pé , rasto
ra – sambaíba ( árvore )
ro – coisa, coisas
ro – chapada
sbi – aranha
sbo – cofo (uso em cerimônia funeral)
se – martim-pescador (pássaro)
si – ave
dakrê – nariz
srã – colina, morro
dasri – rim
ssu – folha de buriti
dasu – pêlo
tã – chuva, inverno
tbê – peixe
datê – canela (osso)
ti – carrapato
ti – flecha
tka – araponga, ferreiro (pássaro)
tka – chão, terra
tki – flecha
wa – papagaio
wa – lua
wda – bico
wdê – árvore, madeira
wre – anu (pássaro)
zâ – chocalho, maracá
zâ – jibóia

Na análise dos substantivos do quadro 3, pode-se afirmar que as palavras da língua Xerente, ou seja, o seu léxico está impregnado de significações únicas, e de tal forma ligadas à sua identidade sociocultural, e que somente o seu povo pode percebê-las de forma aprofundada, e mesmo na construção de um único radical, sempre terá uma tradução falha ou incompleta. Os nossos nomes é a nossa identidade porque cada clãs tem o seus nomes específico. Por exemplo, o nome Srêmtôwẽ ele só pode ser colocado nas pessoas que se pintam de círculo, não se pode colocar esse nome na pessoa que se pinta de listra.

### 3.4.2. Substantivos compostos em Xerente

A importância do aspecto semântico para explicar ou descrever ocorrências da língua não deve ser ignorada, isso se confirma no uso dos substantivos compostos, pois não se trata apenas de uma palavra com mais de um radical, passa a ser um novo substantivo com nova identidade e nova significação, que muitas vezes em nada remete aos nomes separadamente (ROCHA e MESCKA, 2012).

Castilho e Elias (2012) sugerem que é relevante estudar os substantivos com base em suas características de “produção de sentidos”, uma vez que, uma das propriedades básicas dos substantivos é a de referenciar, designar algum referente: alguma coisa ou pessoa. De fato, como expressam os autores, em nossa tradição gramatical e linguística, o termo referência se especializou para indicar ‘designação, denominação’ de seres e coisas.

Nesta perspectiva, Basilio (2010) destaca que composição de palavras é um tipo de formação que utiliza processos sintáticos com objetivos lexicais, conforme mencionado anteriormente, de forma que os radicais que o compõem colaboram para o conhecimento semântico dos nomes compostos.

Por conseguinte, a relação descrita no quadro 4, que segue, evidenciará melhor alguns substantivos compostos do cotidiano Xerente:

**Quadro 4 – Substantivos compostos**

Nome composto	Significado	Composição	Tradução livre
Tpêbâ	‘arraia’	{tpê} ‘peixe’ + {-bâ} ‘rabo, ferrão traseiro	peixe de ferrão

ktâku	'gado vacum'	{kdâ} 'anta'+ {-ku} 'chifre'	anta de chifre
siwtapre	'sanhaço-de-fogo'	{si} 'pássaro' + {wta} 'bico' + {pre} 'vermelho'	pássaro do bico vermelho
tpêkrâipo	'surubim'	{tpê} 'peixe' + {krâi} 'cabeça' + {po} 'largo, achatado'	peixe da cabeça chata
tpêkatopre	'piaba dos olhos vermelhos'	{tpê} 'peixe' + {ka} 'novo, tenro' + {to} 'olho' + {pre} 'vermelho'	peixe novo dos olhos vermelhos
wdêkrâikuze	'laranja'	{wdê} 'árvore' + {krâi} 'fruta' + {kuze} 'cheiro forte'	fruta d'árvore de cheiro forte
krkowasterê	'sagui'	{krko} 'macaco'+ {waste} 'inferior, falso'+ {rê} 'diminutivo classificador'	macaco falso pequeno
wīkiwasterê	'codorna'	{wīki} 'perdiz' + {waste} 'inferior' + {rê} 'diminutivo classificador'	perdiz falsa pequena
tpêhâirêwawê	'piabanha'	{tpê} 'peixe'+ {-hâi} 'couro, pele' + {rê} 'diminutivo classificador' + {wawê} 'grande'	peixe grande de pele fina
Sumzarnpokr porê	'jumento'	{sumzar} 'cavalo'+ {npokr} 'orelha'+ {po} 'largo' + {rê} 'diminutivo classificador'	cavalo pequeno da orelha larga
Sidurkwaitopr erê	'espécie de gavião'	{si} 'ave' + {dur} 'levar' + {kwai} 'instrumental animado' + {-to} 'olho' + {pre} 'vermelho' + {rê} 'diminutivo classificador'	pássaro pequeno de olhos vermelhos carregador de coisas
Kumdinmīn nāpari	'batata-de-purga'	{kumdi} 'batata doce' + {nmī} 'possessão de qualidade' + {nnāpari} 'diarreia'	batata doce causadora de diarreia
siwtakrturêk rāiprerê	'pardal'	{si} 'pássaro, ave' + {wta} 'bico' + {krturê} 'curto' + {krâi} 'cabeça' + {pre} 'vermelho' + {rê} 'diminutivo classificador'	pássaro pequeno do bico pequeno da cabeça vermelha
sānmāwaw ê wdêkturê	'barba-timão'	{sānmāwawê} 'faveiro, fava-d'anta' + {wdê} 'pau, árvore' +	faveiro da árvore baixa

		{krturê} 'pequeno, curto, baixo'	
arbopahi	guarda chuva	{arbo} morcega + {pahi} asa	asa de morcega
waikwapre	pacu vermelha	{wa} clara + {i} VL + {kwa} dente + {pre} vermelha	pacu clara de dente vermelha
aiktepre	recém nascido	{aikte} criança + {pre} vermelha	criança vermelha
wdêkrukrã	Melancia	{wdê} árvore + {kru} rama + {krã} fruto	fruto da árvore em rama
kâpre	Enxurrada	{kâ} água + {pre} vermelha	água vermelha
wapsãwara	Raposa	{wapsã} cachorro + {wara} pêludo	cachorro pêludo
wdêkrãipre	Cajá	{wdê} árvore + {krã} fruta + {i} VL + {pre} vermelha	árvore da fruta vermelha
tpêwtahi	peixe bicudo	{tpê} peixe + {wta} bico + {hi} fino, osso	peixe de bico fino
Hikrãiti	Joelho	{hi} osso + {krã} cabeça + {i} VL + {ti} PRED	cabeça da perna

Fonte: MATTOS, R. **Língua e cultura Xerente 1981.**

Na análise dos substantivos compostos do Quadro 4, evidencia-se que a conceituação sobre palavra é importante quando se trata de substantivos compostos. Por outro lado, a necessidade de analisar o conceito de palavra pelo viés da semântica se torna indispensável, uma vez que esse aspecto da linguagem refina as informações dos níveis fonológico e morfossintático para assegurar ao termo o *status* de estrutura lingüística como palavra no vernáculo, pois os nomes simples, quando se estruturam em substantivos compostos remetem a uma nova significação ou situação.

Para Biderman (1999), um nome composto só se considera como tal a partir do momento em que há a junção de dois nomes simples para um único referente. Isso

envolve o aspecto fonológico porque cada nome simples apresenta apenas uma pauta acentual no processo de composição por justaposição; diferentemente do nome composto por aglutinação, que comporta apenas um acento o qual incide sobre o segundo nome, conforme se observou nos nomes listados em língua Xerente.

### 3.4.3 Antropônimos xerente separados por clãs

Nos pressupostos de Dick (1992), o estudo da antroponímia exerce o papel de apropriados registros do cotidiano, revelado em atitudes e posturas sociais, específicas a determinados grupos humanos, pois os nomes das pessoas – antropônimos – remetem desde questões sentimentais até as mais imensuráveis e complexas concepções sociológicas, culturais, religiosas, linguísticas, dentre outras. Com essa prerrogativa, o léxico antroponímico passa a ser compreendido como um indicador línguo-cultural, no qual a língua retrata a visão de mundo de um povo e evidencia a interrelação que se estabelece entre o linguístico e o mundo biossocial. Nesta perspectiva, seguem no quadro 5, os nomes de pessoas relacionados pelo pesquisador:

**Quadro 5 – Antropônimos separados por clãs**

<b>KUZÂ SNĪ AMBĀ NŌRAI SISIZE = NOME MASCULINO DO CLÃ KUZĀ</b>	
Ainãhrâ	ainã + sua tia + hrâ grito = grito de sua tia
Bruwẽ	bru + roça + wẽ/bonita = roça bonita
Dabâzârkwâ	dabâ + cauda + zârkwâ / cortador = cortador de cauda
Dakawapsikwâ	daka + costa de pessoa + wapsikwâ / machucador de costa
Damsôkêkwâ	dam +terceira pessoa não sing.+ sôkê + trilhar + kwa + nominalizador aquele que faz trilha para os outros.
Dapibuikwâ	da + pron.3º pess. sing + pibu + aquele que visita os outros + i VL +kwa = Nominalizador.
Dawakreĩkwâ	da + pron. 3º pess. sing.+ wakre + furar + i + VL + kwa = nominalizador
Hkâwẽ	hkâ + aquele que ajunta + wẽ = boas, bonita
Hmôwẽ	hmô+lugar limpa + wẽ + boa, bonita.
Krãĩrdu	krã + cabeça + ĩ + VL+rdu+áspero
Krunômĩ	kru+ rato + nômĩ + colocar em posição horizontal
Ktēmĩrã	ktẽ + pedra + mĩrã + pegar/dual.

Kumnãse	kumnã + desconfiança + se + martim pescador = martim pescador desconfiado
Pizumêkwa	pizu+buriti +mêkwa+aquele que lança, ou seja, lançador
Rbemêkwa	rbe + mirindiba + mêkwa + aquele que lança ou seja, lançador
Romkre	rom +coisa + kre + seca = coisa seca
Romprê	rom + coisa + prê + pesada = coisa pesada
Rowakro	ro + coisa + wakro + quente = coisa quente
Shârrã	shâr + cortar + rã + branco = cortada branca
Simnã	si+ pássaro + mnã+ cauda, rabo
Simnãkru	si+pássaro + mnã +cauda + kru + ramo
Sinã	si + pássaro + nã + com = pássaro-POSP
Sirnãwê	sirnã + flor + wê + bonita = flor bonita
Sirowasde	si + pássaro + rowasde + sujeira, mata = pássaro da mata
Siwarrĩru	si + pássaro + warrĩru + penteado mal feito = pássaro mal penteado
Sizdacrã	si + pássaro+ zdacrã + bico preto = pássaro bico preto
Smĩsuite	smĩ + indicação de qualidade +su + folha+ i + VL + te + novo-ERG = N.Pes-ERG
Smĩwaĩbu	smĩ+ indicação de qualidade +waibu + que ajunta, escolher, selecionar
Sõwarê	sõwa + peito + rê + DIM = aquele que é peitudinho
Srêmtôwê	srêm + pássaro + tôwê - agradável = pássaro agradável
Srênõmrĩ	srê + pássaro + nõmrĩ - colocar em posição horizontal, pôr em (dual)
Srêwasa	srê + pássaro + wasa – jandaia = pássaro jandaia
Srêzasu	srê + pássaro +zasu + perna peludo = pássaro perna peludo
Suprawêkõ	supra + areia + wêkõ + inaceitável, feio = areia não bonita
Tãĩbã	tã + chuva + ĩ VL + bã + cauda = cauda de chuva
Wakrowa	wakro + pati (árvore) + wa + clarear = pati clareado
<b>KBAZI SNĨ AMBÂ NÕRAI SISIZE = NOME MASCULINO DO CLÃ KBAZI</b>	
Dbatêkrdu	dba + não virgem + têkrdu + perna grossa = não virgem perna grossa
Kasuwamrĩ	kasu + palha + wamrĩ + pequena = palha pequena

Kbazdimēkwa	kbazdi + algodão + mēkwa + lançador = lançador de algodão
Krēwanĩsu	
Krkoz dabu	krko + macaco + zdabu + barba = barba de macaco
Krtitmōwē	krti + gafanhoto + tmō + olho + wē + bonita = gafanhoto do olho bonito
Kuhânĩpi	kuhâ + porco queixada + nĩpi + trabalhar = porco queixada trabalhador
Nrōrēmēkwa	nrōrê + coquinho + mēkwa + lançador = lançador de coquinho
Panhâ	pa + fígado + nhâ + cortar = cortador de fígado
Pnĩrê	pnĩ + mel + rê +DIM = melzinho
Prerde	nome sem tradução
Sakruĩkawē	sakru + local + ĩ +VL + ka+ branca + wē + bonita = lugar branca muito bonito
Samrĩ	nome sem tradução
Sêikō	sê + doce + ĩ + VL + kō + sem, não = sem gosto
Sikmōwē	sikmō + gavião + wē + bonita = gavião bonito
Sissâpte	nome sem tradução
Smĩwaĩbu	smĩ+ indicação de qualidade +waibu + que ajunta, escolher, catar.
Sōhêkō= Sōwêkō	sō + peito + wêkō + não bonito = peito não agradável
Srêkupari	srê + pássaro + kupari - apoiar, apoiado = pássaro apoiado
Sromnē	sromnē + coisa existente
Ssâpte	nome sem tradução
Tpēmēkwa	tpê + peixe + mēkwa + lançador = lançador de peixe
Wakmōpte	wa + eu +kmō + chifre + pte + amarelo = pessoa de chifre amarelo

<b>KRITO SNĪ AMBĀ NŌRAI SISIZE = NOME MASCULINO DO CLĀ KRITO</b>
--

Dakawazrêkwa	daka + costa + wazrêkwa + aquele que tira a pessoa de um lugar para outro = Pessoa que gosta de levar multidão consigo.
Dapazârkwā	dapazâ + vesícula + r + CL + kwa = NMZ
Dbakro	dba + que não é virgem + kro + macaco = macaco não virgem
Dbanĩnārĩ	dba + que não é virgem + nĩnārĩ + que pergunta
Dbazakrsêkō	dba + que não é virgem + zakrsêkō + que não é querido

Kmõmse	kmõ + chifre + CL + se + martim pescador = chifre do martim pescador
Kmõwamrĩ	kmõ + chifre + wamrĩ + pequena = chifre pequena
Krtitêmkê	krti + gafanhoto + tê + perna + m +CL + kê + mel = gafanhoto perna de mel
Kruze	kru + rato + ze + mijo = mijo de rato
Ktêmêkwa	ktê + pedra + mêkwa + lançador = lançador de pedra
Kukawnõmrê	kukaw + cabaça + nõmrê + DIM = cabacinho dado
Kupkrtãmêkwa	kupkrtã + taboca + mêkwa + lançador = lançador de taboca
Kurbepte	kurbe + caverna + pte + amarelo = caverna amarela
Pasiku	pa + comprido + siku + gavião = gavião comprido
Pawimêkwa	pawi + cachimbo + mêkwa + lançador = lançador de cachimbo
Prase	pra + pé + se +martim pescador = pé de martim pescador
Rkopê	rko + fazer fogo + pê + boa, bom = boa para fazer fogo
Sakruiwê	sakru + lugar + i + VL + wê + bonita = lugar bonita, aldeia bonita
Sapakõ	sapka + querer + kõ + sem, não = sem querer
Sawrekmõzê	sawre + gigante + kmõ + chifre + zê + doce
Sêikõ	sê + doce + ĩ + VL + kõ + sem, não = sem gosto
Sidakrã	si + pássaro + dakrã + cabeça = cabeça de pássaro
Sikuwakârkwa	siku + gavião + wakârkwa + pegador = gavião pegador
Sipahimêkwa	si + pássaro + pahi + asa + mêkwa = lançador de asa de pássaro
Srêkbukrã	srê + pássaro + kbukrã + cara preta = pássaro da cara preta
Wahênnê = Wahinnê	wahi + talo + n + CL + nê + como, semelhante a = semelhante a talo.
Waikairê	wa + papagaio + i VL + ka + verde + i + VL + rê + DIM = papagaizinho verde
Wakrãwi	wakrã + moreno + wi + chegar = moreno chegou
Wakuke	wa + papagaio + kuke + pintado = papagaio pintado
Wasde	nome sem tradução
Wassurê	wa + papagaio + ssu + peludo + rê + DIM = papagaio peludinho
Wawêmrã	wawê + velho, ancião + mrã + mato = mato velho
Wazapa	wa + 1ª. pess. com partícula de tempo/aspecto za indicando

	ação futura + pa + apagar = Vou apagar
Wrewē	wre + anu (pássaro) + wē + bonito - NMZ = pássaro bonito
<b>WAHIRĒ SNĪ AMBĀ NŌRAI SISIZE = NOME MASCULINO DO CLĀ WAHIRĒ</b>	
Ainākre	ainā + sua tia + kre + tia seca, magra
Aināsiwē	ainā + sua tia + si + pássaro + i + VL + wē + bonita
Aināto	ainā + sua tia + to + alegre, feliz = sua tia alegre
Amnnē	Sem tradução
Azāwē	azā + coruja + wē + bonita = coruja bonita
Dakmānārkwā	Criador de ser humano
Krumsa	kru + rato + m + CL + sa + roedor = rato roedor
Kuiromēkwā	kuiro + borduna + mēkwā – NMZ = lançador de borduna
Kumnkawē	nome sem tradução
Kwatēpomēkwā	kwatēpo + embira + mēkwā – NMZ = lançador de embira
Mākrāwēkō	mākrā + noite + wēkō + rejeitar = noite rejeitado
Mmīrkopte	mmīrko + candeia (árvore) + pte + amarelo = candeia amarelo
Pikōiwaka	pikō + mulher + i + VL + waka + preguiça = mulher preguiçosa
Prordo	prordo + coruja
Rkopē	rko + fazer fogo + pê + boa, bom = boa para fazer fogo
Romkrā	rom + coisas + krā + cabeça, fruta = cabeça de fruta
Sahēmbaikō	nome sem tradução
Saīpisi	sa + comer + i + VL + pisi + único, de vez enquanto = comer de vez enquanto
Saparzuzē	nome sem tradução
Sapturē	saptu + forte + rē – NMZ = fortinho
Simnāwē	simnā + enciumar + wē - bonita – NMZ = enciumar bonita
Simrāmī	si + pássaro + mrāmī + pegar / dual
Sipkuzē	si + pássaro + pkuzē + furadeira = pássaro furadeira
Siprā	aquela pessoa que é desorganizada
Sitmōru	si + pássaro + tmōru + caolho = pássaro caolho
Sitomnē	si + pássaro + to + olho + m + VL + nē + semelhante a = pássaro semelhante a olho
Siwēpisdu	si + pássaro + wē + bonita + pisdu + único = único pássaro bonita

Sizapi	nome sem tradução
Sizdazê	si + pássaro + zdazê + cheiroso + pássaro cheiroso
Skrawê	skra + galho + wê - NMZ = galho bonito
Smîrêzanê	smîrê + a direita + za + pta. + nê + como, semelhante a
Sõpre	sõ + peito + pre + amarelo = peito amarelo
Spîiprã	spi + trabalho + ĩ + VL + prã + irresponsável = trabalhador irresponsável
Srêkbupre	srê + pássaro + kbupre + cara amarelo = pássaro da cara vermelha
Srêkrurmê	srê + pássaro + kru + ramo + rmê + abandonar = pássaro de ramo abandonado
Srêmse	srê + pássaro + m + CL + se + martim pescador = pássaro martim pescador
Srêpawê	srê + pássaro + pa + comprida + wê - NMZ = pássaro comprida bonita
Srêwakmōwê	srê + pássaro + wa + clara + kmō + chifre + wê - NMZ = pássaro clara de chifre bonita
Suzawre	su + peludo + zawre + grande = peludão
Waĩkarnãse	sem tradução
Waĩkazdaite	nome sem tradução
Wairokrã	wa + eu + i + VL + ro + coisa + krã + cabeça
Wakrêro	wa + eu + krêro + papagaio corneta = sou papagaio corneta
Wdêkruwê	wdê + árvore + kru + ramo + wê + bonita = árvore de ramo bonito

<b>KROZAKE SNĪ AMBĀ NŌRAI SISIZE = NOME MASCULINO DO CLĀ KROZAKE</b>	
--	--

Dakburōĩkwa	dakburō + aquele que ajunta + ĩ + VL + kwa - NMZ
Darêrkêkwa	darêrkê + aquele que derruba + kwa – NMZ
Dasarkwa	dasar + aquele que puxa + kwa – NMZ
Dawapsikwa	dawapsi + aquele que machuca + kwa – NMZ
Dbarã	dba + não virgem + rã + branca = rapariga branca
Dbazanō	dba + não virgem + zanō + deitar/ dual
Dbaze	dba + não virgem + ze + mijo = mijo de rapariga
Hêspomêkwa	hêspo + banana + mêkwa – NMZ = lançador de banana

Kasumrã	kasu + palha de coco + mrã + mata = palha de coco da mata
Kazamrĩ	nome sem tradução
Kmõrê	kmõ + chifre + rê – DIM = chifre pequeno
Krãnĩpi	krã + cabeça + nĩpi + trabalho = aquele que trabalha com a cabeça
Krãrãte	krã + cabeça + rã + branca + te + nova = cabeça branca nova
Ktãpomẽkwa	ktãpo + enxada + mẽkwa – NMZ = lançador da enxada
Kukrẽkã	kukrẽ + cabaça + kã + água = cabaça de água
Kwanhã	kwa + dente + nhã + cortar = cortar dente
Mrãzdanãrĩ	mrã + mata + zdanãrĩ + perguntar = perguntar a mata
Rowasde	ro + coisa + wasde + sujeira + coisa suja
Saparzanẽ	nome sem tradução
Sikrbowẽ	sikrbo + penugem + wẽ - NMZ = penugem bonita
Simrĩhu	nome sem tradução
Simrĩpte	nome sem tradução
Sinãri	sinãrĩ + indagar – NMZ
Sinõmrĩ	si + pássaro + colocar na posição horizontal
Sipiĩprã	sipi + trabalho + ĩ + VL + prã + irresponsável = trabalhador irresponsável
Siwakru	si + pássaro + wa + papagaio + kru + rato
Sõka	sõ + peito + ka + branco = peito branco
Srẽkruzanẽ	srẽ + pássaro + kru + ramo + za - pta. para indicar ações a se realizarem no futuro + nẽ - semelhante a
Srẽnõku	srẽ + pássaro + nõku NMZ = líquido de pássaro
Srẽzê	srẽ + pássaro + zê + doce = pássaro de doce
Suzawre	su + peludo + zawre + grande, gigante = gigante peludo
Wabuwa	wabu + talo de buriti + wa – pron. 1ª. pess. dual = eu sou talo de buriti
Wabuzakrã	wabu + talo de buriti + zakrã – preta = talo de buriti preto
Waĩkainẽ	wa + papagaio + ĩ + VL + kainẽ + como você = sou parecido como papagaio
Wairurã	wa + eu i + VL + ru + torto + rã – banca = sou torto e branco
Waka	wa + papagaio + ka - verde = papagaio verde

Wakömëkwa	wakõ + quati + mëkwa – NMZ = lançador de quati
Wakukepre	wa + papagaio + kuke + pintado, listrado + pre – amarelo = papagaio listrado vermelho
Wawëkrurê	wawë + velho + kru + rato + rê – DIM = ratinho velho
Wazakru	wa + lua + zakru = halo da lua
Wazase	wa + lua + zase – canto = canto da lua

<b>KRĀIPREHI SNĪ AMBĀ NŌRAI SISIZE = NOME MASCULINO DO CLĀ KRĀIPREHI</b>
--

Amkâ	amkâ = gigante
Amnë	nome sem tradução
Hêsukamëkwa	hêsuka + folha branca + mëkwa – NMZ = lançador de folha branca
Hmõpre	hmõ + limpeza + pre – vermelho = limpeza vermelho
Kanõsë	ka + verde, branca + nõsë - NMZ
Kmõhizanë	kmõ + chifre + hi + osso + zanë - NMZ
Krãssâpte	nome sem tradução
Kunre	nome sem tradução
Kunrë	nome sem tradução
Kupsinã	kupsi + cobertura + nã – pfp – com = com cobertura
Kupte	ku + chifre + pte + amarelo = chifre amarelo
Prakumse	pra + pé + kumse + ferida = ferida no pé
Romtêpre	rom + coisa + tê + perna, canela + pre – vermelho = coisa da perna amarelo
Samãru = Samũru	nome sem tradução
Sawrepte	sawre + gigante + pte – amarelo = gigante amarelo
Sõzê	sõ + peito + zê – doce = peito doce
Srênõkrã	srê + pássaro + nõkrã – preto = peito preto
Srêwë	srê + pássaro + wë _ NMZ = pássaro bonito
Sukë	su + pêlo + kë - quebrar = pêlo quebrado
Waĩkakkupre	wa + papagaio + ĩ + VL + kbupre – cara vermelha = papagaio da cara vermelha

<b>PIKŌI NĪSIZE – NOME FEMININO DO POVO AKWĒ XERENTE</b>
--

Aptudi	abtu + abelha + di - NMZ
Arbodi	arbo + morcega + di - NMZ

Asakredi	asakre + marimbondo-tatu + di - NMZ
Asatedi	asate + marimbondo vermelha + di - NMZ
Azâdi	azâ + coruja + di – NMZ
Brudi	bru + roça + di – NMZ
Brunsi	brunsi + mocó + di - NMZ
Brupahi	brupahi + andorinha + ki - NMZ
Brutudi	brutu + pau brasil + di - NMZ
Duiti	dui + capim + ti – NMZ
Hêsmrîkwadi	nome sem tradução
Hirêki	hirê + fina + ki – NMZ
Hmôdi	hmô + limpeza + di - NMZ
Kakkmêkudi	nome sem tradução
Kêti	kê + mel + ti – NMZ
Kêtwawê	kê + mel + t+ CL + wawê = mel velho
Krattudi	krattu + galinha d'água + di - NMZ
Krawadi	krawa + paca + di - NMZ
Krêdi	krê + periquito + di - NMZ
Krênkêdi	krê + periquito + n + CL + kê + quebrado + di - NMZ
Krêtididi	krêti + saúva + di – NMZ
Krêttêrêdi	krê + periquito + ttêrê - DIM
Krikpidi	krikpi + grilo + di – NMZ
Krkodi	krko + macaco + di - NMZ
Krtadi	krta + arara vermelha + di - NMZ
Krtidi	krti + gafanhoto + di - NMZ
Krtipre	krti + gafanhoto + pre - vermelha
Krukwanê	kru + rato + kwa + dente + nê - conj. com
Ktâkuptidi	ktâku + vaca + p + CL + tidi - NMZ
Kubadi	kuba + barco + di - NMZ
Kudi	ku + lobo guará + di - NMZ
Kukãdi	kukã + tartaruga + di - NMZ
Kukawdi	kukaw + cuia + di - NMZ
Kukedi	kuke + pintado, listrado + di - NMZ
Kukrêdi	kukrê + cabaça + di - NMZ

Kupārdi	kupār + abano + di - NMZ
Kupkrtādi	kupkrtā + taboca + di - NMZ
Kupredi	ku + lobo guará + pre + vermelha + di - NMZ
Kuzadi	kuza + onça parda + di - NMZ
Kuzêidi	nome sem tradução
Kwapredi	kwa + dente + pre + vermelha + di - NMZ
Mhōdi	nome sem tradução
Mrāitidi	mrā + mata + ĩ + VL + tidi - NMZ
Mrōrtōdi	mrōrtō + solteira + di - NMZ
Nāmnādi	nāmnā + pega (pássaro) + di - NMZ
Nēprerê	nēpre + sangue de boi (rolinha) + rê - DIM
Pikumdi	piku + abelha chupé + m + CL + di - NMZ
Pirkodi	pirko + borboleta + di - NMZ
Pizadi	piza + panela + di - NMZ
Popradi	popra + pé de veado + di - NMZ
Predi	pre + vermelha + di - NMZ
Sdupudi	sdupu + pica pau + di - NMZ
Sekwahidi	sekwahi + cambito + di - NMZ
Sibādi	sibā + cauda de pássaro + di - NMZ
Sibakadi	sibaka + garça + di - NMZ
Sidi	si + pássaro + di - NMZ
Sikadi	sika + galinha + di - NMZ
Sikuptidi	sikupti + gavião + di - NMZ
Sikwatkadi	si + pássaro + kwa + dente + tka + terra + di - NMZ
Simnāitēdi	simnā + ciúme + ĩ + VL + te + novo + di - NMZ
Sinōkrzakadi	sinōkrzaka + papa mel + di - NMZ
Sinōskēdi	sinōskē + tetéu + di - NMZ
Sipredi	sipre + pássaro vermelho + di - NMZ
Sipriki	sipri + abelha tubi mansa + ki - NMZ
Sirtudi	sirtu + pássaro + di - NMZ
Skrāzasedi	skrāzase + escorpião + di - NMZ
Smīkadi	smīka + cinza + di - NMZ
Smīkidi	smīki + corujão + di - NMZ

Ssuiti	ssu + folha de buriti + i + VL + ti - NMZ
Stukrãĩpredi	stukrãĩpre + pica pau da cabeça vermelha + di - NMZ
Tkadi	tka + terra + di – NMZ
Tkazâpti	tka + terra + zâp + semente + ti - NMZ
Tkidi	tki + flecha + di – NMZ
Tokidi	toki + pássaro preto + di - NMZ
Tpêdi	tpê + peixe + di – NMZ
Waikwadi	waikwa + pacu + di - NMZ
Waitidi	waiti + papagaio + di - NMZ
Wakedi	wa + lua + ke + cortada + di - NMZ
Wakepre	wa + lua + ke + cortado + pre vermelha
Wakōdi	wakō + quati + di – NMZ
Wakrãrê	wakrãrê + moreninha
Wakrtadi	wakrta + pente + di - NMZ
Wakrtidi	wakrti + siriema + di - NMZ
Wareti	ware + buritirana + ti - NMZ
Warĩdi	warĩ + fumo + di – NMZ
Wasidi	wasi + estrela + di - NMZ
Wĩkidi	wĩki + perdiz + di – NMZ
Wredi	wre + anu (pássaro) + di - NMZ
Zârêki	zâ + corujão + rê +DIM + ki - NMZ

Fonte: SINÃ, VALCI XERENTE. **Akwẽ Xerente Nĩsizem re hã Hêsuka** 2011.

A análise do Quadro 5, segundo Santos (2010), nos faz lembrar que o processo de formação identitária da criança começa a acontecer no convívio com outras pessoas, com quem interage. No ambiente familiar, ela tem as primeiras matrizes de socialização. Depois, ao participar de outros espaços sociais, como festas, igrejas, clubes e feiras – no caso da criança não-indígena – e da participação em festas, rituais, mata, rios, veredas e estradas – no caso da criança indígena – os elementos apreendidos resultam numa diversidade étnica e cultural.

Assim, nota-se que a identidade faz parte de cada indivíduo, ela diferencia as pessoas, começando pelo nome. E, mesmo existindo várias pessoas com nomes iguais, o nome é único para cada indivíduo que o detém. As diferenças, portanto, estão

nas características físicas, no modo de agir, de pensar, e, principalmente, na história pessoal de cada um.

Um nome composto só se considera como tal a partir do momento em que há a junção de dois nomes simples para um único referente. Isso envolve o aspecto fonológico porque cada nome simples apresenta apenas uma pauta acentual no processo de composição por justaposição; diferentemente do nome composto por aglutinação, que comporta apenas um acento o qual incide sobre o segundo nome, conforme se observou nos nomes listados em língua Xerente.

Vale a observação de que no Apêndice A dissertação, o pesquisador incluiu um Glossário em ordem alfabética, com nomes em Língua Xerente e sua tradução para a Língua Portuguesa.

Segundo Silva e Albuquerque (2018), a apropriação dos antropônimos facilita a construção da identidade individual do estudante indígena, pois o nome próprio é carregado de simbolismos, que, intencionais ou aleatórios, homenageiam e perpetuam o indivíduo. Daí o fato de ser comum entre os indígenas, encontrarmos nomes próprios com significados profundos e ligados a sentimentos (alma, vida, alegria, felicidade e elementos da natureza).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação nos levou às considerações finais sobre a relação entre nome e identidade de um povo, e desta forma, o estudo da grafia dos substantivos em Xerente (Akwẽ Mrmẽze), contribuíram com a educação escolar indígena, como material didático para professores das escolas akwẽ, considerando-se a perspectiva lexicográfica apresentada.

Apreendeu-se ainda que a partir do conhecimento do léxico da língua Akwẽ, do Troco Macro-jê, foi possível observar os aspectos sociolinguísticos do povo, bem como da importância da formação de professores para a educação escolar indígena, que precisa ser promotora de manutenção da língua materna. Por outro, lado foi possível investigar e documentar a língua Xerente fornecendo a tradução para a língua portuguesa.

Nesta perspectiva, é conclusivo afirmar que o povo Xerente mantém viva a cultura e o processo de construção permanente da autonomia e alteridade de sua etnia, desde os seus antepassados às presentes gerações, por meio dos distintos saberes e fazeres culturais, transmitidos e ensinados na oralidade que se manifesta, dentro de certas perspectivas do saber fazer na prática, consoante ao que foi descrito no capítulo II, com a metodologia com foco na etnografia e no pesquisador, que tem feito sua trajetória enquanto indígena, cidadão e educador.

Concluiu-se também que a educação escolar indígena do referido povo possui um grande número de estudantes proporcional à sua população, destaque, porém que é sempre relevante que os professores passem por uma formação numa perspectiva transdisciplinar.

Apreendeu-se que na contemporaneidade emergem nas discussões a urgência de inovações nas ações dos professores para os novos paradigmas educacionais, em

que estes pretendam rever a finalidade do ensino, da formação humana, e construir um fazer docente, com concepções, processos e estratégias complexas e transdisciplinares.

Observou-se também que a educação escolar indígena passou por melhorias a partir do momento em que se iniciaram os movimentos não só em prol da adoção da língua indígena materna na escola, mas também da interculturalidade e da formação dos professores.

Especificamente quanto ao glossário e às concepções lexicográfica, observou-se, de acordo com perspectivas etnográficas expostas, que as realizações lexicais, sobretudo aquelas relativas a atividades sociais, muito têm a contribuir para a compreensão da cultura de um povo, como forma de construção da identidade e manutenção linguística.

Biderman (2001) corroborou com a afirmação do léxico se constituir como um patrimônio histórico, social e cultural das sociedades. Ao se considerar a dimensão social da língua, o léxico atua como patrimônio social da comunidade, complementado por outros símbolos da herança cultural. Pode-se afirmar que essa riqueza léxica é transmitida de geração para geração, por meio da qual os indivíduos de cada geração podem pensar e exprimir suas emoções e pensamentos, que se iniciou, prioritariamente, com o simples ato de nomear as coisas ao redor de cada indivíduo, como se observa nas listas de nomes presentes no glossário.

No que diz respeito aos substantivos em Xerente, observou-se que cada nome próprio possui um ‘cântico de nomeação’ (*danõkrê danisize wam hã*), uma espécie de “registro de identidade” do nome recebido.

Outro ponto relevante está no fato da escolha dos nomes e a permissão ou não de sua utilização são determinados pelos clãs. Inclusive é muito comum entre os indígenas, encontrarmos nomes próprios com significados profundos e ligados a sentimentos (alma, vida, alegria, felicidade e elementos da natureza).

Por último, seja um substantivo simples ou composto em língua Xerente, detectou-se que é relevante estudar os substantivos com base em suas características de “produção de sentidos”, uma vez que, uma das propriedades básicas dos substantivos é a de referenciar, designar algum referente: alguma coisa ou pessoa.

## Referências

ALBUQUERQUE, Francisco Edviges, ALMEIDA, Severina Alves (org.) **Educação Escolar Indígena e Diversidade Cultural**. Goiânia, ed. América, 2012.

\_\_\_\_\_. **Índios do Tocantins: aspectos históricos e culturais**”. In: SILVA, Norma Lucia da; VIEIRA, Martha Victor. (Org.). Ensino de história e formação continuada: teorias, metodologias e práticas? Goiânia: Ed. da PUC Goiás, pp. 135- 158, 2013.

\_\_\_\_\_. **Cadernos de Educação Escolar Indígena – Aspectos do Processo de Educação Escolar Bilíngue dos Apinayé**. UNEMAT. v.6, n.1, 2008.

\_\_\_\_\_. **Contato dos Apinayé de Riachinho e Bonito com o Português: Aspectos da Situação Sociolinguística**. Dissertação de Mestrado em Letras e Linguística. Goiânia, UFG, 1999.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática Metódica da Língua Portuguesa**. 43. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

ALMEIDA, Severina Alves de; ALBUQUERQUE, Francisco Edviges; PINHO, Maria José de. **Transdisciplinaridade e educação intercultural: a formação do professor indígena Apinayé em perspectiva**. Repositório do Lali/UFT, Araguaína/TO, 2014. Disponível em: <http://www.uft.edu.br/lali/uploads>. Acesso em 02ago2018

ALVES, P. M. **O Léxico do Tupari**. Araraquara, 2004. 286f. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista.

AZANHA, Gilberto; LADEIRA, Maria Elisa. **Estudo de Impacto Ambiental Hidrelétrica do Lageado: componente indígena sobre os Xerente**. São Paulo : Themag Eng, 1996.

BANIWA, Gersem. **Educação Escolar Indígena no Brasil: avanços, limites e novas perspectivas**. Goiânia: 36ª Reunião Anual da ANPED, 2013.

BASILIO, Margarida. 2010. **Fusão vocabular expressiva: um estudo da produtividade e da criatividade em construções lexicais**. Textos Seleccionados, XXV Encontro

Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Porto, APL, p. 201-210. Disponível em <http://www.apl.org.pt/docs/25-textos-selecionados/15-Margarida%20Basilio.pdf>

BERGAMASCHI, Maria Aparecida. **Educação escolar Indígena no século XX: da escola para os índios à escola específica e diferenciada.** In: STEPHANOU, Maria; BASTOS Maria Helena Câmara (Orgs.). **Histórias e memórias da Educação no Brasil.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2005.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria lingüística – lingüística quantitativa e computacional.** Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1999.

BIDERMAN, M. T. C. **As ciências do léxico.** In: OLIVEIRA, A. M. P. P; ISQUERDO, A. N. (Orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia.** v. 1. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001.

BONIN, Iara Tatiana. **Educação Escolar indígena e docência: princípios e normas na legislação em vigor.** In: BERGAMASCHI, Maria Aparecida. **Povos Indígenas e Educação.** Porto Alegre: Mediação, 2008.

BRAGGIO, S. L. B. (2005) **Revisitando a fonética/fonologia da língua Xerente Akwê: uma visão comparativa dos dados de Martius (1866), a Maybury-Lewis (1965) com os de Braggio (2004).** Signótica. Goiânia, v. 17, n. 2, 2005b. p. 251-2742.

BRAGGIO, S. L. B. **A instauração da escrita entre os Xerente: conflitos e resistência.** In: Museu Antropológico. Goiânia: UFG, 2000.

BRAGGIO, S. L. B. **Línguas indígenas brasileiras ameaçadas de extinção: documentação, tipologias sociolinguísticas, e educação escolar.** Atas do II Encontro Nacional da GELCO. Brasília: UNB, 2003.

BRAGGIO, Silvia Lucia Bigonjal **A variedade étnica Português Xerente Akwê: subsídios para a educação escolar indígena.** Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico. USP, 2015.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas/Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental.** - Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. República Federativa do. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. República Federativa do. **Decreto nº 26, de 4 de fevereiro de 1991**. Brasília, DF, Senado, 1991.

BRASIL. República Federativa do. **Estatuto do Índio: Lei 6.001/1973**. Brasília: MEC, 1973.

BRASIL. República Federativa do. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96**. São Paulo: SINPRO, 1996.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. 33. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

CASTILHO, Ataliba T. de. ELIAS, Vanda Maria. **Pequena gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2012.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Legislação Indígena no século XIX**. Comissão Pró-Índio de São Paulo. Editora USP 1992.

D'AMBRÓSIO, Ubiratan. **Transdisciplinaridade**, Editora Palas, São Paulo, 2009.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **Toponímia e antroponímia no Brasil: coletânea de estudos**. 3°. ed. São Paulo. DEDALUS-Acervo-FFLCH, 1992.

DE PAULA, Luís Roberto. **Dinâmica faccional Xerente: esfera local e processos sociopolíticos nacionais e internacionais**. 2000. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

FARIAS, Agenor. **Fluxos sociais Xerente: organização social e dinâmica das relações entre aldeias**. Dissertação (Mestrado em Antropologia), FFLCH/USP, São Paulo, 1990.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

GRUPIONI, Luís Donisete B. (Ed.). **Coleção de livros didáticos do referencial curricular nacional para as escolas indígenas: informações para o professor**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

GALLAIS, Estevão. **O Apóstolo do Araguaia: Frei Gil missionário dominicano**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1942.

GENOUVRIER, E.; PEYTARD, J. **Léxico e Vocabulário**. In: \_\_\_\_\_. Linguística e ensino do português. Coimbra: Almedina, 1985.

GRUPIONI, Luiz Donisete Benzi. **A Educação Escolar Indígena no Plano Nacional de Educação**. Subsídio para o I Encontro Nacional de Coordenadores de Projetos na Área de Educação Indígena, Comitê Nacional de Educação Escolar Indígena/ MEC, Brasília, 1997.

GUIMARÃES, S. G. **Aquisição da escrita e a diversidade cultural**: a prática do professor Xerente. 1996. Dissertação de Mestrado. Brasília: UnB, 1996.

GUIMARÃES, Susana Martelletti Grillo. **A aquisição da escrita e diversidade cultural**: a prática de professores Xerente. Brasília : UnB, 1996. 164 p. (Dissertação de Mestrado)

GUIMARÃES, Susana Martelletti Grillo. **A aquisição da escrita e diversidade cultural**: a prática de professores Xerente. Brasília: FUNAI/DEDOC, 2002.

KRIEGER, W. B. e KRIEGER, G. C. **Dicionário escolar**: Xerente-Português-Xerente. Rio de Janeiro: Junta das Missões Nacionais da Convenção Batista Brasileira, 1994.

LANGACKER, Ronald W. **A linguagem e sua estrutura**. Trad. Gilda Maria Corrêa de Azevedo. Petrópolis: Vozes, 1977.

LIMA, Antonio Carlos de S. **Um grande cerco de paz**. Poder tutelar, indianidade e formação do Estado no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1995.

LOWIE, Robert. **A note on the Northern Gê tribes of Brazil**. American Anthropologist, n. s., v. 43: 188-196, 1941.

LUZ, Edward Mantoanneli. **As festas Xerente** : ritual e política em uma situação de liminaridade nas relações interétnicas entre a sociedade Xerente e parcelas da sociedade nacional. Brasília : UnB, 1999. (Monografia de Graduação).

MAHER, T. M. **Políticas linguísticas e políticas de identidade**: currículo e representações de professores indígenas na Amazônia ocidental brasileira. Currículo sem Fronteiras, v. 10, n. 1, p. 33-48, jan./jun. 2010.

MATTOS, CLG. **A abordagem etnográfica na investigação científica**. In MATTOS, CLG., and CASTRO, PA., orgs. Etnografia e educação: conceitos e usos [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. Disponível em

<http://books.scielo.org/id/8fcfr/pdf/mattos-9788578791902-03.pdf> Acesso em 01/03/2019.

MATTOS, R. **Fonêmica Xerente**. vol. 1. Brasília, DF: Summer Institute of Linguistics, 1973. p. 79-100.

MATTOS, R. **Língua e cultura Xerente**: Coletânea de artigos e descrições sobre a língua e a cultura do povo Akwẽ Xerente do Tocantins. Miracema do Tocantins: Não publicado, 1981.

MESQUITA, R. (2009). **Empréstimos linguísticos do português em Xerente Akwẽ**. 146 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás.

MIRANDA, Antonio Luiz Alencar ; CARNEIRO, J. de R. D. ; VALE, Maria José Quaresma. **Contato linguístico e ensino**: a contribuição de línguas indígenas na aprendizagem do português brasileiro. Web-Revista SOCIODIALETO , v. 4, p. 116-147, 2013.

MJ/MEC. Ministério da Justiça. Ministério da Educação. **Portaria Interministerial nº 559, de 16 de abril de 1991**. Estabelece a criação dos Núcleos de Educação Escolar Indígena (NEIS). MJ/MEC. Brasília, 1991.

MORAES, Maria Cândida. **O paradigma educacional emergente**: implicações na formação do professor e nas práticas pedagógicas. Revista Em Aberto. Brasília, ano 16, n.70, abr./jun. 1996. Disponível em <http://rbep.inep.gov.br/index.php/emaberto/article>. Acesso em 05jul2018.

NETO, Maria Gorete. **Português-indígena versus português-acadêmico**: tensões, desafios e possibilidades para as licenciaturas indígenas. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/pt/arquivos/sielp2012/1040.pdf>. Acesso em 27/07/2012.

NEVES, Josélia Gomes. **Alfabetização intercultural**: oralidade, escrita e bilinguismo em sociedades indígenas. Revista Espaço Acadêmico n. 85, junho de 2008, Ano VIII, ISBN 1519.6186. Disponível em <http://www.espacoacademico.com.br/085/85neves.htm>. Acesso em 20/07/2018.

NEVES, M. H. M. **Ensino de língua e vivência de linguagem**. São Paulo: Contexto, 2010.

NIMUENDAJU, C. **The associations of the Šerente**(1939) American Anthropologist, vol. 41, n° 3, p. 408-415.

NIMUENDAJU, Curt .**Carta ao Major Alencarliense** (Piabanha, 4 de abril de 1930), in Relatório da Inspeção de Goyas do SPI, do ano 1930 (Museu do Índio/Serviço de Arquivos, Filme 342, Fotograma 78), 1930.

NIMUENDAJÚ, Curt. **The Serente**. Los Angeles: The Southwest Museum, 1942

PINHO. Maria José de. MORAIS. Maria José da Silva. **Prática criativa e inovadora no processo de formação continuada**. Revista de Ciências Humanas – Educação - Frederico Westphalen n°25, 2014 Disponível em <http://revistas.fw.uri.br/index.php/revistadech>. Acesso em 06ago2018.

ROCHA, T. e MESCKA, P. M. **Análise comparativa das definições de substantivos e verbos nos compêndios de gramática normativa**. PERSPECTIVA, Erechim. V.36, n. 136, p. 89-99, dezembro/2012

RODRIGUES, A. D. **Línguas brasileiras**: Para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Loyola, 1986.

RODRIGUES, A. D. **Línguas Brasileiras**: para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Edições Loyola, 2002

SAMURU XERENTE, Antônio. **Uma abordagem sob a ótica tradicional dos anciãos Akwẽ Xerente**: discutindo a educação tradicional versus “moderna”. Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia – Campus Miracema, UFT, 2012.

SANTOS, B.de S. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 2008.

SANTOS, M.G. **O processo de alfabetização na educação infantil**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.

SAPIR, E. **Linguística como ciência**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1961

SEDUC. Secretaria de Educação do Tocantins. **Censo escolar**. 2016

SCHROEDER, Ivo. **Os Xerente**: estrutura, história e política. Soc. e Cult., Goiânia, v. 13, n. 1, p. 2010.

SEPLAN, 2016, Secretaria de Planejamento e Orçamento do Estado do Tocantins. **Zoneamento Ecológico-Econômico**. Diagnóstico da Dinâmica Social e Econômica do Estado do Tocantins. Populações Tradicionais. Palmas: Seplan, 2016.

SILVA, G. F. **Construindo um Dicionário Parakanã-Português**. Belém, 2003. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Universidade Federal do Pará.

SILVA, P. H.G. ; ALBUQUERQUE, F. E. **As ciências do léxico**: proposições para a prática docente no ensino de línguas indígenas.- ISSN 2237-1753 - Qualis B2. Revista UniVap , v. 24, p. 39-53, 2018.

SINÃ, VALCI XERENTE. **Akwẽ Xerente Nĩsizm re hã Hêsuka**: nomes próprios do povo Akwẽ Xerente. 37 folhas. Trabalho de conclusão de curso (projeto extraescolar) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras, Núcleo Takinahaky de Educação Intercultural, Goiânia, 2011.

SOUSA FILHO, S. M. **Aspectos morfossintáticos da língua Akwẽ-Xerente (Jê)**. 330 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, 2007.

SOUSA FILHO, S. M. **Aquisição do português oral pela criança Xerente**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2000.

SOUZA, S. L. . **Fonética e Fonologia da Língua Akwen-Xerente**: aspectos segmentais. 1. ed. Rio Branco: EDUFAC, 2008.

SUANNO, Marilza Vanessa Rosa. **Didática transdisciplinar emergente**. In: XVII ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino, 2014, Fortaleza. A didática e a Prática de Ensino nas relações entre a escola, a formação de professores e a sociedade. Fortaleza: UECE, 2014.

TARALLO, F. **A Pesquisa Sociolinguística**. 6ª edição. São Paulo: Ática, 1999.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia de pesquisa-ação**. 15 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

TOCANTINS, **Distrito Sanitário Especial Indígena – DSEI**, 2017.

TPÊKRU, Valteir Xerente. **Discursos dos Velhos Akwẽ**. Trabalho de conclusão de curso (projeto extraescolar). Goiânia: Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras, Núcleo Takinahaky de Educação Intercultural, 2011.

WEISS, H. E. (1998) **Para um Dicionário da Língua Kayabí**, tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo.

WEWERING, Silvia Thêkla (Org.). **Povo Akwẽ Xerente: vida, cultura, identidade**. Belo Horizonte: Editora Rona, 2012.

## APÊNDICE A – GLOSSÁRIO

**Romnĩsize Akwẽ mrmẽzem nã kãtô ktãwankõ mrmẽzem nã, Nomes em Xerente e portugueses.**

apturê – abelha – sanharó – brava

aptuwawẽ - abelha – sanharó – grande

aikde – criança

aikãrê – cunhado

aikmã – mutuca preta

aiktenĩpkřã – placenta

aiktenrã – lombriga, minhoca

aiktepre – bêbê, nenê, recém – nascido

aiktesrmõrê – pupila, menina – do – olho

aiktezaparkwa – parteira

aikteze - útero

ainãka – nuvem branca

ainãka krã – nuvem negra

ainãka pre – nuvem vermelha

aikrzû – acari (peixe)

akbunĩkwa – primogênito

ake – tiririca

ake krãiprumrê – semente pequena da tiririca

ake wawẽ - rosário

akehdi – marimbondo – da – areia

akemha – Uma das quatro associações dos xerente

akka – mutum  
 akkapa – lacraia, centopeia  
 akkapre – jacu  
 akka skrãikumnõ – jacupim  
 akri – tatu – da - beirada – branca  
 aksê – entedimento, juízo  
 akwê - gente, índio, pessoa, xerente  
 amãpra – sombra  
 ambâ – homem  
 ambârê – homenzinho  
 ambâdi – neto  
 amkâ – gigante  
 amke – cobra  
 amkehirê – cobra de vidro  
 amkekuzerã – cobra cipó verde  
 amkepte – cobra cipó amarela  
 amkezate – jararaca do brejo  
 amkezdapiriri – malícia, arranha gato  
 amkezdarbi – cobra de asa  
 ammãro – gongolô, piolho de cobra  
 ammõ – sonho  
 amnõ – lavoura, plantação  
 amsi – abacaxi  
 amsi wasterê – ananás do mato  
 amtroikuze – jaó do frio  
 amtrorê – inhambu  
 amtrowawê - azulona (ave)  
 amzâ – enxu (marimbondo que fabrica mel)  
 amzumre – meio dia  
 annãkupi – besouro, escaravelho  
 anãrowa – Uma das quatro associações do xerente

apa – calango (pequeno réptil)  
 apakurerê – lagartixinha  
 apatêtê – sabiá  
 apkrê – buraco, cova, túmulo  
 apsda – abelha – tataíra  
 apstakwarê – abelha tamaguari  
 aptkâ – sono  
 apto – tiririca  
 aptomhu – tirirical  
 aptomro – candeia, lamparina  
 arbo – morcego  
 arbopahi – guarda – chuva  
 aremskuwawê - burra leiteira (arbusto que exsuda látex)  
 aremskuwdê – pau de leite  
 arrâkdoirê – beija flor  
 arrâkdoirê wara – beija – flor (preto)  
 arrâkdoirê kwatkarê – beija – flor (amarelo)  
 asadâ – teiú, lagarto  
 asare – caçula  
 asahi – nora (forma de tratamento)  
 asakre – marimbondo – tatu  
 asasi – tipóia usada para carregar criança xerente  
 asaterê – marimbondo – vermelho  
 asĩmhi – cunhada  
 askû – abelha – borá  
 atbre – orvalho  
 atbre – via láctea  
 awasnĩ – consogro, consogra  
 awã – abrigo temporário  
 awe – lagartixa (espécie venenosa)  
 awêhâ – madrugada

awrã – umbaúba (árvore)

azâ – coruja, caburé

azâwêhâika – cascavel

aze – veado galheiro

baknõ – menina

baktõrê - menininha

bakrda – moça

bâ – calda, rabo

bâ – urucum

bâtumwdê – urucum do brejo

bbatê – tapioca

bbuirê – soim

bdâ – deus, dia, sol

bdâdi – caminho, estrada

bdâdinĩkrdi – esquina

bdâdirê – caminhozinho

bdâ za dârâ – eclipse do sol

bdu – pescoço

bremĩ – sobrinho

bru – roça

brudu – capoeira

brudu – pau brasil

brunsĩ – mocó

brupahi – andorinha

brutunẽ - cavador (ferramenta para abrir buraco no chão)

brutunẽ kwasĩkdo – foice

btâ – dia, sol

btâbârê – pintassilgo

btâkrãipusze – nascente, leste

btâssõre – semana

btâzakru – halo do sol

btâzasze – oeste, poente

btu – pescoço

dabdu – pescoço (humano)

dadâ – cadáver, defunto

dadi – abdome, barriga

dadkâze – morte

dadkize – cólica, dor de barriga

dadumkrda – irmã mais velha da mulher, irmão mais velho de homem

dahâ – pele, seio, corpo

dahâikbunĩ – virgem

dahâimba – alma, corpo, imagem

dahâipku – ferida

dahâiwakro – febre

dahâi waku – leite materno

dahêmzu – ladrão

dahi – osso

dahidba – irmã de menino

dahikrâiti – joelho

dahitbre – irmão de menina

dahitdê – paralítico

dahĩkrda – avó, avô

dakahâ – multidão

dakahurkwa – monstro (comedor de gente)

dakatô – corcunda

dakârêwa – cunhado (irmão da esposa)

dakburõ – inchaço

dakka – tosse

dakkahrâ – coqueluche

dakmãdkâkwa – cacique, chefe

dakmãhrâkwa – oficial nomeador da festa de nomeação

dakmãhrâze – festa de nomeações dos meninos

dakmāsasōmkwa – acompanhante, discípulo, seguidor

dakra – filha, filho

dakraze – útero

dakrã – cabeça

dakrãhâinka – caspa

dakrãihi – caveira, parietal (osso)

dakrãitomkwa – carrapicho

dakrãizaknõ – nuca

dakrê – vagina

dakrêdumhâ – escroto

dakrêtri – testículo

dakro – têmporas

dakronẽ - lagarta de fogo

dakrsu – Uma das associações dos xerente

dakru – cemitério

daku – quadril (humano)

dakuihâwadu – sobancelha

dakuihâsu – sobancelha

dakuĩpi – lágrima

dakukbâ – cerimônia nupcial

dakukrda – face

dakumrẽ - irmão mais velho

dakunmōkwa – enfermeira, enfermeiro

dakusirtuze – cinto cerimonial dos rapazes

dakumse – coceira, cócega

dakwa – dente

dakwakrda – maxilar

dakwanmãkbute – sangue de boi (árvore)

dakwanõku – rosto, testa

dakwanrã – gengiva

dakwaprã – céu da boca, palato

dakwazakari – cipó com espinho  
 damãprêwa – sogra, sogro  
 dammã – pai, tio paterno  
 damrmẽ - palavra  
 damrmẽprê – autoridade  
 damrmẽze – idioma, língua  
 damrõ – cônjuge, esposa, esposo  
 damrõze – casamento  
 danĩ – carne humano  
 danĩhdu – neta, neto  
 danĩkbo – unha do dedo da mão  
 danĩmhrãze – qualquer instrumento musical  
 danĩmnõkrêmzu – sobrinha, sobrinho  
 danĩpi – trabalho humano  
 danĩpkra – mão  
 danĩpkrahi – dedo  
 danĩrbo – muco nasal, ranho  
 danĩsize – nome  
 danĩto – dedo polegar  
 dankrê – nariz  
 danmẽze – cadeia cárcere  
 danmĩkê – esquerda (da pessoa)  
 danmĩrê – direita (da pessoa)  
 danmĩwrahu – filho adotivo  
 danmĩzahâ – camarão de água doce  
 danmĩzaksêkõ – tolo  
 danmĩzati – dedo mínimo (da mão)  
 danmĩzazârze – alojamento  
 danmĩzu – antebraço  
 danmĩzui awre – rádio (osso)  
 danmĩzuhirê – cúbito (osso)

danmrāze – cadeira, assento  
 danmrōikwa – assassino (pl.)  
 dannā – fezes  
 dannādupto – estômago  
 dannāhirê – intestino  
 dannākto – ânus  
 dannākwa –umbigo  
 dannāpari – diarreia, disenteria  
 dannīwaku – esperma  
 danōhuīkwa – mensageiro, responsável pela preparação do kuīwdê tora de buriti.  
 danōhurkwa – assaltante, ladrão  
 danōito – língua  
 danōkkre – garganta  
 danōkkre nnākrda – começo da garganta, faringe  
 danōknō – peito  
 danōkrê – canção, cântico  
 danōktōhirā – tórax  
 danōktō –papo  
 danōnkāshi – clavícula (osso)  
 danōnkrê – saboneteira anatômica  
 danōpru – resto de comida  
 danōrê – irmã mais nova, irmão mais novo  
 danpokrê – orelha, ouvido  
 danpokrnē - tamboril (árvore)  
 danpokrnē awre – tamboril (da beira d'água)  
 danpokrnērê – orelha de macaco (árvore tamboril)  
 danpokrnē suirê – tamboril (da folha miúda)  
 danpokrnē wdê – orelha de pau, urupê  
 danpokrzapkukwa – oficial encarregado de furar as orelhas dos rapazes novos  
 danrê - bem – te – vi (ave)  
 danrêze – cadeia, sepultamento

danrōwa – lar  
 dansehi – omoplata  
 dansīkuwa – fontanela, moleira  
 dantōze – esteira, cama, leito  
 dapa – fígado  
 dapainō – braço  
 dapakrda – braço (úmero)  
 dapaze – bÍlis, vesÍcula  
 dapārkwa – assassino (dual)  
 dapākrānē - espádua e suas proximidades  
 dapkē - coração  
 dapkēhrikwa – salvador  
 dapnā – irmã mais nova, irmão mais novo  
 dapoto – ficar redonda (referente à lua cheia)  
 dapra – pé  
 daprahi – dedo do pé  
 dapraknō – dorso do pé  
 daprakrda – calcanhar  
 daprakpohā – unha do dedo do pé  
 dapraktōtō – tornozelo  
 dapranīto – primeiro dedo do pé  
 dapranmīzati – dedo mínimo do pé  
 dapranōwa – sola do pé  
 dapri – flatos, traque  
 daprushī – coluna vertebral  
 daptokwa – pai  
 dasaīpru – resto de comida  
 dasaīsikazazāri – sobra de comida  
 dasaze – alimento  
 dasihāirāze – sabão  
 dasihāzumze – local de festa e brincadeira

dasikburōze – assento, local de ajuntamento  
 dasikmādkāze – espelho  
 dasikrāiktōze – local de reunião  
 dasikrāikwanrēze – batismo  
 dasikru – inimigo  
 dasikuiwēze – candeia, lamparina  
 dasikupsbize - coberta  
 dasikuwassize – cinto  
 dasikuzaze – roupa, vestimenta  
 dasikwape – briga, guerra  
 dasimāzusze – pensamento  
 dasisdanārkwa – aquele que pertence ao clã fronteiro  
 dasiwadi – parente  
 dasiwaikē - amiga, amigo  
 dasiwaktuze – descanso  
 dasiwamhāri – luta  
 dasiwamōze – óleo para cabelo  
 dasiwapkize – desodorante  
 dasiwarrīze – pente  
 dasiwasu – bate boca, discussão  
 dasiwawē - anciã, ancião  
 dasiwē - amante  
 dasīpê – festa indígena  
 dasri – rim  
 datbêkwa – tia paterna  
 datê – canela, perna  
 dadkû – mãe  
 dadkûrê – mais nova que a mãe  
 datmõ – olho  
 datmõ su – pestana  
 dato – olho

datomdo – caolho  
dato pi – remela  
datotko – pulso  
dawahi – costela  
dawahirã – falsa costela  
dawaihkâkwa – ajudante, ajudador  
dawaĩkki – solução  
dawaka – preguiçoso  
dawannã – cérebro  
dawanrõ – artéria, aveia  
dawapda – músculo glúteo  
dawapru – sangue humano  
dawaptkãze – nascimento  
dawapu – pulmão  
dawasã – grávida  
dawasdu – rasga mortalha (pássaro)  
dawaskukwa – acusador  
dawawã – silhueta, sombra  
dawrahkukwa – pai ou mãe de criação  
dawrĩkwa – assassino (sing.)  
dazahi – cabelo  
dazahirã – cabelo branco  
dazahirdu – caruncho do cabelo  
dazaihã – nádegas  
dazakoze – espera de caça  
dazakru – aldeia, cidade  
dazaprõnkwa – guia  
dazaskuze – privada, sanitário  
dazazêĩkwa – crente, pessoa obediente  
dazbreze – entrada, porta, portão  
dazbru – pus

dazda – coxa, perna  
dazdabu – barba  
dazdaĩkrê – cavidade bucal  
dazdaĩpro – saliva espumante  
dazdaku – baba, saliva  
dazdapda – queixo  
dazadaptanĩ – bochecha  
dazdare – cuspe  
dazdawa – boca  
dazdawahâ – beijo, lábio  
dazdawazaparkwa – assistente, discípulo  
dazdekwa – irmã mais velho, irmão mais velho  
dazdu – pênis  
daze – bexiga, urina  
dazeparkwa – mãe  
dba – jovem que não é mais virgem  
dkâze – morte  
dkize – dor de barriga  
du – capim  
duikrurê – chupim  
duikuze – capim de cheiro  
duikwa – sapé  
duinĩrnã – flor de erva  
duirê – capim baixo  
duisakre – capim grama  
durkwa – carregador, transportador  
durze – utensílio (para carregar algo)  
duzê – açúcar, cana de açúcar  
duzêkukně - rapadura  
duzêwaku – caldo de cana, garapa  
hâ – casca, pele

hâ – curiango  
hâikbunĩ – inteiro, vivo  
hâirâze – sabão  
hâisu - folha  
hâiwa – céu  
hâiwakrãwdê – olho de boi  
hâiwapre – céu vermelho  
hâiwarepa - tira de couro ou pano  
hâiwawẽ - bananeira brava  
hâikreze – revelação  
hâka – mãe da lua  
hdâ - pedra (usada para fazer sangria)  
hêmbaze – existência  
hêmzuiĩkwa – ladrão  
hêmzui tdêkwa – ladrão  
hêpãĩ – espírito maligno  
hêpãrwawẽ - satanás  
hâipku – ferimento, sinal  
hêsizze – copo, vasilha para beber  
hêspohu – bananal  
hêspokrãikra – banana são tomé  
hêspokrã – banana  
hêspokuze – banana da terra  
hêspopratrê – banana pratinha  
hêspopratrê wawẽ - banana prata  
hêspotêpa – banana comprida  
hêspotopre – banana roxa  
hêspowdêkturê – banana nanica  
hêspowtapo – banana três quinas  
hêsuĩkre – folha seca  
hâisuka – caderno, papel

hâisuka kuĩkreze – caneta, lápis  
 hâisukuze – neguinha (árvore)  
 hâittêrê – bananeira brava  
 hêittêsu – cuité (arbusto)  
 hêwannãkrda – horizonte  
 himhã – rato d’água  
 hitbre – irmão (de mulher)  
 hmõkrârê – coração de negro, jacarandá  
 htâmhã – nome de uma das equipe na corrida de tora  
 hu – neblina  
 huku – onça  
 huku kuke – onça pintada  
 huku wakrã – onça preta  
 hunkra – graveto  
 ãbã – calda, rabo  
 ãdu – piolho  
 ãhã – casca, pele  
 ãkamhã – filho azedo (de abelha)  
 ãknõ – tora de buriti pequena  
 ãkuze – cheiro, catinga  
 ãkwanpreze – broto  
 ãnã dumkrda – tia materna mais velha que a mãe  
 ãnmârê – chumbo  
 ãnmãzapdo – bala (de chumbo)  
 ãnnãskurã – lêndea  
 ãsake – nome de um dos clãs do xerente  
 ãsatê pre – gema (de ovo)  
 ãsatêrã – clara (de ovo)  
 ãsdikumkwa – cunhado (referência)  
 ãsikazazâri – resto, sobra  
 ãsikrborã – penugem

ĩsitro – tora grande de buriti

ĩsõkrhã – barbela do galo

ĩsrõ – barbante, corda

ĩsu – folha

ĩsu – pólvora

kadurze – instrumento de carregar algo

kahrize – fogão

kakdo – macaúba

kezeze – qualquer instrumento cortante

kakmêku wdê – pau doce, maria – mole

kaknõ – amargosa, bate capoeira (pomba)

kakõikõrê – jatobá – de – vaqueiro (árvore)

kakõwdê – jatobá (árvore)

kakrã – bacaba (fruto)

kakrãi wdêhu – bacabal

kakrãwdê – pé de bacaba

kakreze – enxugador

kaktõka – asa branca (pomba)

kakõzdapiri – timbó

kamhã – curica

kamrãmze – utensílio de apanhar líquidos

kapto – cacique

karo – arroz

karoskbu – beiju de arroz

karoskrãizê – arroz doce

kasu – folha de palmeira babaçu

katuze – mistura (alimento)

kawdêĩku – bicho de pau podre

kã – água

kãikuze – aguardente, bebida alcoólica

kãkaka – cachoeira, queda d'água

kâkamrãmze – balde, copo  
 kâkuknê - gelo  
 kâkurbo – limbo  
 kâkwarã – sal  
 kâmhã – espírito da água  
 kânĩsdu – cabeceira, nascente  
 kânĩze – vapor (de água)  
 kânkrêti – jacaré – açu  
 kâpore – mar  
 kâpre – enchente  
 kâpupku – borbotão, cachão  
 kârze – alça, pegador  
 kâssmrĩ – banzeiro  
 kâwapu – bebida alcoólica  
 kâzaĩkû – boto  
 kâzampro – espuma de água  
 kâzase – enseada  
 kâzdare – beira do lagoa  
 kbare – rato da chapada  
 kbarê – pequi  
 kbarêwdê – pequizeiro  
 kbawazi – tingui  
 kbawaskikrã – maracujá do mato  
 kbawaskiru – cipó escada  
 kbazdikmõnê - algodoeira (árvore)  
 kbazdikrê – rede  
 kbazêĩprã – caça  
 kbazi – algodão  
 kbazirê – fio de algodão, linha  
 kbazi tdêkwa – nome de um dos clãs do Xerente  
 kbu – mosca

kburōikwa – ajudador

kdâ – anta

kê – mel

kênrōwa – colméia

kênsĩ – cera

kêpi – mel puro

kêpnĩ ssatomnõ – favo

kêtwawě - abelha mumbuca

kêzâpre – abelha vira olho

kêzêkuhu nnâkrã – abelha uruçu preta

kêzêkuhu nnãpre – abelha uruçu amarela

kêzu – samborã, pólen

kikdê – cupinzeiro

krkonĩstuhi – O último grau alcançado por um rapaz no warã

kmãdkâkwa – cacique, chefe, vigia, olhador

kmãprbakwa – condutor de veículo ou embarcação

kmãsasōmrkwa – acompanhante, seguidor

kmãsnâkrtaze – começo

kmãsnãro – caçoar

kmõ – chifre

kmõsri – divisa

kmõtikrãirduwdê – marmelada (árvore)

kmõtiskuwdê – marmelada (árvore)

kně - pedra

knĩ – lança

knĩkbunĩ – lança lisa

knĩkwa po – lança de lâmina larga

knĩkwazase – lança com fisga

knĩrê – lança pequena

kpuknõ – mosca

kpunmĩsari – mosca do berne

kpunnākre – mosca varejeira  
 kpunō – cobra cega  
 kpurê – mosquitinho  
 kpurêka - pequena mosca branca  
 krapreze – lugar do parto  
 krara – uma das quatro associações dos Xerente  
 krarê – filhote  
 kratdu – saracura  
 krattukuze – frango d'água  
 krattuwawê - galinha d'água  
 krawa – paca  
 krawanō – paqueiro (árvore)  
 krawapte – sobrinha , sobrinho  
 krã – cabeça  
 krãibo – coque de cabelo  
 krãihêwamtro – chapéu  
 krãiknō – nó  
 krãiprehi – nome de um clã Xerente  
 krãisku – calvo, careca  
 krãiskuwa – óleo de copaíba  
 krãisku wdê – pau d'óleo, copaíba  
 krēti – saúva  
 krētito – tanajura  
 krētitonĩsê – iça  
 krãitkunkrã – formiga de monturo  
 krãitkuze – formiga de mandioca  
 krãiwatbroze – aparecimento  
 krãiwazize – cabresto  
 krãnhu – espinheiro  
 krãinistu – fim, término  
 krãñĩ – espinho

krānkrā – tora de buriti (maior que a tora chamada ĩknō)

krāstō – facho

krāzâ – marimbondo – surrão

krda – arara vermelha

krdi – gafanhoto de asa vermelha

kdo – cigarra (espécie noturno)

krekkeku – urubu rei

krepkre – urubu caçador

krē - periquito

krēkka – cupim

krēnnē - periquito verdadeiro da cabeça amarela

krēnō – ingazeiro

krēnp̄re – periquito verdadeiro

krēnp̄re wawē - periquito coroa

krētbêwê – pica pau (espécie de)

krēttêrê – periquitinho

krēwawē - papagaio maracanã

krēwaze – regresso, volta

krēza – periquito estrela

krêp̄du – rapaz (rapaz de 10 anos mais ou menos)

krênãmrĩ – esteira

krêpo – caracol

krêrê – garioba

krêrêkmō – uma das quatro associações do Xerente

kri – casa

krikbi – grilo

krintomze – lâmina da porta da casa

kripra – cárcere, quarto

krirêsu – palha de coco piaçaba

kritbê – picumã

krito – borracha, mangaba

krító tdêkwa – nome de um dos clãs dos Xerente

krítowdê – mangabeira

krizdawa – porta

krizukrã – cumeeira

krkewdê – pau terra

krkokrãñê - cabeça – de – macaco (árvore)

krkokure – lagarto

krkonĩstu – cachimbeiro (árvore)

krkorã – guariba

krkorã – camaleão

krkorê – macaco prego

kro – macaco

krokrorê – corruíra

krtânõ – bacupari

kru – rato

krubã – rato grande do mato

krubu – sede

kruĩkrabi – marimbondo – chapéu

krukranê – camundongo

kruktabi – preá

kruktõpre – saruê

krukwaĩtro – girino

krukwanê - rato da taquara

krumsa – cruviana

krunpokrporê – coelho

kruprerê – rato do mato

krutro – rato doméstico

kruzasi – mucuíba

ktâhâipre – couro curtido

ktâiti – lagarta de fogo

ktâitirê – gavião (espécie de)

ktâkmõ – gado  
 ktâkmõhâ – couro de gado  
 ktâkmõ hâiwaku – leite de vaca  
 ktâkmõ hâiwakutdê – coalhada, queijo  
 ktâkmõkra – bezerro  
 ktâkmõkrêre – touro  
 ktâkmõkrêzanĩ – boi  
 ktâkmõnĩ – carne de gado  
 ktâkmõnĩkre – carne de sol  
 ktâkmõ nĩmkurdi – curral de gado  
 ktâkmõnnã – estrume de gado  
 ktâkmõ sĩpikõ – vaca  
 ktâkranẽ - cançã  
 ktâkrû – pica pau branco  
 ktâkrûwdê – jatobá da chapada  
 ktâku – gado  
 ktâkupkrê – boi de fogo  
 ktâkmõkmãdkákwa – vaqueiro  
 ktâpo – enxada  
 ktâprezu – dinheiro  
 ktâzumrê – anta macho  
 ktêka - pedra branca  
 ktêkrê – pedra oca  
 ktêkrêpku – pedra furada  
 ktêkwapo – arco íris  
 ktênmrãze – badoque  
 ktêzrukrã – cara preto do lago  
 ktêzruwasde – cará do rio  
 ktitowdê – puçazeiro  
 ktunẽ - variedade de abóbora  
 ku – chifre

ku – guará  
 kuba – canoa, ponte  
 kubarê – barquinho  
 kubazawre – navio  
 kubankra – navio à vela  
 kuba nmĩkwaraze – porto  
 kubazatêze – remo  
 kuhâ – porco queixada  
 kuhâbâ - porco doméstico  
 kuhâbâkra – leitão  
 kuhâbâ krêre – barrão  
 kuhâinõpre – cagaita  
 kuhâpainõnẽ - foice  
 kuhârê – caititu  
 kuhârêkwanẽ - quati macho  
 kuhâttê wastere – fedegoso  
 kuihâ – jacaré  
 kuihâkarê – jacaretinga  
 kuikuze – bebida alcoólica  
 kuro – borduna  
 kuitbre – poço d'água, enxurrada  
 kuiware – casal  
 kuiwẽze – lâmpada  
 kuĩkrekwa – escritor  
 kuĩkreze – caneta, lápis  
 kuitopre - ferrugem  
 kukawi – cuia  
 kukawrê – ruão  
 kukã – jaboti  
 kukãhãipo – cágado  
 kukãhãipo awre – tartaruga

kukāhâiporê – tracajá  
kukā praktōnē - abelha – sanharó  
kukrê - cabaça  
kukreze – unguento  
kukrêkwa – jurubeba (fruta)  
kukrêkwa wdê – lobeira (árvore)  
kumdâ – capivara  
kumdâiti - paquinha (inseto)  
kummîrê – aleluia (inseto)  
kumnkā – espingarda  
kumnkās nōkrkukreze – folha de carne (árvore)  
kumtê – pau de ferro (árvore)  
kunêkwa – arruinador, destruidor  
kunêrsuipo – murici  
kunêrê wdê – araçazeiro  
kunêze – destruição  
kunmā – fogo  
kunmānîsdu – chama, labareda  
kupa – mandioca  
kupahâ – casca de mandioca  
kupahâikre – mandioca galheiro  
kupahâirê – mandioca-sutinga  
kupahurã – comida indígena (feita de mandioca)  
kupakbu – beiju de mandioca  
kupakmō – maniva  
kupakreze – tapiti  
kupakro – grolado  
kupanîtropre – mandioca-piripiri  
kupardu – crueira  
kuparpê - beiju  
kupasuikrã – mandioca-da-folha-roxa

kupasuiporê – mandioca imburana  
kupawã – buzina, trombeta  
kupawdêpre – mandioca brava  
kupazê – macaxeira  
kupazêĩkarê – macaxeira-castelão  
kupazêĩkbu – beiju de macaxeira  
kupazêĩkrã – macaxeira-sutinga  
kupazêipte – macaxeira-cacau  
kupazêsuirê – macaxeira-castelinho  
kupazu – farinha de mandioca  
kupazumkro – farinha-de-puba  
kupazumktabi – farinha seca  
kupazumztaze – forno para torrar farinha  
kupãĩ – abano  
kupi – peixe elétrico  
kupkrã – abelha arapuá  
kupkrãitdê – sapo (de lagoa)  
kupkrãzâpre – abelha arapuá vermelha  
kupkrã zdawanẽ - marimbondo-asa-branca  
kupkrnã – bambu, taboca  
kupkrtãhu – tabocal  
kupre – cerimônia pós funeral  
kupri – ralador  
kupsbize – coberta  
kupsdi – borduna com cabeça  
kupsõze – sabão  
kurbe – alcantil, barranco  
kurdi – arapuca, cerca  
kusi – furúnculo  
kusipa – jenipapinho  
kuti – sapo

kutizdazupre – rã, jia  
 kuwaĩkrê – Angelim (árvore)  
 kuza – onça parda  
 kuzapo – abóbora  
 kuzapre – onça suçuarana vermelha  
 kuzawara - onça suçuarana  
 kuzaze – vestimenta  
 kuzâ – fogo  
 kuzâ tdêkwa – nome de um dos clãs Xerente  
 kuzêĩkrãiro – papagaio corneta  
 kuĩwdê – tora de buriti  
 kũmdi – batata  
 kũmdikru – rama de batata  
 kũmdi nmĩ nnãpari – batata de purga  
 kwaka – marimbondo (cuja casa é branca)  
 kwakanrõwa – casa de marimbondo  
 kwakbureze – empecilho  
 kwakrêkwa – cavador  
 kwakrzuhâ – lagartixa  
 kwamhi – agulha  
 kwamnãrê – marimbondo  
 kwamnrõ – seda (fibra extraída do broto do buriti)  
 kwanrã – gengiva  
 kwapsêze – conserto  
 kwatbremĩ – garoto, menino  
 kwatewirê – calango da chapada  
 kwatêpo – embira  
 kwatbrekrda – antigos oficiais da aldeia que atuavam como conselheiros  
 kwazakreze – esmeril, pedra de amolar  
 mã – ema  
 mãka – louva-a-deus (insetos)

mākahrō – alma penada  
 mākrāwi – boca noite  
 māku – pato  
 mākumrê – marreco (espécie pequena)  
 mākum wasterê – jaçanã  
 mākumwawě - marreco selvagem  
 mǎprêwa – sogra, sogro  
 mǎra – noite  
 mǎrawaikwa – meia-noite  
 mǎsa – formigão  
 mǎsaikuhi – formigão (espécie pequena)  
 mǎsaiprerê – formigão-vermelho  
 mǎsaitdê – formigão-venenoso  
 mhõnĩ – mamangava  
 mkoitorǎ – caju  
 mkoitorǎnnǎkrê – castanha de caju  
 mkoitorǎrê – cajuí  
 mkõnĩ – cará, inhame  
 mmĩ – lenha  
 mmĩrkonnĩkrǎ – taúba  
 mmĩro – candeia (árvore)  
 mnǎ – cauda, rabo  
 mōkōizdi – bico-de-brasa (pássaro)  
 mrǎ – fome  
 mrǎ – floresta, mato  
 mrǎmrê – mosquitinho  
 mrmětõ – mudo  
 mrmētte – gago  
 mrmēze – fala, língua  
 mrõ – fava-de-coceira  
 mrõkru – trepadeira de espinho

mrõtõ – sem cônjuge, viúva  
 mzahi – cunhada (esposa referindo-se à irmã do esposo)  
 nãmnã – pega (pássaro)  
 nãnmãka – milho branco  
 nãnmãkarê - milho pipoca  
 nãnmãkbu – beiju de milho  
 nãnmãkrã – milho preto  
 nãnmãkrãnẽ - caninana (cobra)  
 nãnmãpre – milho vermelho  
 nãnmãwakmõ – sabugo de milho  
 nãnmãsahi – cabelo de milho  
 nẽpre – juriti  
 nẽpre prerê – sangue-de-boi (rolinha)  
 nĩ – carne  
 nĩhdu – neta, neto  
 nĩkrdi – espaço, esquina  
 nĩpize – trabalho  
 nĩptdê - força  
 nĩpttêze – fortificante  
 nĩsize – nome  
 nĩsdu – ponta  
 nmrãze – assento, cadeira  
 nmrõikwa – assassino (pl.)  
 nõkrêmzukwa – tio paterno  
 nõkrêptuize – vida  
 nõkrêze – cântico, hino  
 nõkro – gambá  
 nõkroikrarê – mucura pequena  
 nõkroiwaktû zawre – mucura preta grande  
 nõku – caldo  
 nõsi – seguinte

nōzâ – milho  
 nōzâkbu – beijú de milho  
 nōzâkmō – jaó  
 nrârê – abelha jataí  
 nrāromkwa – jararacuçu  
 nrāromkwai krāpre – jararacuçu de quatro ventas  
 nrõ – coco  
 nrõiku – bicho do coco  
 nrõipo – palmito  
 nrõkwatata – alma-de-caboclo, alma-de-tapuia (pássaro)  
 nrõkwatêtbe – mulungu  
 nrõkwatêtperê – carrapato pólvora, mucuim  
 nrõrê – coquinho da chapada  
 nrõromsu – folha de babaçu  
 nrõto – najá (coco)  
 nrõtómwdê – najá (palmeira)  
 nrõwa – habitação, residência  
 nrõwawê - coco da baía, coco da praia  
 nrõwawêzâ – polpa (de coco da praia)  
 nrõwda – tucano  
 nrõwdê – babaçu (palmeira)  
 nrõwdêhu – cocal, babaçual  
 nrõwdêsu – palha piaçaba  
 nrõwtanõkrã – tucano de bico preto  
 nrõwtanõkrãirê – tucano felipe  
 nrõwtapre – tucano de bico vermelho  
 nrõwtawasterê – tucaninho  
 nrõzâ – castanha de coco  
 nse – ombro  
 ntomze – tampa  
 ntõ - derradeiro, fim, último

ntõze – cama, esteira, lugar de dormir

pa – fígado

padi – tamanduá

padirê – bicho-pau (inseto)

pahi – medo

painõ – braço

pakrda – braço, úmero

pakre – gruta

pakrê – talhado

pampe – lampreia (peixe)

panĩmdi – galho

panĩsekarê – o quarto grau alcançado pelo rapaz no warã

panĩsekrdu – o segundo grau alcançado pelo rapaz no warã

pato – abelha-manoel-de-abreu

patrê – manbira, tamanduá-mirim

patro – capanga

pattêrê – onça-maracajá

pattêsikbukrã – jararaca-do-brejo

pawassize – algemas

pawi – cachimbo

pawiwdê – capitão-do-campo (árvore)

pãrkwa – matador, assassino (dual)

pâkrãnê - espádua

pâkre – concha (molusco)

peĩkwa – conselheiro da paz xerente

pidu – mutuca

pidu top sku – mutuca-azul

piduwapu – mutuca vermelha

pikã – alma-de-gato (pássaro)

pikãi wasde – galo-da-campina

pikõ – mulher

pikōkrapre – parturiente  
 pikōsiwawē - anciã  
 pikōiwapru – mênstruo  
 piku – abelha-chupé  
 piro – borboleta  
 piza – panela  
 piza - kahrize – fogão  
 piza - waku – caldo  
 pizazaparze – trempe  
 pizu –buriti  
 pizunnīkuze – gonsale-alves (árvore)  
 pizuwdêhu – buritizal  
 pkerê – coruja  
 pkê - coração  
 pkêhrikwa –libertador,salvador  
 pkêhrize - livramentor ,salvação  
 pkêwadmôze –tristeza  
 pkêzanīze – fôlego  
 pkokuiwa – banda ,metade  
 pku – lagoa ,lago  
 pnã – irmã mais nova da mulher , irmão mais novo do homem  
 pnĩnãnhu – pinhé , gavião – carrapateiro  
 po - veado  
 pohâipka – espanta –veado (pássaro)  
 pokmōnê - fidalgo ( peixe )  
 ponê – veado – mateiro  
 ponīshu – canela –de – ema (arbusto )  
 ponkêkmōporê – carneiro , ovelha  
 ponkêrê - bode , cabra ,veado – catingueiro  
 popanhâ –miroró (árvore)  
 popra – unha (de veado )

poprazaihâ – bastão –de –velho ( arbusto )  
 potê – peixe – frito ( pássaro )  
 poze – galheiro,veado (macho)  
 pra – pé , rasto  
 prahâ – cipó – imbé  
 praknõ – dorso do pé  
 prakrda – calcanhar  
 prakrpohâ – unha ( do dedo do pé )  
 prakrta – calcanhar  
 praktõ – dorso do pé  
 praktõto – tornozelo  
 prakupti – bicho – de – pé  
 prakuza – calçado, sapato  
 prakuzatêpa – bota  
 pranõwa – sola do pé, região plantar  
 prase – nome pelo qual, antigamente, se designava o clã hoje conhecido como krito  
 tdêkwa  
 predu – adulto , pessoa maduro  
 prehika – braseiro  
 prenĩzuri – fãisca  
 prezapdo – brasa  
 prêze – autoridade  
 prirdi – bem-te-vi  
 prkeze – açoite, chicote  
 prordo – caburé  
 prortorê – caburé-de-orelha  
 prottêwdê – casco-de-anta ( árvore )  
 prumkwa – repartidor  
 prumrê – pedacinho  
 prurtuku – cupim  
 prushi – coluna vertebral, espinha

psêkwa – consertador  
 ptokrda - ancião, velho  
 ptokwa – criador, originador, pai  
 ptoze – broto  
 ra – sambaíba ( árvore )  
 raksê – inharé ( árvore)  
 rarukwairê – cobra-de-duas-cabeças  
 rasuikrerê – sambaibinha – de – rama  
 rbekra - mirindiba  
 rbekraswasde – tarumã (árvore)  
 rbeta – pedra-de-fogo  
 remrã – almescla-aroeira  
 remrã - sui po – almascla-aroeira da folha larga  
 rem sdawa – abelha-moça-branca  
 reskõze – amansação  
 rkokwa – acendedor (aquele que acende)  
 rkoze – acendedor (aquilo que acende)  
 ro – coisa, coisas  
 ro – chapada  
 romhâiskurê – besourinho  
 romhâimbaikõ – fantasma  
 romhâisku - besouro  
 romkmãdkâ - opinião, plano, ponto-de-vista  
 romkrã – fruta, fruto  
 romkrãikuze – laranja  
 romkrãikuzerê – limão  
 romkrâtisku – marmelada ( árvore)  
 romkrã wdê – fruteira  
 romkre – lugar seco  
 romkro – carniça, fedor  
 romkru – rama

romkrukwa – rama de espinho

romkuiwě - luz

romkure – coisa lisa, coisa escorregadia

romkwa – espinho

romkwa – ferramenta

romnĩrnã – flor

romnĩsize – substantivo , nome (literalmente o nome das coisas)

romnĩwasi – lugar exposto

romnĩze – fumaça

romnmēze – armário, caixa , depósito, estante , mala

romnmĩpãĩ - veneno, erva venenosa

rompru – cisco, lixo

romsikwakru – badema

romsiwamnãĩ – bicho, monstro

romsku – coisa dura, coisa lisa

romssakrê – carro

romwa – azeite, banha, gordura, óleo

romwaihkuze – conhecimento, sabedoria

romwaĩku – berne, lagarta, verme

romwari - coisa dura

romwasku – notícia

romwaskukwa – arauto , proclamador de notícia

romwaskuwě - evangelho, notícia boa

romwaskuze – notícia

romwassi – feixe

romwawã – apiração , sombra

romzako – baderna , bagunça , barulho

romzakraze – girau, objeto sobre o qual ou dentro do qual se coloca o algo

romzampro – espuma

romzari – animal de criação, animal doméstico

romzazu – poeira

romzâ – semente

romzâpkrêkwa – semeador

romze – doença , doença venérea

ropistuze – promessa

ropsê awre – chapada

rowahdu – ensinamento, ensino

rowahtukwa – ensinador, mestre, professor

rowahtuze – ensinamento, escola, lugar de ensino, modo de ensinar

rowaka – brilho, claridade , fulgor resplendor

rowakku – ar , vento

rowakkurê – brisa

rowakro – calor, suor

rowaparka – barulho, ruído

rowasku – conto, história, notícia

rowê - coisa boa, lugar bonito, saúde

rowêkô – sofrimento

rowêze – embelezamento, restabelecimento

rurukwa – cobra coral

sabuze – construção

sadu – coca

sahô – lama

saikurze – escada, qualquer instrumento para subir

sakraze – depósito

sakukrê – saco

samrô – cuandu, ouriço

sasarkwa – caçador

sase – ângulo, canto

sasômrze – lugar de pendurar as coisas

satôrze – envio

saze – alimento, comida

sâmrkwa – achador

sãnmārê – candeia  
 sãnmāwawē - fava d´anta, faveiro  
 sãnmāwawē wdêkrturê – barbatimão  
 sbi – aranha  
 sbi awre – aranha-caranguejeira  
 sbinĩkwazi – teia-de-aranha  
 sbinĩkwazikwa – aranha-tecedeira  
 sbinĩpkrahipa – aranha-do-brejo  
 sbinõku – ajuntamento de aranhas  
 sbiprerê – aranha-vermelha-pequena  
 sbirê - aranha (espécie pequena)  
 sbo – cofo (usado em cerimônia pós-funeral)  
 sbreze – entrada  
 sdahikwasa – três-marias (constelação)  
 sdaihise – cigarra (espécie diurna)  
 sdakrbo – mandi-mole  
 sdakrboka – barbado (peixe)  
 sdakrbordu – mandi  
 sdakrbo zawre – jáú  
 sdakro – sol  
 sdapreze – maldição  
 sdarã – brejo, vargem, vereda  
 sdarbi – asa, pena  
 sdare – beira, margem  
 sdati – pica-pau-castanho  
 sdatiprerê – pica-pau-castanho (espécie pequena)  
 sdawa – boca  
 sdupuka – pica-pau-da-cabeça-branca  
 sdupuzâ – flauta dupla  
 se – martim-pescador (pássaro)  
 sekwa – pajé

sekwahi – cambito, libélula  
 senmākarê – amendoim branco  
 senmākrunē - tingui rasteiro  
 senmāprerê – amendoim vermelhinho  
 senmāwaktûrê – amendoim preto  
 senmāwdêrê – amendoim miúdo  
 separkwa – mãe  
 sepsde – pica-pau-do-campo  
 sezâ – amendoim  
 sēs-kēwdê – bananinha (árvore)  
 shōnĩ – curiango (pássaro)  
 shōnwawē - corujão  
 shuwdê – ipê, pau d’arco  
 si – ave  
 sibaka – garça  
 sibakarê – garça branca (pequena)  
 sibakawawē - jaburu-moleque  
 sidurkwai toprerê – gavião (espécie de)  
 sihâzumze – brincadeira  
 sihikuwa – frango-d’água-azul  
 sikakmōrê – galinha-d’angola-azul  
 sikakrapre – galinha  
 sikakrê – ovo (de galinha)  
 sikakrêre – galo  
 sikakrêrerê – frango  
 sikaku – piolho-d-galinha  
 sikanõ – cana-da-índia  
 sikanrōwa – galinheiro  
 sikaprapo – pato  
 sikarĩ – cigarro  
 sikasĩbakrda – franga

sikawawẽ - peru  
sikazasi – ninho (de galinha)  
sikazdarbi - pena (de galinha)  
sikbura – redomoinho  
sikburõize – assento, local de ajuntamento  
sikdu – aclave, ladeira  
sikmõbâ – jararacuçu-do-fogo (cobra)  
sikmõzawre – gavião-real  
siknõ – cofo  
sikrã – cego  
sikrãkwanrẽze – batismo  
sikrãisirdu – japu  
sikrẽktõze – ajuntamento, reunião  
sikru – inimigo  
siktõrê – cofinho  
siktõ nrĩrê – cofo com tampa  
siku – gavião  
sikudãze – negação  
sikumtêze – banheiro  
sikumza – gêmeo  
sikuprarê – manacá  
sikusiprakbo – gavião-de-penacho  
sikutõrze – perdição, término  
sikuza – pano, roupa  
sikuzakmãtteze – botão (de roupa)  
sikuza zapkuze – agulha (de costura)  
sikuze – pipira  
sikwapeze – briga, guerra  
sikwataka – araponga  
sikwazize – amarrilho  
simãzaze – relato

simãzusze – pensamento

simdaze – fumaça

simëkurze – esconderijo

simnãite – xexeu (pássaro)

simnãiterê – xexeu (pequeno)

simnãite wawẽ - congo, japim (pássaro)

simnkã – arma

sinãika – o quinto grau alcançado pelo rapaz no warã

sinãikrã – o terceiro grau alcançado pelo rapaz no warã

sinõkrzaka – papa-mel

sinõpre – carcará-de-peito-vermelho

sinõse – quero-quero

sipahiba – urubu-caçador-de-cabeça-amarela

sipaĩbarê – sanhaço-do-mamoeiro

sipahdu – urubu

sipda – baixada

sipêsê – adornar –se

sipize – trabalho

sipkra – mão

sipre – cigana (pássaro)

sipri – abelha-tubi-mansa

siprizdawadu – abelha-tubi-brava

sipsa – rapaz casto

sipsda – cansação

sipsĩmrê – tatuí

siptdê – força

sipptêze – fortificante

sirê – passarinho

sirêzasi – ninho (de passarinho)

simnã – flor

sirturê – urubuzinho (pássaro)

sisdakbâze – diálogo  
 sisize – nome  
 sitomzapdo – corujão  
 sitopkrã – tico-tico  
 siwadi – parente  
 siwaikẽ - amiga, amigo  
 siwamhârze – lutador  
 siwassĩkwa – consogra, consogro  
 siwazrêze – desculpa, escape  
 siwazusze – bastão, bengala  
 siwẽ - amante  
 siwētêtê – fortalecer-se  
 siwtakturê – curió  
 siwtakturê krãiprerê – pardal  
 siwtakturêwara – bicudo (pássaro)  
 siwtapre – sanhaço-de-fogo  
 sizdaku – bem-te-vi (pássaro)  
 sizdarbi – pena de pássaro  
 sizuire – tesourinha (pássaro)  
 sizuire – tesoura  
 sĩmnĩkwa – cunhada (homem se referindo à esposa do irmão)  
 sĩpikõ – fêmea  
 sĩpko – lasca  
 skrãzase – escorpião  
 skrê – nariz  
 skrêzaromkwa – cachorra (peixe)  
 skrêzaromkwaikarê – facão (peixe)  
 smêze – prisão  
 smĩaksêkõ – ignorante  
 smĩka – cinza  
 smĩkã – feitiçaria, feitiço

smĩkâ tdêkwa – dono do feitiço, feiticeiro  
 smĩkeze – facão  
 smĩki – corujão  
 smĩro – pau-louro (árvore)  
 smĩzapu – machado  
 smĩzu – braço  
 smrãze – assento  
 snĩkmõ – cunhado (forma de tratamento)  
 sōhitô – cupim de gado, geba  
 sōhkâkwa – traidor  
 sōite – arara azul  
 sōito – língua  
 sōknõ – peito  
 sōkrêmzu – sobrinho (filho da irmã)  
 sōkrêmzuzze – gravata cerimonial  
 sōkrêmzukwa – tio materno  
 sōkrhõ – socó  
 sōkrwassikwa – amarrador do cordão no pescoço da criança recém-nascida  
 spopkuze – lembrança, recordação  
 srã – colina, morro  
 sri – rim  
 sromã nõĩ – não indígena  
 srõwa – moradia, lar, residência  
 srusru – sete-estrela  
 ssanĩkwa – nora  
 ssu – folha de buriti  
 ssuirê – papagaio roxo  
 ssuwaĩpo – olho de buriti  
 stêromkwa – uma das duas equipes da corrida de tora  
 stomze – tampa  
 stõze – cama, esteira

stukrãipre – pica-pau-da-cabeça-vermelha

su – pêlo

suihâ – pau d'arco-da-chapada

sumzardumzusze – espora

sumzari – cavalo

sumzarnpokr po – burro

sumzarnpokrporê – jumento

sumzarsĩpikõ – égua

supra – chapada de areia

suprkrêti – cavalo-do-cão, vespão

surda –soldado

suwara – arara-preta

suwaratomzdakrenẽ - tucunaré

suwaratomzdakrenẽka – corvina (peixe)

takrêti – xixá (árvore)

tarê – menina, menininha

tã – chuva, inverno

tãikarê – chuvisco

tãikbuzi – relâmpago

tãiwapsa – raio

tãizâ – chuva de pedra, granizo

târa – ferro, machado

târakwaikõ – menju (árvore)

târapra – corrente

târapre – bronze

tbê – peixe

tbêkwa – tia paterna

tdêkwa – dona, dono, proprietário

tewdê – cachamorra

tê – canela (osso)

têzahipre – mata-cachorro (planta)

ti – carrapato  
 tikarê – carrapato (espécie pequena)  
 ti – flecha  
 tinnĩ – puçá (fruta)  
 tiwawẽ - ariranha, lontra  
 tka – araponga, ferreiro (pássaro)  
 tka – chão, terra  
 tkaikre – ilha  
 tkaikuknẽ - adobe  
 tkaikuknẽzbrê – tijolo  
 tkainmārê – pai-luiz (pássaro)  
 tkaitmõrã – areia  
 tkaiwamsrẽ - barro amassado  
 tkaizazu – poeira  
 tki – flecha  
 tkibuhikukerê – canajuba-brava-rajada (arbusto)  
 tkinhâikrãnẽ - pau-de-brinco (árvore)  
 tmõzdakdo – estrábico, vesgo  
 toki – pássaro preto  
 topi – remela  
 topkuĩtbro – corujinha  
 totko – pulsação  
 tpêbâ – arraia  
 tpêbâku – ferrão de arraia  
 tpêbâpre – arraia de fogo  
 tpêdurze – tarrafa  
 tpêhâirdu – baiacu  
 tpêhâirêktõrê – ladino (peixe)  
 tpêhâirê wawẽ - piabanha, piraicanjuba  
 tpêhâirtupre – cascudo-vermelho  
 tpêhâirtuwakdû –cascudo-preto

tpêhrêpa – bico de pato (peixe)  
 tpêka – lambari, piaba  
 tpêhâizazu – piaba-cizenta (peixe)  
 tpêkapa – piaba-comprida  
 tpêkapo – piaba larga (peixe)  
 tpêkatopre wawẽ - piaba-de-olho- vermelho-grande  
 tpêkburõihi – cari, cascudo  
 tpêkrarê – peixe pequeno (filhote)  
 tpêkrãipo – surubim  
 tpêku – ferrão de peixe  
 tpênnârê – curumatazinho  
 tpênõkrkwa – sardinha  
 tpênõkwa – pescador  
 tpênõrêwdê – sarã (árvore)  
 tpênpre – curumbatá, papa-terra  
 tpêpanpre – gavião-do-rabo-amarelo  
 tpêpê – margarida (peixe)  
 tpêtomzawre – jaraqui (peixe)  
 tpêtopkõ – candiru (peixe)  
 tpêtro – pirarara  
 tpêwazato – piau (peixe)  
 tpêwazato wawi – piau-de-vara (peixe)  
 tpêwtahi – bicudo (peixe)  
 tpêzaro – dourado (peixe)  
 tpêzdahâizakre – cascudinho, cascudo-de-espinho  
 tpêzdawapre – pirarara  
 tpêzdawarê – braúna  
 trikwatomrê – coquinho babão (fruta)  
 tuitkuka – rolinha-cinzenta  
 tuitkupre – rolinha-vermelha  
 tuitkurê – rolinha fogo-apagou

turê – menino, menininho  
 wa – papagaio  
 wa – lua  
 wabu – talo de buriti  
 wadu – capim, erva  
 waduirê – capim miúdo, grama  
 wahi – costela  
 wahi – cascavel  
 wahinmōkrêmhã – jararacuçu-pintada  
 wahirã – falsa costela  
 wahirê tdêkwa – nome de um dos clã xerente  
 wahu – ano, estação seca, verão  
 waihkâkwa – ajudante, ajudador, auxiliar  
 waihkuze – conhecimento  
 waihrâ – papagaio-verdadeiro  
 waikwa – piranha  
 waikwadupkrã – curupeté (peixe)  
 waikwa ka – pacu  
 waikwaka nōkrpte – pacu-manteiga  
 waikwakukrẽ - pacu-pintado-de-vermelho  
 waikwakwapê – piranha  
 waikwapre – pacu-vermelho  
 waikwawara – piranha-preta  
 waikwawara wawẽ - caranha (peixe)  
 waikwazakru – pacu-do-rabo-vermelho  
 waipärze – abano  
 wairê – aroeira  
 wairê – lua  
 waizaprõnkwa – estrela-guia  
 waĩhõ – âmagô, cerne  
 waĩkbakrãnẽ - abelha-tiúba

wakâ – preço  
 wakbunĩkwa – primogênito  
 wakbâze – pagamento  
 waki – cigarra  
 waknĩrã – sucupira  
 wakõ – quati  
 wokrârê – moreninha (árvore)  
 wakrda – pente  
 wakrdi – siriema (ave)  
 wakro – pati (árvore)  
 wakrowdê – arco  
 wakrtarê – samambaia  
 wakruize – moenda  
 waku – caldo  
 wakuto – vagalume  
 wakuto – landi (árvore)  
 wamnã – pau-pomba  
 wamrõze – vassoura  
 wamtpaka wdê – imburuçu  
 wanẽku – sucuri  
 wannã – cérebro  
 wanhêwa - gavião-do-rabo-branco  
 wanrõ – artéria, aveia  
 wapda – músculo glúteo  
 wapuzdarbi – avião  
 waprkekwa – membro do clã da metade posta  
 wapru – sangue  
 wapsã – cachorro  
 wapsãika – espiã, espião, vigia  
 wapsãprapo – guaxinin  
 wapsãĩpikõ – cadela

wapsãwara – raposa  
 wapsãzâ – pulga  
 waptâ – esteira  
 wapte – garoto, jovem, novo  
 waptem sihâzumze – campo-de-futebol  
 waptkãze – nascimento  
 Waptokwazawre – Deus  
 wapu – pulmão  
 ware – buritirana  
 warehânê - tabarana  
 warĩ – fumo  
 warĩpê – gavião fumaça  
 warĩwasde – espécie de árvore  
 wasa – jandaia  
 wasari – coco tucum rasteiro  
 wasã – grávida, prenhe  
 wasã – pimenta  
 wasi – estrela  
 wasisiwpto – as duas estrelas vizinhas ao cruzeiro-do-sul  
 wasitoprepê – marte  
 wasitoprerê – júpiter  
 wasitopre zawre – estrela-d'alva  
 waskukwa – anunciador, declarador, delator  
 wastekrãirdu – ata (fruta)  
 wastesuizakdi – pindaíba-do-brejo  
 watbroze – saída  
 wato – fuso  
 wawẽ - velho  
 wawkawdê – folha-larga (árvore)  
 wa za dârâ – eclipse da lua  
 wazakru – halo da lua

wazde – secador de massa (manual)  
 wazumzâ – feijão  
 wazumzâtêpo – fava  
 wazumzâwdêrê – feijão-andu  
 wãtwã – caramujo  
 wãtwã – acauã  
 wârkbû – beiju de massa de mandioca com carne  
 wda – bico  
 wdê – árvore, madeira  
 wdêzakrda – girau  
 wdêhâ – casca de árvore  
 wdêhâisku – gameleira  
 wdêhâize – quina-da-mata  
 wdêhâika – garapiá (árvore)  
 wdêhâikakure – escorrega-macaco  
 wdêhâikrãitirê – mamoeiro-brabo (árvore)  
 wdêhâiwapurê – quina (árvore)  
 wdêhkâsu – caparrosa (árvore)  
 wdêhu – vara  
 wdêkakekwa – serrador  
 wdêkeze – serrote  
 wdêkrã – jenipapo  
 wdêkrãikuze – laranja  
 wdêkrãikuze wdê – laranjeira  
 wdêkrãikwasa – oiti (fruta)  
 wdêkrãipo – manga, baru (fruta)  
 wdêkrãipo kuze – manga-de-cheiro  
 wdêkrãipopre – manga-rosa  
 wdêkrãipowdê – mangueira  
 wdêkrãipre – cajá  
 wdêkrãiwapu – jangada (árvore)

wdêkrê – pilão  
 wdêkrêzru – mão de pilão  
 wdêkrukrã – melancia  
 wdêku – canjirana (árvore)  
 wdêkumõikwa – lavrador (madeira)  
 wdêkuwa – pindaíba, craíba (árvore)  
 wdênãmrĩ – atraca (árvore)  
 wdênĩ – remédio de casca  
 wdênĩkbo – unha-de-gato (árvore)  
 wdênkra – galho  
 wdênmõrê – unha-de-lagartixa (trepadeira)  
 wdênrõ – embira, corda  
 wdênrõto – mutanba (árvore)  
 wdênrõ tomsuika – açoita-cavalo  
 wdênrõzarĩ – jangada-da-mata  
 wdêpa – raiz  
 wdêpakuze – pra-tudo (raiz medicinal)  
 wdêparã – pau-de-ovo (raiz medicinal)  
 wdêpassakrdi – cruz  
 wdêpazdazê – padagi (raiz medicinal)  
 wdêpko – tábuca  
 wdêpro – carvão  
 wdêrdu – angico  
 wdêrê – arbusto  
 wdêrtunĩrbo – resina de angico  
 wdêrturê – angiquinho (árvore)  
 wdêssamrõ – caminhão  
 wdêtdê – cega-machado (árvore)  
 wdêwaĩku – coró (bicho de pau podre)  
 wdêzaprumkwa – caruncho  
 wdêzê – tuturubá (árvore)

wēwdê – sucupira-preta  
 wīki – perdiz  
 wīki wasterê – codorna  
 wra – caranguejo-do-rio  
 wrazuwara – negro  
 wrābâ – abelha-trombeta-de-macaco  
 wrāhâipo – barata  
 wrāknō – tatu-de-rabo-mole  
 wrāktōhânê - tatarema (árvore)  
 wrāktōrê – tatu-de-rabo-de-couro  
 wrāku – tatu  
 wrākukuze – tatu-caiano  
 wrāpakrda – tatupeba  
 wrāsikbu – tatu-bola  
 wrā wawê - tatu-canastra  
 wre – anu (pássaro)  
 wrewawê - mergulhão  
 wrīkwa – assassino (sing.)  
 wtase – muriçoca, pernilongo  
 wtasekarê – muriçoca-da-asa-branca  
 zahi – cabelo  
 zaihâ – nádegas  
 zakmō – genro  
 zakoze – sela  
 zaprōnkwa – condutor  
 zaski – chave (medida indicada pelo espaço entre a perna)  
 zatōrze – envio  
 zazêĩkwa – crente, pessoa obediente  
 zazu – po, poeira  
 zâ – chocalho, maracá  
 zâ – jibóia

zâhuri – cutia

zâmhu – formiga

zâmhu krã – formiga-correição

zâmhukuzerê – formiga-catinguenta

zâmhukwata – formiga-do-bambu

zâmhupre – formiga-de-fogo

zâzumrê – gergelim

zbreze – entrada

zbru – pus

zda – coxa, perna

zdaĩkrê – boca, cavidade bucal

zdaku – baba, saliva

zdapda – queixo

zdaptanĩ – bochecha

zdarbi – asa, pena

zdu – pênis

ze – bexiga

ze – barro

zetzdê – marimbondo (constrói a casa de barro)

zettêrê – casinha de marimbondo, feita de barro, em formato pote

zu – traíra

zukrã – traíra preta

zupakarê – gengibre

zupapre – açafreão

zuwawê - trairão

zûzû – gafanhoto